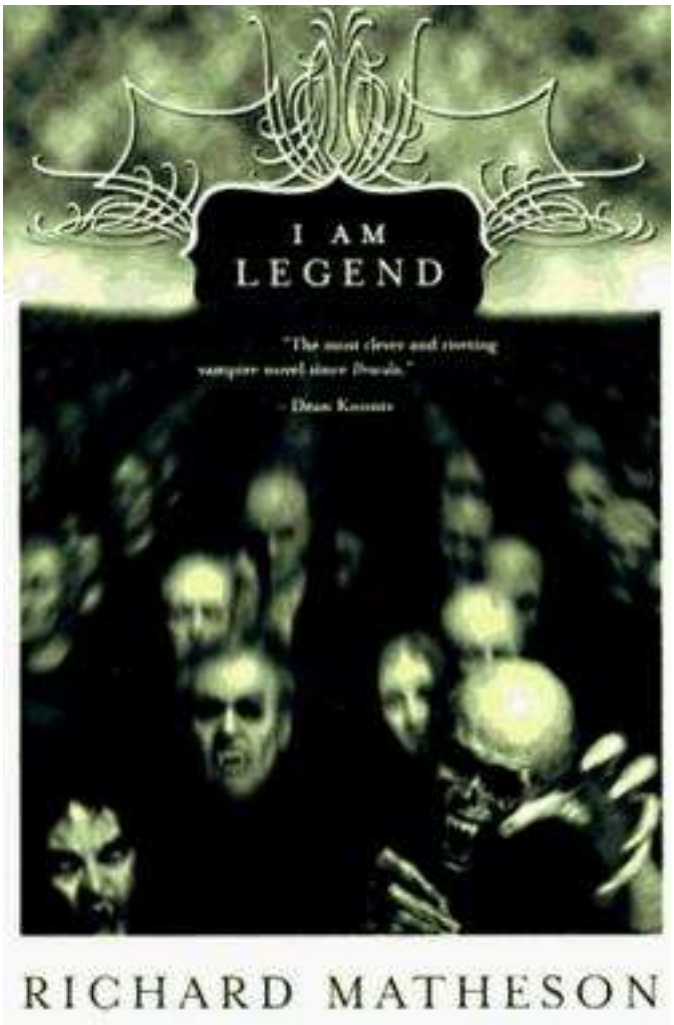

EU SOU A LENDA

RICHARD MATHESON

http://groups.google.com/group/digitalsource

EU SOU A LENDA
de
RICHARD MATHESON

PARTE I: Janeiro 1976

CAPÍTULO 1.

EM DIAS NUBLADOS COMO AQUELE, Robert Neville nunca estava certo quanto ao pôr-do-sol.

Se ele fosse um pouco mais analítico poderia calcular o tempo para a chegada da noite, mas ainda estava habituado a consultar o céu para isso, e nos dias nublados este método não funcionava.

Por isso, escolheu permanecer próximo de casa.
Caminhou na débil luz do fim de tarde com um cigarro pendurado no canto da boca,
deixando a fumaça trilhar seu caminho, sobre seu ombro.

Verificou cada janela, procurando uma moldura que estivesse partida.
Após tantos ataques violentos, a madeira começava a partir-se e ele tinha que consertá-la; um trabalho que odiava fazer.
Viu que uma das pranchas fora arrancada. Não é maravilhoso? Pensou.

Checou a estufa e o tanque de água nos fundos. Algumas vezes a estrutura ao redor do tanque se via enfraquecida, ou os colhedores de chuva se dobravam ou quebravam.

Às vezes, pedras que eram arremessadas sobre a cerca alta ao redor da estufa rompiam as redes aéreas e ele tinha que substituí-las.
O tanque e a estufas estavam bem hoje. Voltou a casa para pegar o martelo e alguns pregos. Assim que empurrou a porta da frente, viu-se no reflexo distorcido do espelho rachado que tinha prendido à porta um mês atrás. Em poucos dias, partes irregulares do vidro começaram a cair. Deixem que caia, ele pensou. Era o último maldito espelho que colocava lá; não valera a pena. Em seu lugar, colocaria alho.
O alho sempre funcionou.

Cruzou o silêncio da sala de estar virando à esquerda no pequeno corredor e à esquerda novamente para o seu quarto de dormir.

Uma vez aquele quarto estivera decorado de forma a ser aconchegante, mas fora em outro tempo. Agora era apenas um quarto funcional e uma vez que a cama de Neville e a escrivaninha ocupavam pouco espaço, transformou todo o resto em um depósito.

Uma longa prateleira corria toda a parede. Sobre ela havia uma serra pesada, um torno de madeira e uma roda de esmeril. Na parede estavam racks com as ferramentas que Robert Neville utilizava.

Tomou um martelo e selecionou alguns pregos de um dos escaninhos.
Então foi para fora e pregou a prancha à moldura da janela.
Jogou os pregos que não utilizou em um entulho.

Passou um tempo parado ali, olhando a extensão silenciosa da Rua Cimarron.
Ele era um homem alto, trinta e seis anos, ascendência anglo-saxônica, de traços comuns, exceto pelos lábios determinados e o azul dos olhos que agora se moviam contemplando os restos carbonizados das casas em cada lado da rua.
Ele as havia queimado para evitar que alguém pulasse sobre sua casa usando os telhados vizinhos.

Depois de poucos minutos, deu um longo suspiro e voltou para dentro.
Largou o martelo no sofá da sala e, pegando um cigarro, foi preparar seu drinque do meio-dia.

Depois daria um jeito na cozinha, no lixo que se acumulara ali nos últimos cinco dias. Sabia que devia queimar os pratos de papel e os utensílios, tirar o pó dos móveis, lavar a banheira e o toalete e trocar os lençóis e a fronha do travesseiro sobre sua cama, mas não sentiu vontade.
Ele era homem, estava sozinho e estas coisas não tinham tanta importância assim.

Já era quase de tarde. Robert Neville estava na estufa, colhendo um balde de alho.

No inicio ele ficava doente com aquele cheiro e seu estômago ficava sempre revirado.
Agora, o cheiro estava pela casa, impregnado nas suas roupas e às vezes ele pensava que sua pele cheirava a alho. E ele mal percebia.

Quando tinha colhido o suficiente, voltou para casa e jogou-os no escorredor da pia.
Assim que pressionou o interruptor, a luz acendeu-se, trêmula, depois ficou normal.
Um silvo escapou entre dentes.
Era o gerador de novo.
Teria que sair e verificar o maldito manual outra vez e ver a fiação.
E, se era fosse complicado reparar, teria que instalar um gerador novo.
Irritado com aquilo, pegou uma faca e sentou-se em um tamborete junto da pia.

Primeiro separou as cabeças de alho e os dentes rosados, depois os cortou pela metade, expondo seu interior. O ar fino se encheu com aquele odor pungente.
Quando ficou insuportável, ligou a unidade de ventilação, afastando o pior dali.

Alcançou um picador de gelo. Perfurou ao meio de cada metade de dente, unindo-os por um fio até completar vinte e cinco colares.

No começo tinha pendurado estes colares sobre as janelas. Mas eles jogavam pedras à distância, até que se viu forçado a cobri-las com placas de madeira compensada.
Finalmente, um dia ele havia coberto todas elas desse jeito.
Tinha feito da casa um sepulcro sombrio, mas era melhor do que ter pedras atravessando sua sala em jorros de lascas de vidro.
E, uma vez que instalou três unidades de ar condicionado, até que não ficou tão ruim.
Um homem pode se acostumar a tudo, se não tiver outro jeito.

Quando terminou com os colares de alho, saiu e pregou-os sobre a moldura das janelas, arrancando os antigos, que tinham perdido seu cheiro poderoso.

Tinha que repetir este processo duas vezes por semana. Até que achasse algo melhor, esta seria sua primeira linha defensiva.

Defesa? pensou. De quê?

Passou toda a tarde fazendo estacas.

Cortava cavilhas em comprimentos de quinze centímetros. Depois, no esmeril, fazia com que as extremidades ficassem tão pontudas quanto dardos.
Era um trabalho cansativo e monótono e que enchia o ar com o pó de madeira queimada, que se fixava nos poros da pele e no pulmão, fazendo-o tossir.

Apesar disso, nunca era o bastante. Não importa quantas estacas fizesse, elas acabavam logo. E estava cada vez mais difícil encontrar cavilhas. Eventualmente teria que usar outro tipo de madeira.

Aquilo tudo o deprimia e o obrigaria a encontrar um outro jeito. Mas como podia pensar se não tinha tempo para tal?

Enquanto trabalhava, ouvia, pelos alto-falantes que instalara ali, a terceira, a sétima e a nona sinfonia de Beethoven.
Graças a sua mãe, aprendera de cedo a apreciar este tipo de música que tanto o alegrava, além de ajudá-lo a encher o terrível vazio das horas.

Das quatro horas em diante, sua atenção se voltou para o relógio na parede.
Trabalhava em silêncio, os lábios pressionados, o cigarro no canto da boca, os olhos olhando fixamente o bocado de pó de madeira que se depositava no assoalho.
Quatro e quinze, quatro e trinta, quinze para as cinco.

Daí a uma hora os bastardos asquerosos estariam em volta da casa.
Assim que a luz do dia se fosse.

Foi buscar sua ceia no congelador gigante.
Seus olhos entediados passeavam sobre peças de carne congelada, vegetais, pães, bolos, frutas e sorvetes.

Escolheu duas costeletas de cordeiro, feijão-de-fava e um suco de laranja em caixa.
Fechou a porta do freezer com o ombro.
Foi até onde pilhas de latas de conservas chegavam ao teto e escolheu uma lata de molho de tomate. Deixou o lugar que uma vez fora dormitório de Kathy e hoje pertencia ao seu estômago.

Lentamente, passou pela sala de estar, observando a parede dos fundos coberta por um tapume. Pintado nele, um penhasco subindo do oceano verde azulado, gaivotas brancas surfando no vento e à direita uma árvore próxima ao precipício, com galhos negros contra o céu.

Entrou na cozinha, jogando os alimentos sobre a mesa. Seus olhos procuraram o relógio.
Vinte para as seis. Faltava pouco.

Colocou um pouco de água numa panela e então a levou a uma das bocas do fogão. Quando a água começou a ferver, jogou as favas congeladas dentro da panela e a cobriu.

O mau funcionamento do gerador provavelmente se devia ao fogareiro elétrico.
À mesa, cortou duas fatias de pão para si e serviu-as com molho de tomate.
Sentou-se, olhando o ponteiro de segundos vermelho no mostrador do relógio.
Os bastardos apareceriam em breve.

Depois de ter terminado seu molho de tomate, andou até a porta da rua e saiu. Pisou no gramado e andou até a calçada.

O céu estava escurecendo e a temperatura caía. Olhou para cima e para baixo da Cimarron Street, a brisa fresca mexendo seu cabelo louro. Aquele era o problema com os dias nublados; você nunca sabe quando viriam.

De qualquer modo, eram melhores do que as malditas tormentas de poeira.
Deu de ombros e voltou para casa, ocupando-se em bloquear a porta atrás dele, colocando uma fina barra de ferro atravessada em seu lugar.
Voltou à cozinha, acabou de preparar as costeletas e apagou o fogo.

Colocava a comida no prato quando parou. Seus olhos encontraram o relógio.
Seis e vinte. Ben Cortman gritava:
-Sai de casa, Neville!
Robert Neville sentou-se, suspirou e começou a comer.

Sentado na sala, tentava ler.
Preparara um uísque com soda em seu bar minúsculo e, segurando o copo gelado, lia um texto sobre fisiologia. Do alto-falante junto à porta do corredor, fluía a música de Schonberg.

Não tão alta o suficiente, é claro. Ainda os ouvia do lado de fora, os murmúrios, passos e gritos, brigando e xingando.
Às vezes uma pedra ou tijolo acertava a casa. Às vezes um cão latia.
E era sempre a mesma coisa.

Robert Neville fechava os olhos por um momento e comprimia os lábios.
Então abria os olhos e acendia um cigarro, deixando a fumaça penetrar-lhe os pulmões.
Queria ter tempo para deixar a casa à prova de som. Seria melhor se não precisasse ouvi-los. Depois de cinco meses aquilo começava a dar nos nervos.

Ele nunca olhava para eles.
No começo, fazia buracos na porta para observá-los.
Mas por uma vez, algumas mulheres perceberam e passaram a fazer gestos insinuantes como se quisessem atraí-lo para fora. Ele não precisava daquilo.

Fechou o livro e olhou desolado para o tapete, ouvindo Verklarte Nacht vindo do estéreo.
Podia colocar tampões de ouvido para não ouvi-los, mas com isso também não ouviria a música. E não seria forçado a isso por eles.

Fechou os olhos novamente. As mulheres tornavam as coisas difíceis, as mulheres agiam como bonecas lascivas na noite, esperando convencê-lo a sair.

Estremeceu.
Toda noite era a mesma coisa. Começava a ler e ouvir música e começava a pensar em tornar a casa a prova de som e estava pensando nas mulheres.

Seu corpo se aquecia febril e pressionava os lábios até perderem a cor. Conhecia bem a sensação e enfurecia-se por não poder combatê-la. E aquilo ia ficando pior até não poder ficar mais sentado.
Talvez se ele ligasse o projetor de filmes ou comesse algo ou se enchesse de bebidas ou
aumentasse o volume da música tão alto a ponto de doer seus ouvidos.
Tinha que fazer alguma coisa quando a coisa ficava realmente ruim!

Sentiu os músculos de seu abdômen contraídos como molas.

Pegou o livro e voltou a ler, lendo cada palavra lenta e dolorosamente.
Mas logo o livro estava em seu colo de novo.
Olhou para a estante de livros. Todo o conhecimento guardado naqueles livros não podia apagar o fogo que o consumia, séculos de palavras não satisfaziam o desejo irracional em sua carne.
Compreender esse fato o deixava doente.
Era um insulto ao homem.
Está certo que fazia parte de sua natureza, mas não havia mais lugar para isso.
Eles o forçaram ao celibato e tinha que viver assim.
Você tem um cérebro, não tem? Perguntava-se. Então use!
Aumentou o volume da música e obrigou-se a ler uma página inteira sem parar.
Lia sobre células vermelhas e membranas, linfas e nódulos linfáticos, sobre linfócitos e células fagocitárias.

"... no vazio, na região à esquerda, próxima ao tórax, em uma grande veia do sistema circulatório."

Fechou o livro com um golpe.
Por que não o deixavam em paz? O que esperam conseguir? Será que eram tão estúpidos? Por que continuavam a aparecer todas as noites? Depois de cinco meses, deviam ter ido embora, tentar em outro lugar.
Foi até o bar e preparou outro drinque.
Assim que voltou para sua cadeira, ouviu as pedras rolando pelo telhado e acima de todos os sons, ele ouvia Ben Cortman gritando como sempre:
-Sai de casa, Neville!
Algum dia eu pego este bastardo, pensou, dando um gole longo e amargo.
Um dia eu cravo uma estaca bem no meio do peito dele!
Farei uma estaca especial para ele, de um metro, uma especial, com fitas, maldito!
Amanhã. Amanhã ele faria a casa à prova de som.
Não agüentava mais pensar naquelas mulheres. Talvez se não as ouvisse, não pensasse nelas.
Amanhã, amanhã.

A música chegou ao final e ele pegou alguns discos e guardou-os em suas capas.
Agora dava para ouvi-los mais claramente lá fora.
Pegou um novo disco e colocou-o no aparelho, aumentando o volume ao máximo.
'O ano da praga', de Roger Leie, encheu seus ouvidos.
Violinos subiam em lamentos, tímpanos como um coração moribundo, flautas estranhas, melodias atonais.
Num acesso de raiva, arrancou o disco quebrando-o no joelho direito. Devia ter feito isso há muito tempo. Marchou para a cozinha e atirou seus pedaços na lata de lixo e então ficou parado na escuridão, de olhos fechados, dentes cerrados, as mãos cobrindo os ouvidos. Me deixem em paz... me deixem em paz, me deixem em paz!
Não adiantava tentar acertá-los de noite. Nem valia a pena tentar. Era a vez deles.
Seria estupidez tentar. Poderia assistir a um filme, mas não, não tinha vontade de ligar o projetor. Iria para cama então, colocar os tampões de ouvido e tentar dormir.
Era o que acabava fazendo, todas as noites.

Rápido, sem pensar em mais nada, foi para o quarto e despiu-se.
Vestiu a parte de baixo dos pijamas e foi ao banheiro.
Nunca usava a parte de cima, era um hábito que adquirira no Panamá, durante a guerra.

Viu-se ao espelho enquanto se lavava. Contemplou o peito largo e a cruz tatuada nele, durante uma noite de bebedeiras no Panamá.
Que louco eu era naquele tempo! Pensou.
Bem, talvez a cruz tivesse lhe salvado a vida.
Escovou os dentes com cuidado e usou fio dental. Tentava conservá-los em bom estado, pois agora ele era seu próprio dentista.
Algumas coisas podem ir mal, mas não a sua saúde.
Então, por que ele não largava de vez a bebida?
Por que não vai pro inferno? Pensou em seguida.
Voltou à sala para apagar as luzes. Por poucos minutos olhando para o tapume, tentou acreditar que era realmente um oceano.
Mas como ele conseguiria isso com tantos gritos e grunhidos noturnos?

Desligou a única lâmpada e foi para o quarto.
Desgostoso, viu que uma camada de pó cobria a cama.
Sacudiu o pó com as mãos, pensando se não era melhor construir uma divisão que separasse a oficina do resto. Melhor fazer isso, melhor fazer aquilo... havia tantas coisas a serem feitas que ele nunca chegasse ao problema real.

Ajustou os tampões nos ouvidos e o silêncio o engoliu. Apagou a luz antes de meter-se nos lençóis. A face iluminada do relógio de cabeceira dizia que passava das dez.
Como sempre. Desse jeito acabo acordando cedo.

Deitado na cama, dando longos suspiros na escuridão, esperava poder dormir.
Mas o silêncio não ajudava. Podia vê-los ainda, lá, os homens com os rostos pálidos, ao redor da casa, procurando uma maneira de chegar até ele.
Alguns se coçando feito cão, os olhos brilhando, dentes raspando uns nos outros, juntos.

E as mulheres...

Tinha que pensar nisso de novo? Rolou sobre o estômago amaldiçoando-se e enfiou o rosto no travesseiro quente. Ficou lá, respirando pesadamente, o lençol arranhando o corpo. Traga logo a manhã. Sua mente repetia estas palavras a cada noite, Deus, traga logo a manhã.

Sonhou com a Virgínia e gritou durante o sonho enquanto seus dedos agarravam os lençóis como garras.

CAPÍTULO 2.

O alarme tocou as cinco e trinta e Robert Neville esticou o braço adormecido contra a manhã melancólica e o desligou.
Procurou os cigarros e acendeu um já sentado. Depois de algum tempo levantou-se, atravessando a sala escura e abriu a vigia da porta.
Lá fora, na penumbra, figuras escuras permaneciam paradas como soldados silenciosos a serviço. Alguns deles começaram a se mover, indo embora, murmurando descontentamento.
Outra noite chegava ao fim.

De volta ao quarto, acendeu a luz e vestiu-se. Estava acabando de vestir a camisa quando ouviu Ben Cortman gritar:
-Sai de casa, Neville!
E foi só. Depois disso alguns gritos fracos. Ele sabia quando iam embora, a não ser que tivessem atacado um deles. Às vezes acontecia. Não havia união entre eles.
Sua necessidade era sua única motivação.

Vestido e sentado à cama, começou a escrever uma lista para aquele dia.

Torno na Sears
Água
Checar o gerador
Madeira.
O de sempre.

O café da manhã foi limitado. Um copo de suco de laranja, uma torrada e dois copos de café. Terminou rapidamente, desejando que tivesse paciência para comer mais devagar.
Jogou os pratos de papel e o copo no lixo e escovou os dentes.
Ao menos tinha um bom hábito, consolou-se.
A primeira coisa que fez ao deixar a casa foi olhar para o céu.
Limpo, virtualmente sem nuvens.
Ele podia sair sem se preocupar. Bom.
Assim que atravessou a calçada, seu sapato acertou alguns pedaços de espelho.

Havia quebrado, como imaginou que ia acontecer. Limparia depois.
Um dos corpos estava jogado à calçada e o outro logo depois.
Ambos de mulheres. Sempre são.
Abriu os cadeados da garagem e pegou grossas luvas na traseira do jipe militar e então voltou à mulher na calçada.
Não havia nada de atrativo nela à luz do sol, pensou, arrastando-a até jogá-la numa lona encerada. Não havia uma gota de sangue nelas, ambas tinham a cor de peixe fora da água.
Fechou a lona e a prendeu nas pontas.
Pegou algumas pedras e tijolos, colocando dentro.
Colocou o saco no jipe e tirou as luvas.
Entrou em casa, lavou as mãos e fez um lanche.
Dois sanduíches, biscoitos e uma térmica de café quente.
Quando terminou, foi ao quarto pegar sua sacola de estacas.
Pendurou-a as costas, prendeu o martelo no cinto e saiu trancando a porta.

Não iria sair por ai procurando por Ben Cortman aquela manhã, havia muitas coisas para fazer. Lembrou do trabalho de tornar a casa à prova de som, conforme havia pensado na noite anterior. Oras, que diabos, farei isso amanhã ou em outro dia nublado.
No jipe, checou a sua lista. O primeiro item era um torno da Sears – depois de se livrar dos corpos, é claro.
Ligou o veículo e logo dirigia pela rua em direção ao bulevar Compton.
Virando à direita, tomou rumo leste.
Ambos os lados da rua de casas silenciosas, assim como os carros estacionados, vazios e mortos.
Olhou para o marcador de combustível. Contava ainda com meio tanque, mas ele devia dar uma parada na avenida oeste e enchê-lo. Não havia motivos para usar a gasolina estocada na garagem para uma necessidade.
Encostou no posto e puxou o freio. Virou um galão de gasolina dentro do tanque até que o liquido começasse a jorrar, caindo no cimento.
Verificou o óleo, a água do radiador, da bateria e os pneus.
Tudo estava bem. Tinha uma atenção especial com o carro. Se ele quebrasse, não conseguiria chegar em casa antes do pôr do sol.
Bom, não havia mesmo motivo para se preocupar com isso. Se isso acontecesse, era o fim.

Continuou pelo bulevar dos depósitos de óleo, através de Compton e suas ruas silenciosas.
Não havia ninguém à vista em parte alguma.
Mas Robert Neville sabia onde estavam.
O fogo sempre queimando.
Assim que o carro chegou mais perto, calçou as luvas e a máscara de gás e, olhando através dela, viu a extensa coluna de fumaça que subia e pairava sobre a terra.

O campo inteiro fora escavado e era um gigantesco poço desde junho de 1975.
Neville encostou o carro e saltou, ansioso por terminar sua tarefa.
Foi até a traseira, tirou um dos corpos e o arrastou até a beirada do poço.
Levantou-o um pouco e o empurrou.
O corpo caiu em direção ao fundo fumegante.
Voltou ao jipe, pegou o outro corpo e o empurrou pela borda do poço.
Voltou rápido ao carro, sentindo-se sufocado, apesar da mascara de gás.
Dirigiu rápido para longe.
Depois de quase um quilômetro, arrancou a máscara e as luvas jogando-as no banco traseiro.
Com o boca aberta, engolia porções generosas de ar fresco para dentro dos pulmões.
Do porta luvas tirou uma garrafa e bebeu um longo gole de uísque.
Então acendeu um cigarro e tragou profundamente.
Por vezes teve que voltar ao poço todos os dias, durante semanas, e isso o deixava doente.

Em algum lugar lá embaixo, no poço, estava Kathy.

No caminho para Inglewood parou num mercado para pegar algumas garrafas de água.
Assim que entrou na loja silenciosa o fedor de comida podre encheu suas narinas.
Rapidamente, empurrou um carrinho de compras metálico, pelos corredores empoeirados. O fedor opressivo e decadente o obrigava a respirar pela boca.

Encontrou garrafões de água nos fundos e uma porta que abria para um lance de escadas. Depois de deixar os garrafões no carrinho, subiu as escadas.
O dono do mercado devia estar lá encima, começou a pensar.

Eram dois. Deitada no sofá, uma mulher de uns trinta anos, vestindo um penhoar vermelho. Respirava lentamente, olhos fechados e as mãos crispadas sobre o estômago.
As mãos de Robert Neville buscaram o martelo e a estaca.
Sempre era terrível, principalmente se estavam vivos e especialmente se eram mulheres.
De novo sentiu aquela urgência insensata que contraia os músculos.
Aquilo era insanidade, não havia um argumento racional para isso.
Ela não fez nenhum barulho, a não ser por um estertor final.
Assim que entrou, ouvira o som de água correndo. Bem, o que mais eu posso fazer? Perguntou-se enquanto tentava convencer a si mesmo de que estava fazendo o certo.
Parou um tempo olhando pela janela ao lado da cama. Então foi para o lado da menina.
Por que será que todas elas pareciam com Kathy? Pensou, puxando uma segunda estaca com as mãos trêmulas.

Enquanto dirigia lentamente para a Sears perguntou-se por que só as estacas de madeira funcionavam.
Cruzou, ainda contrariado, a avenida deserta. O único som que se ouvia partia do motor de seu carro. Parecia estranho que, só agora, depois de cinco meses, ele pensasse a respeito.
Isso trazia uma outra pergunta. Por que sempre tinha que ser no coração?
Acerte-os no coração, dizia o Doutor Busch. No entanto, Neville não tinha conhecimentos anatômicos.
Franziu a testa. Era irritante ter seguido estas ordens por tanto tempo sem ter parado para questionar uma única vez.

Balançou a cabeça. Não, eu devo pensar nisso com cuidado, tenho que juntar as perguntas e dar resposta a elas. Tenho que tentar encontrar respostas. As coisas devem ser resolvidas da maneira certa, de maneira cientifica.

Sim, sim, pensou, sombras do velho Fritz. Esse era o nome de seu pai.
Neville lutara tanto tempo contra a lógica do pai, negando seu pensamento mecânico por toda a vida. Seu pai morrera, contudo, negando a existência de vampiros até o último momento.

Encontrou o torno na Sears, carregou-o no jipe e foi procurar os funcionários.
Cinco deles estavam no sótão da loja, escondidos nas sombras.
Um deles, Neville encontrou dentro de um freezer de porta transparente.
Quando viu o homem em seu caixão de gelo ele teve que rir; pareceu-lhe um lugar engraçado para se esconder.

Depois pensou que afinal era um mundo sem humor se ele podia encontrar graça numa coisa dessas.

Por volta das duas parou para comer o lanche. Tinha gosto de alho.

E quanto ao efeito do alho? O cheiro de alho os afastava, mas por quê?

Eram bem estranhos os fatos sobre eles; ficavam escondidos durante o dia, tinham pavor de alho, morriam pelas estacas, tinham medo de cruzes e supostamente evitavam espelhos.

Esta última, por exemplo. De acordo com a lenda, eram invisíveis em espelhos, mas ele sabia que não era verdade.
Assim como não era verdade de que viravam morcegos.
Era uma superstição que a lógica, mais a observação, facilmente descartara.
Igualmente tola era acreditar que se transformavam em lobos. Sem duvida existiam cães vampiros, pois podia ouvi-los à noite do lado de fora da casa, mas eram apenas cães.

Robert Neville comprimiu os lábios. Esqueça, disse para si mesmo; você não tem certeza disso. Chegaria uma hora em que teria certeza da coisa toda, mas ainda não chegara este tempo. Haviam outras coisas com que se preocupar.

Depois do lanche, foi de casa em casa até usar todas as suas estacas.
Ele tinha quarenta e sete delas.

CAPÍTULO 3.

"A força de um vampiro está em ninguém acreditar que ele existe."

Obrigado doutor Van Helsing, pensou largando sua cópia de "Drácula".
Sentou-se olhando para a estante, ouvindo o segundo concerto para piano de Brahms, um uísque na mão direita e um cigarro nos lábios.
Isso era verdade.
O livro era um amontoado de superstições e clichês mas aquela frase era verdadeira, ninguém havia acreditado neles e como se pode lutar contra algo em que não se acredita?
Assim havia sido. Algo obscuro, saído das noites medievais. Algo sem a menor possibilidade de ser crível, algo só encontrado nas páginas da literatura fantástica.
Vampiros eram coisa do passado, dos idílios de Summers ou os melodramas de Stoker, ou de uma breve incursão na enciclopédia Britânica ou para escritores de terceira categoria ou material para filmes B.
Uma lenda tênue que atravessou séculos.
Bem, e era verdade.

Tomou um gole de seu drinque e fechando os olhos enquanto o líquido gelado seguia pela garganta até seu estômago.
Eram verdadeiros, pensou, mas ninguém teve a chance de conhecê-los bem.
Eram, então, produto da imaginação, superstição, não havia tal coisa.
E antes que a ciência capturasse a lenda, a lenda engoliu a ciência e todo o resto.

Não procurou madeira naquele dia. Não checou o gerador nem limpou os restos quebrados do espelho.
Nem comeu tão bem; perdera a fome.
Não conseguia comer depois do que fez, nem mesmo depois de cinco meses.
Pensou nas onze, não, doze crianças naquela tarde e terminou o drinque com apenas dois goles.

Piscou e a sala inteira pareceu se deslocar. Tá ficando bêbado, papai, disse para si mesmo.
E daí? Será que não tinha o direito?
Atirou o livro longe. Vãobora daqui, Van Helsing e Mina e Jonathan e conde de olhos vermelhos e tudo mais! Ficções, extrapolações de um tema de terror.
Tossiu.

Lá fora Ben Cortman chamava-o para sair!
Fique ai Benny, vou vestir meu smoking e já apareço!

Por que não? Por que não sair? Espere um pouco. Por que não? Era um jeito de se livrar deles!
Sendo um deles!
Pensou na simplicidade da coisa então balançou a cabeça e tropeçou em direção do bar.
Por que não? Sua mente não trabalhava bem. Por que se preocupar tanto, se bastava abrir uma porta para acabar com os problemas?

Existia, entretanto, uma possibilidade de haver outros como ele, tentando sobreviver, esperando algum dia encontrar gente do seu tipo novamente. Mas como os encontraria se não estavam a um dia de carro de distância de sua casa?

Derramou mais uísque no copo; o que fizera nos últimos meses? Colocou alho nas janelas, redes em volta da estufa, queimou alguns corpos, e de pouco em pouco, foi reduzindo o número deles. Por que se enganar? Ele nunca encontraria ninguém.

Caiu pesadamente na cadeira.
Aqui estamos nós, crianças, sentado como um inseto na merda, confortáveis, enquanto um batalhão de chupadores de sangue deseja se banquetear com minha hemoglobina..
Bebam um por mim, cavalheiros, este é por minha conta!

Seu rosto se encheu de cólera, ódio inqualificável.
Bastardos!
Vou matar cada filho da mãe antes de vocês me pegarem!
Sua mão direita se fechou quebrando o copo.

Olhou os pedaços do copo no chão, e o caco que penetrava a palma da sua mão, e o uísque diluindo-se no sangue que pingava.

Querem um pouco disso? Levantou-se furioso e quase foi abrir a porta.
Seria bom confrontá-los, ver suas caras feias e ouvi-los uivar.

Então fechou os olhos e todo seu corpo tremeu. Calma, homem, pensou.
Vá tratar desta maldita mão.

No banheiro, lavou o ferimento cuidadosamente, usando iodo e um curativo limpo.
Suava em gotas grossas. Precisava fumar.

Na sala, trocou Brahms por Bernstein e acendeu um cigarro.
O que será de mim se ficar sem cigarros, pensou olhando a fumaça azulada.
Bem, não havia muita chance disso acontecer.
Haviam mais ou menos mil maços no armário do quarto de Kathy, quer dizer, na despensa, a despensa, a despensa.

O quarto de Kathy.
Sentou-se olhando fixo o tapume pintado enquanto 'A idade da ansiedade' pulsava em seus ouvidos. Idade da ansiedade. Você pode pensar que sabe o que é sentir ansiedade Lenny.
Lenny e Benny deviam se encontrar um dia.
Compositor encontra vampiro.
Mamãe, quando eu crescer quero ser um vampiro que nem o papai.
Oh, meu querido, é claro que você será!
O uísque respingou para fora do copo.
Sua mão doía então agarrou a garrafa com a esquerda.

Sentou e bebeu. Vamos dar trabalho à sobriedade, pensou. Vamos expurgar a clareza, a realidade o quanto antes. Eu a odeio.

Gradualmente a sala assumiu o centro de um giroscópio, ondulando e ondulando sob sua cadeira. Uma sensação de prazer, de perda de limites envolveu-o enquanto olhava para o estéreo. Sua cabeça vacilava e caia para os lados.

Do lado de fora, eles rondavam, murmuravam e esperavam.

Pobres vampiros, pensou, pobres criaturas abandonadas rondando minha casa, tão sedentos, sedentos e desamparados.

Teve uma idéia. Levantou um dedo que não ficava parado em frente aos olhos.

Amigos. Venho aqui diante de vocês para discursar sobre o vampiro; um elemento da minoria, se é que um dia existiu e que existe hoje.
Mas vou preciso colocar claramente a minha tese, que é: os vampiros são vítimas.
A chave desta teses é que, como minoria, eles são desprezados por que nós os tememos.
Portanto...

Preparou outro drinque, um bem grande.

Uma vez, durante a idade das trevas, para ser sucinto, o poder de um vampiro era imenso, o medo que espalhava era tremendo.
Uma vez excomungados, assim permaneciam.
A sociedade os odiava sem uma razão.
Mas suas necessidades eram mais chocantes que as necessidades de outros animais ou mesmo de alguns homens?

Seriam elas mais ultrajantes que aquelas que levam uma mãe ou pai a sufocar um filho?
Um vampiro pode fazer coisas incríveis. Mas é pior que os pais que entregam à sociedade uma criança que cresce para se tornar um político?
Ele é pior do que o fabricante de bombas e armas que alimentam nacionalistas suicidas?
Ele é pior que os fabricantes de bebidas que fabricam o suco maldito que enche o cérebro de idéias erráticas e impede de ter pensamentos coerentes?
(Peço perdão por esta calúnia, brindo ao trigo que me alimenta!)
Ele é pior do que o editor que enche as prateleiras com exemplos de luxúria e desejos fatais? Sério, procurem dentro de suas almas; queridos... será o vampiro tão mau assim?

Tudo que ele faz é beber sangue!
Então por que condená-lo? Por que ele não pode viver com sua escolha?
Por que tem que se esconder em lugares onde ninguém possa encontrá-los?
Por que queremos matá-lo? Nós transformamos este inocente coitado em um animal assustador. Eles não possuem recursos para obter uma educação apropriada, não possuem o direito de votar, eles são compelidos a viver uma existência como predadores noturnos.

Robert Neville deixou escapar um grunhido.
Você deixaria sua irmã sair com um vampiro?
É, você me pegou nessa! Pegou mesmo!

A música parou. A agulha recuou para o descanso.
Sentou-se sem sentir as pernas. Esse era o problema em beber demais.
Você acaba se tornando imune a porres e a alegria não dura muito.
Depois que você fica feliz, então vem o colapso.
A sala estava voltando ao lugar de sempre e os gritos de fora eram audíveis novamente.

"Sai, Neville!"

Vamos lá! As mulheres estão esperando semidespidas, a carne à mostra, esperando seu toque, seus lábios esperando por... meu sangue, meu sangue!

Como se não fosse sua mão, ele viu seu punho erguer-se e acertar a sua perna. A dor o fez encher o peito de ar.
Alho.
Tudo ali cheirava a alho.
As roupas, os móveis, a comida e até a bebida.
Beba um uísque com alho por mim, pensou elaborando uma piada.
Balançou-se para lá e para cá.
O que eu vou fazer agora? Volto à rotina?

Ler, beber, tornar a casa a prova de som, as mulheres, as mulheres, sanguinárias, luxuriosas, mulheres nuas, insinuando seus corpos quentes para ele.
Não. Quentes, não.
Maldição, o que eles querem? Será que pensam que eu vou mesmo sair?
Talvez eu saia, talvez eu saia mesmo!
Ele já se achava mais uma vez, retirando a barra da porta da frente... vamos lá garotas,
umedeçam os lábios que eu estou chegando!
Lá fora, uivos de antecipação pelo que estava pra acontecer.
Socou a parede até arrancar parte da argamassa e ferir os dedos.
Então ficou parado, tremendo desamparado.
Depois de um tempo sentiu-se melhor.
Colocou a barra de volta e foi deitar na sua cama, cobrindo o rosto com o travesseiro.
A mão direita socando a colcha.
Meu Deus, pensou, por quanto tempo mais, por quanto tempo?

CAPÍTULO 4.

O alarme nunca tocou, pois se esqueceu de ligá-lo.
Dormiu pesadamente, seu corpo parecia uma enorme peça de metal.
Quando finalmente abriu os olhos eram dez da manhã.
Levantou-se a contragosto jogando as pernas sobre a lateral da cama; instantaneamente sua cabeça começou a doer como se seu cérebro quisesse sair.
Ótimo, uma ressaca.
Tudo que eu preciso.
Cambaleou para o banheiro, jogou uma mão de água no rosto e sobre a cabeça.
Isso não era bom, não mesmo.Ainda se sentia no inferno. No espelho estava a sua face emagrecida, barbuda e envelhecida.
Amor, seu feitiço está em toda parte, em todos os homens. Estas palavras inócuas lhe atingiram o cérebro como lençóis molhados ao vento.
Lentamente caminhou para a sala e lá abriu a porta da frente.
Uma maldição saiu de seus lábios ao ver a mulher caída na calçada.
Sentiu-se irado e doente.
O céu, cinzento e morto.
Ótimo, pensou.
Outro dia trancado neste buraco de rato.
Bateu a porta com força para em seguida se lamentar gemendo.
O que restara do espelho acabara de ir ao chão, quebrando-se.
Ótimo.
Dois copos de café puro só fizeram seu estômago ficar ainda pior.
Largou o copo e foi para a sala.
Que diabos, iria encher a cara de novo.
Mas a bebida tinha gosto de terebentina e, com um acesso de ódio, atirou o copo contra a parede, vendo o uísque espalhar-se pelo tapete.
Diabos, assim vou acabar sem copos!
Sentou-se no sofá, balançando sua cabeça.
Se sentia vencido. Os desgraçados haviam vencido.
Uma sensação de que seu corpo se expandia enquanto a casa diminuía de tamanho ao seu redor e a qualquer minuto explodiria numa explosão de madeira, massa e tijolos.
Saiu de casa rápido pela porta com as mãos tremendo.

Na rua, aspirou o ar molhado da manhã, evitando olhar para a casa que tanto odiava.
Mas ele odiava as outras casas também, odiava o asfalto da rua, as calçadas e tudo em Cimarron Street.

Deu-se conta que devia ir embora.
Nublado, de dia ou de noite, não importava, tinha que sair dali.
Trancou a porta da frente e abriu a porta da garagem.
Entrou no carro e dirigiu apressado, pisando fundo o acelerador em direção a Compton, sem se incomodar em fechar a porta da garagem.
Estaria em breve de volta.
Mesmo não sabendo para onde ia.
Virou a esquina a quarenta quilômetros por hora e logo alcançava sessenta e cinco antes de deixar outro quarteirão para trás.
Forçava o acelerador até o fundo do assoalho do carro.
As mãos fechadas ao volante, endurecidas, sua face era a face de uma estátua.
Quando alcançou noventa quilômetros por hora, estava já no bulevar deserto, um ruído opressivo quebrando a imensa quietude.
As coisas crescem e se misturam na natureza, pensou enquanto caminhava através do cemitério.
A grama estava tão alta que se dobrava sob seus sapatos.
Silêncio absoluto, a não ser pelos seus passos e o canto triste dos pássaros.
Uma vez, pensou que cantavam porque tudo estava bem no mundo. Robert Neville agora sabia que estava errado. Eles cantam por que são débeis mentais.
Tinha percorrido dez quilômetros com o pedal embaixo antes de se dar conta de onde estava indo. Era estranho como a mente e o corpo guardam segredos da sua consciência.
Conscientemente, sabia que estava deprimido e doente e que queria ir embora de casa.
Mas não sabia que estava indo visitar Virgínia.
Quanto tempo passou desde a última vez? Um mês, pelo menos.
Desejou ter trazido flores, mas não imaginava vir até ali até que estava quase cruzando os portões.
Um antigo sentimento de arrependimento o envolveu novamente.
Por que Kathy também não podia estar descansando ali?

Por que foi ouvir tão cegamente aqueles idiotas ditando regras durante a época da praga? Se Kathy pudesse estar ali com sua mãe...
Não comece de novo, ordenou em pensamento.
Não comece!

Próximo da cripta, percebeu que a porta de ferro estava aberta.
Não!
Começou a correr.
Se eles a pegaram, eu vou queimar esta maldita cidade inteira!
Juro por Deus!
Abriu a porta, que bateu reverberando nas paredes de mármore.
Viu a base de mármore onde o caixão selado repousava.
A tensão se dissipou e ele voltou a respirar normalmente.
Estava intocado.
Então ele viu o homem curvado, no canto da cripta, sobre o chão frio.

Tomado pelo ódio, agarrou o sujeito pelo casaco e o jogou para fora violentamente. O corpo rolou pela grama, ficando de costas, o rosto pálido fitando o céu.
Voltou-se para a tampa do caixão, debruçando-se sobre ela.
Estou aqui, estou de volta. Lembre-se de mim.
Limpou o lugar das flores murchas que trouxera da vez anterior e retirou as folhas secas
que entraram devido à porta aberta.
Depois, sentou-se ali, descansando a cabeça no metal da lateral do caixão.
O silêncio o envolveu com mãos frias e gentis.

Se eu pudesse morrer agora, pensou, pacificamente, sem um tremor sequer ou uma lágrima, se eu pudesse estar com ela. Se eu acreditasse que iria encontrá-la novamente.

Virgína.
Leve-me para onde você está.
Uma lágrima cristalina caiu sobre sua mão imóvel.

Não tinha idéia de quanto tempo permaneceu ali. Depois de algum tempo, até o mais profundo arrependimento se extinguia, até o mais penetrante desconsolo chega ao fim.

A maldição, pensou, de crescer insensível à dor.
Ergueu-se. Estava vivo, seu coração ainda batia em vão, veias bombeando, ossos e músculos funcionando sem propósito.
Ficou algum tempo olhando a cripta. Então se foi, fechando gentilmente a porta, sem fazer barulho, para não incomodar quem dormia.
Ele quase tinha esquecido do homem, quase o pisou.
Então, abruptamente, parou e olhou para ele.
O que é isso? Ele estava morto, morto de verdade.
Mas como podia ser? O ocorrido tinha sido tão rápido, mas ainda sim, ele parecia cheirar como se estivesse morto há dias.
Sua mente começou a trabalhar com súbita excitação. Algo o havia matado o vampiro, algo efetivamente brutal. O coração não fora atingido, não havia alho por perto e ainda...
A resposta chegou sem esforço. Estava claro para ele.
A luz do sol!
Um repente de culpa o atingiu. Por cinco meses soube que eles se escondiam do dia e nem uma única vez fizera esta conexão. Fechou os olhos, chocado com sua própria estupidez.
Os raios do sol; o infravermelho e o ultravioleta. Tinha que ser isso.
Mas por quê? Diabos, porque nunca soube nada sobre o efeito da luz do sol no sistema humano?
Aquele homem era um dos vampiros de verdade, os mortos-vivos.
Será que a luz do sol iria funcionar nos outros?
Pela primeira vez em muitos meses sentiu-se excitado e correu para o jipe.
Ao bater a porta, pensou se deveria se livrar do homem morto.
Será que seu corpo atrairia os outros? Será que invadiriam a cripta?
Não. Eles não se atreveriam a entrar lá, pois estava selado com alho.
Alem disso, o sangue do homem morto não os atrairia.
Novamente, seus pensamentos o levaram a outra conclusão.
Os raios de sol deveriam ter feito algo em seu sangue.
Era possível que todas as coisas tiverem relação com o sangue?
O alho, a cruz, o espelho, a estaca, a luz do sol, a terra onde foram enterrados? Ele não via como podia ser, e ainda assim...
Tinha muito para ler, muito para pesquisar.

Talvez isso fosse aquilo que ele precisava. Tinha planejado fazê-lo, desde sempre, mas também se esquecera. Agora esta nova idéia reacendia o desejo.

Ligou o carro e dirigiu rápido até um quarteirão residencial, parando na primeira casa que encontrou.
Foi para a porta da frente, mas estava fechada e ele não conseguiu abrir.
Impaciente, foi tentar a casa seguinte.
Esta estava aberta. Atravessou a sala escura e subiu a escada de dois em dois degraus.
Encontrou uma mulher na cama. Sem hesitar, tirou sua coberta e atirou-a ao chão.
Assim que atingiu o chão, sua garganta emitiu alguns ruídos.
Carregou-a para baixo.
Assim que a soltou na sala, seu corpo passou a balançar e se mover sobre o tapete.
Os olhos estavam fechados, mas mesmo assim ela tentava andar.
As unhas escurecidas estavam afundadas na carne.
Pegou a vampira pelos cabelos e a arrastou para fora.
De modo geral, ele não se sentia mal fazendo isso, mas, por algum motivo que não entendia, aquelas pessoas haviam sido como ele.
O frescor daquela experiência não o deixava pensar em mais nada.
Ainda assim, assustou-se com o som horrível que ela fez quando caiu na calçada.
As mãos dela abriam e fechavam.
Robert Neville a observou, tenso.
A garganta dela se movia. Não podia demorar muito.
Tudo bem, ela estava sofrendo, pensou consigo mesmo, ela é um deles e me mataria facilmente se eu desse chance. Tenho que ver as coisas deste jeito, o único jeito.
Com os dentes cerrados, ficou parado ali, olhando-a morrer.
Em poucos minutos ela parou de se mover, parou de fazer barulhos e suas mãos se curvaram como flores brancas no cemitério.
Robert Neville se agachou e tomou o pulso da mulher.
O coração não batia mais e sua carne já estava fria.
Sorriu. Então era verdade, ele não precisava de estacas.

Depois de tanto tempo, descobriu um método melhor de matá-los. Mas como ele saberia se estava realmente morta?
Como, antes do pôr do sol?
O pensamento o enraiveceu.
Por que cada resposta parece trazer, depois dela, mais uma pergunta?
Pensou sobre isso enquanto bebia uma lata de suco de tomate do armazém onde estacionou o carro.
Como iria saber?
Não podia ficar ali, com a mulher, esperando o pôr do sol.
Leve ela para casa com você, idiota!

Mais uma vez fechou os olhos, sentindo que começava a se irritar.
Hoje ele estava sem respostas para as perguntas mais óbvias.
O jeito era voltar, mas mal se lembrava da casa onde encontrara a mulher morta.

Ligou o motor e deixou o estacionamento. Olhou o relógio.
Três horas. Tinha tempo bastante para voltar antes de eles aparecerem.
Apertou o pedal até o fundo e a frente do carro saltou.
Levou meia hora para localizar a casa.
A mulher permanecia na calçada, na mesma posição.
Vestiu as luvas e foi até lá.
Estava bem perto quando reparou nela.
Não, não comece a pensar nisso de novo, por Deus.
Puxou-a até a traseira do jipe e deixou-a lá, arrancando as luvas.
Parou para olhar o relógio.
Três horas.
Tempo o bastante para... então olhou de novo e levou-o até o ouvido.
Seu coração saltou.
O relógio estava parado.

CAPÍTULO 5.

Estava em choque quando deu a ignição no motor.
Suas mãos fechadas ao volante, rígidas, forçaram uma curva em 'U'.
Era um imbecil! Levou pelo menos uma hora para chegar ao cemitério e passara algumas horas na cripta, então encontrou a mulher, passou depois no mercado, bebeu suco de tomate e então voltou para pegá-la.
Que horas seriam?
Idiota! O medo se instalou em suas veias ao pensar que eles estavam esperando por ele em sua casa. Deus, e ainda deixara a porta da garagem aberta!
A gasolina, o equipamento, o gerador...!
O pedal do acelerador estava no máximo, a agulha do velocímetro passava dos sessenta, setenta, setenta e cinco. O que aconteceria se eles estivessem esperando? Como chegaria até a casa?
Forçou-se a se acalmar. Não podia se fragilizar agora; tinha que manter a calma.
Dizia a si mesmo que conseguiria chegar em casa... só não sabia como!
Tinha feito tudo para evitar problemas e preservar sua vida, e então, num belo dia, não voltou para casa a tempo.
Cala a boca! Sua mente brigava com ele mesmo.
Provavelmente assinara a sentença de morte quando esqueceu de dar corda no relógio, na noite anterior.
Não se incomodava com o fato de se matar, mas sim porque eles ficariam satisfeitos em fazê-lo.
Percebeu que estava fraco de fome.
O suco não fora o bastante para aliviar a fome.
As ruas silenciosas passavam por ele sem que ninguém aparecesse nas portas das casas.
E já parecia bem tarde, ou seria sua imaginação?
Não podia ser tão tarde.
Acabara de virar na esquina da Compton quando viu o homem saindo de um prédio, gritando na sua direção.
Seu coração se apertou como se uma mão gelada atravessasse o seu peito e o segurasse.
Não era possível ir mais rápido.
E sua mente o torturava com imagens, seus pneus furando, o jipe capotando e indo bater numa das casas.

Apertou o volante com mais força.
Reduziu para entrar na Cimarron. Um homem, pôde ver pelo canto do olho, saiu correndo de uma casa e passou a perseguir o carro.
Os pneus cantaram na curva.
E não pode evitar o espanto.
Eles estavam todos na frente de sua casa, esperando.
Um grito de horror saiu de sua boca.
Não queria morrer.
Já tinha pensado nisso, mas não queria morrer. Não assim.
Viu todos voltarem suas faces pálidas para o som do motor.
Alguns saíam correndo da garagem aberta.
Sentiu-se levado por uma fúria impotente.
Que maneira estúpida de morrer!

Agora todos vinham na direção dele, atravessando a rua e de repente se deu conta de que não podia parar.
Pressionou o acelerador no momento que o carro foi ao encontro deles, acertando três deles como pinos de boliche. Sentiu o carro passar sobre seus corpos.
Os rostos brancos, gritando, gemendo, no pára-brisa, sedentos por sangue.
Depois de atravessar turba ele viu pelo retrovisor que eles ainda o perseguiam.
De repente, um plano surgiu em sua cabeça e diminuiu num impulso, freou até a velocidade cair para os trinta, para os vinte por hora.
Olhou para trás e viu os rostos distorcidos, cinzentos, se aproximando, os olhos negros fixos no carro, fixos nele.
E viu a expressão enlouquecida de Ben Cortman atrás dele.
Instintivamente seu pé caiu cobre o pedal do acelerador. O outro pé escapou do amortecedor e o jipe saltou pra frente e depois morreu.
Ben Cortman caiu sobre ele.
Empurrou-o com raiva.
'Neville, Neville'
Ben Cortman o atacou novamente, suas mãos eram garras de gelo.
Neville o socou, e socou de novo enquanto tentava dar a partida.
Ouvia os outros se aproximando do carro, urrando, excitados.

O motor tossiu e pegou no momento que sentiu as unhas de Ben Cortman contra suas bochechas.
'Neville!'
A dor fez com que seu punho se fechasse e endurecesse, acertando Cortman no rosto.
Cortman voou para longe.
Um dos outros alcançou e subiu no carro, pela traseira.
Por um instante, Robert Neville pode ver sua face se contorcendo insana contra o vidro da janela traseira. Então, Neville forçou o carro numa curva, tirando o homem do carro, atirando-o violentamente contra a lateral de uma casa.
O coração de Neville batia tão forte que parecia estar prestes a sair do peito.
Respirou o ar fresco, como se fosse novidade.
Podia sentir a trilha de sangue em seu rosto, mas não sentia dor.
Rápido, limpou o rosto.
Virou a direita na esquina seguinte.
Continuava de olho no retrovisor e então à frente.
Tomou o rumo do pequeno quarteirão da rua Hass e direita novamente.
E se eles tivessem cortado caminho pelos jardins e bloqueado o caminho?
Diminuiu a velocidade até que os viu se aproximando da esquina, como uma matilha.
Então acelerou de novo. Tinha que fazer com que eles o perseguissem.
Será que algum deles sabia o que estava planejando?
Acelerou e freou por todo o quarteirão.
Então acelerou na esquina até cinqüenta por hora e entrou pela Cimarron.
Mal respirava
A rua estava deserta. Então, pensou, ele teria uma chance.
Deixaria o jipe do lado de fora. Não dava tempo de guardar na garagem.
Assim que saltou do carro ouviu uma onda de lamentos se aproximando da esquina.
Tinha que tentar pelo menos fechar a garagem ou eles poderiam destruir o gerador, se é que já não tiveram tempo pra isso.
'Neville!'
Cortman veio correndo das sombras da garagem.
Atingiu ele em cheio.

Sentiu as mãos fortes e frias no seu pescoço e a respiração fétida contra seu rosto.
Os dois caíram na calçada. As presas de Cortman mirando a garganta de Neville,
que conseguiu afastar Cortman empurrando-o pelo pescoço.
Quarteirão acima, eles se aproximavam gritando.
Com um movimento violento, Robert Neville agarrou os cabelos longos e ensebados de Cortman e o atirou contra a lateral do jipe.
Levantou-se, sabendo que não tinha tempo para cuidar da garagem e correu para a porta de casa.
Parou de repente. Deus, as chaves! Voltou para o carro.
Cortman se levantava com dificuldade e Neville o atingiu com o joelho no rosto, fazendo-o rolar no chão.
Então, esticou-se para puxar as chaves da ignição.
No caminho da porta, outro sujeito tentou tirar um pedaço de sua garganta.
Atingido, chocou-se contra a parede. Neville deu-lhe um chute, atirando-o contra um outro que se aproximava.
Neville atirou-se contra a porta e a abriu, saltou para dentro de casa e quando ia fechá-la, foi impedido por um braço que forçava a entrada.
Empurrou com toda sua força até decepar aquele braço.
Com as mãos tremendo, colocou a barra de segurança no lugar.

Sentou-e ao chão e caiu, deitado de costas.
Ficou ali na escuridão, o peito subindo e descendo, os braços e pernas pesando uma tonelada contra o chão.
Lá fora eles uivavam e empurravam a porta, gritando furiosos oseu nome.
Atiravam pedras contra a casa e gemiam, amaldiçoando-o.
Ficou ouvindo o barulho das pedras caindo e seus gritos.
Então alcançou o bar. Deixou cair no tapete metade do uísque.
Bebeu o que estava ainda no copo, encostado no bar, as pernas batendo sem controle, a garganta ardendo, os lábios trêmulos.
Lentamente o calor da bebida chegou ao estômago e ao resto do corpo.
Sua respiração se acalmou.
Começou a ouvir um barulho imenso do lado de fora.
Correu para o buraco de vigia e sua mandíbula se fechou.
Viu o jipe virado de lado enquanto eles o chutavam, quebravam, arrancavam suas partes, partiam os vidros.

Seus punhos se fecharam de ódio.
Foi até uma lâmpada e tentou acendê-la. Não funcionou.
Correu como pôde até a cozinha.
O refrigerador não funcionava.
Foi de quarto em quarto, todos às escuras.
Com o freezer desligado, toda a comida iria apodrecer.
Sua casa estava morta.
Uma explosão de fúria o sacudiu.
Aquilo era demais!
Passou a arrancar as roupas do armário e rasgá-las.
Pegou as pistolas.
Na escura sala de estar, arrancou a barra da porta e a atirou longe.
Do lado de fora, eles o ouviam e gritavam ainda mais.
Já estou saindo, seus desgraçados!
Escancarou a porta e acertou o primeiro deles no rosto.
O homem foi cair longe dali. Duas mulheres correram na direção dele.
Viu seus corpos serem atingidos pelas balas e então passou a disparar contra todos, selvagemente.

Continuou disparando até descarregar as armas.
E então usou os punhos e cotovelos para acertar aqueles que ainda estavam de pé, chutando-os e dando cabeçadas certeiras.
Não sentia qualquer dor, mesmo quando recebia pancadas, sem perceber o que estava fazendo ou se mesmo adiantava alguma coisa essa selvageria.
Um homem tentou segurá-lo e ele o ergueu, atirando-o contra os outros.
Pulou para dentro da casa, batendo a porta nas suas caras.
Fechou-a, trancou e pôs de volta a pesada barra de segurança.

Dentro da fria escuridão, Robert Neville parou, ouvindo os vampiros gritarem.
Apoiando-se em uma das paredes para evitar cair, com lágrimas rolando pelo rosto, as mãos pulsando, machucadas de dor.
Tudo acabou, tudo.

'Virgínia', sussurrou como uma criança assustada e perdida.
'Virgínia, Virgínia'

Parte 2: Março de 1976

CAPÍTULO 6.

A CASA, ENFIM, estava habitável novamente.

Até mais do que antes, é verdade, por que finalmente tirara três dias para tornar as paredes à prova de som.
Agora eles podiam gritar e uivar à vontade que ele não ia ouvir.
Ele gostava, principalmente, de não ter mais que ouvir a voz de Ben Cortman.
Outra tarefa que lhe custou tempo e esforço foi encontrar um carro novo para substituir aquele destruído.
E isso foi bem mais difícil do que ele imaginara.
Teve que ir até Santa Mônica para encontrar o único depósito de jipes que conhecia.
Ele só tinha experiência com aquele tipo de jipe militar (Willy) e não dava tempo para ficar experimentando outros carros.
Como não podia ir a pé até lá, precisou se utilizar de diversos veículos conseguidos nas vizinhanças. Mas a maioria deles estava quebrada ou com problemas devido a uma coisa ou outra. Uma bateria descarregada, sem gasolina, pneus vazios.
Finalmente, em uma garagem a quase um quilômetro de casa, encontrou um que serviria para levá-lo até Santa Mônica.
Trocou a bateria, abasteceu e pronto.
Voltou para casa uma hora antes do pôr do sol.
Para sua sorte, o gerador não fora destruído totalmente.
Os vampiros não tinham idéia de sua importância e, com exceção de uma chave curvada ou de um tubo cortado, ele estava intocado.
Consertou-o rapidamente na manhã seguinte ao ataque e foi rápido o bastante para que a comida no freezer não estragasse. Estava grato com isso, pois estava certo de que não havia outros lugares onde ele pudesse achar comida congelada, uma vez que a cidade inteira estava sem eletricidade.
Durante resto do tempo, limpou a garagem.
A máquina de lavar roupa foi destruída e precisava de substituição.
A pior parte foi repor toda a gasolina derramada dos tambores.

Dentro da casa, refez algumas proteções e adicionou outra parede-mural para melhorar a aparência.
Gostava de trabalhar. Dava a ele algo com que se ocupar, algo para gastar toda a energia gerada pela raiva e quebrava a monotonia dos dias, a rotina de se livrar dos corpos, reparar a casa e pendurar alho.
Bebeu bem menos, administrando o tempo para que passasse dias sem uma gota de álcool. Até os drinques da tarde assumiram uma função mais de relaxamento do que de fuga da realidade.
Seu apetite melhorou e ele ganhou quatro quilos e uma barriguinha.
Até dormia melhor, um sono pesado, sem sonhos.
Por um dia ou mais, brincou com a idéia de mudar-se para uma suíte de algum suntuoso hotel. Mas pensou em todo trabalho que tivera para tornar a casa habitável e isso o convenceu a não tentar.
Ele tinha tudo em casa.

Agora, sentado na sala, ouvindo a sinfonia de Júpiter de Mozart, imaginava como iniciar sua investigação.
Sabia alguns detalhes, mas eram apenas impressões básicas.
As respostas deviam estar em outro lugar.
Provavelmente em algum fato que ele desconhecia ou que não tivesse apreciado adequadamente, ou alguma informação ainda sem conexão com o quadro geral.
Mas qual?
Sentou-se imóvel na cadeira, o copo na mão direita e os olhos perdidos na parede pintada.
Uma cena canadense, uma densa floresta do norte, misteriosa, com sombras verdes, o silêncio pesado da ausência da humanidade.
Quase dava para imaginar o silêncio verde.
Talvez a resposta residisse no passado, em algum lugar obscuro da memória.
Tinha que voltar ao passado, vasculhar as lembranças.
Doía o coração relembrar do passado.

Outra tempestade de poeira durante toda a noite.
Ventos giratórios atacavam a casa, a areia se infiltrava nas brechas deixando uma camada fina de pó sobre os móveis.
Sobre sua cama, a poeira fina suspensa no ar, nos seus cabelos, sobrancelhas, sob as unhas, fechando os poros da pele.

Ele se levantou no meio da noite, tentando distinguir o som da respiração conturbada de Virgínia, mas ouvia apenas o barulho da tempestade.
Em algum tempo suspenso, entre dormir e acordar, tivera a sensação de que a casa estava afundando na areia.

Não se acostumava. O som sibilante do vento cruzando. A tempestade nunca se tornara regular o bastante para se adaptar a ela.
Quando acontecia, passava a noite tossindo, sabendo que o dia seguinte o encontraria cansado física e mentalmente.
E agora ainda tinha que se preocupar com Virgínia.

Acordou por volta das quatro da manhã e percebeu que a tempestade havia ido embora.
O contraste fazia do silêncio um ruído perturbador em seus ouvidos.
Assim que acomodou seu corpo dentro do pijama , notou que Virgínia estava acordada.
Olhava o teto.
-Qual o problema, ele murmurou.
Ela não respondeu.
-Querida?
Seus olhos se voltaram lentamente para ele.
-Nada. Vá dormir.
-Como se sente?
-Do mesmo jeito de sempre.
-Oh.
Deitou-se, olhando para ela.
-Está bem, disse virando de lado, e fechou os olhos.

O alarme tocou às seis e trinta. Virgínia normalmente o desligava, mas não desta vez;
ele rolou sobre si mesmo e o desligou. Ela continuava acordada.
-O que foi? Perguntou, preocupado.
Ela o olhou e balançou a cabeça no travesseiro.
-Não sei. Só não consigo dormir.
-Por quê?
Ela fez um som impreciso.
-Ainda se sente fraca?
Ela tentou sentar-se, mas não pode.

-Fique deitada, querida. Não se mova.
Colocou uma das mãos em sua testa.
-Você não está mais febril.
-Não me sinto doente. Só cansada.
-Está pálida.
-Eu sei… pareço um fantasma.
-Não se levante.
Ela se levantou.
-Não me paparique. Levante vamos, se vista. Eu ficarei bem.
-Não precisa se levantar se não se sentir bem.
Ela tocou seu braço e sorriu.
-Eu ficarei bem, disse ela. Você precisa se arrumar.

Enquanto ele se barbeava ouviu os chinelos dela perto da porta do banheiro.
Abriu a porta e a viu atravessando a sala, lentamente, oscilando um pouco.
Voltou para o banheiro contrariado, balançando a cabeça
Ela devia ficar deitada.

Todo o lavabo estava coberto de pó. A maldita poeira estava em todas as partes.
Ele finalmente levantara um tenda sobre e a volta da cama de Kathy para manter a poeira longe dela. Havia pregado uma das pontas de um lençol na metade da parede sobre a cama e as outras pontas dos lados
Não conseguiu fazer a barba direito por falta de sabão. Lavou-se, pegou uma toalha limpa no closet e se secou.
Antes de ir ao quarto trocar de roupa, foi checar Kathy.
Ela ainda dormia.
Sua pequena cabeça de cabelos loiros estava deitada no travesseiro, com as bochechas rosadas inertes de sono. Ele passou um dos dedos no topo da tenda e ele veio cinzento de pó.
Desgostoso, deixou o quarto de Kathy.

-Espero que estas malditas tempestades parem, disse entrando na cozinha dez minutos depois. - Espero que ...
Ele parou de falar. Normalmente ela estaria preparando ovos ou rabanadas ou panquecas ou fazendo café. Hoje ela estava sentada, o filtro pingava café no bule, mas nenhuma comida estava sendo preparada.

-Querida, se não está se sentindo bem, volte para a cama. Eu posso fazer meu café da manhã.
-Tudo bem, só estou descansando. Desculpe. Vou me levantar e fritar alguns ovos para você.
-Fique sentada. Não preciso de ajuda.
Ele foi até o refrigerador e abriu sua porta.
-Queria saber o que tem de errado comigo. Metade das pessoas do bairro está assim e você disse que metade dos empregados na usina desapareceu.
-Talvez seja um tipo de vírus, ele disse.
-Eu não sei, ela respondeu balançando a cabeça.
-Entre as tempestades, os mosquitos e todo mundo ficando doente, a vida está se tornando um sofrimento, disse ele, bebendo suco de laranja de uma garrafa.
-Eu não quero suco, ela disse.
-Não quer suco de laranja?
-Não.
-Você quem sabe.
-Obrigada, querido, ela tentou dizer com um sorriso.
Ele guardou a garrafa e sentou-se na frente dela.
-Você não está sentindo nenhuma dor? Nem dor de cabeça?
Ela balançou a cabeça.
-Eu queria saber o que há de errado comigo.
-Chame o doutor Busch.
-Vou chamar, ela disse, e se levantou.
Ele cobriu as mãos dela com as suas.
-Fique calma.
-Mas deve haver um motivo, uma razão para eu estar assim.
Suas palavras soaram carregadas de raiva.
Era sempre assim. Quando ela ficava doente, também ficava irritada.
Era como se a doença fosse uma afronta pessoal.
-Vamos, eu te ajudo a voltar para a cama.
-Não, me deixe sentada aqui com você, ela disse. Me deito depois que Kathy for para a escola.
-Tudo bem. Quer alguma coisa?
-Não.
-Nem café?
Ela fez que não com um gesto.
- Se não comer vai acabar ficando doente.
-Não tenho fome.

Ele terminou o suco e foi fritar dois ovos com bacon.
Depois de pronto, pegou o pão no armário e foi se sentar.
Virgínia dizia algo que terminou com um 'meu Deus'.
-O que foi?
Ela balançou a mão em frente ao rosto.
-Mosquitos.
Ele se levantou e com precisão, matou-o entre as palmas da mão.
-Mosquitos, moscas... estamos entrando na era dos insetos. Ele disse.
-Isso não é bom. Insetos carregam doenças. Nós deveríamos colocar uma rede contra insetos ao redor da cama de Kathy.
-Eu sei, seu sei, disse ele enfiando um pedaço do bacon sobre os ovos e cortando um pedaço. -Eu pretendo fazer isso.
-Acho que estes sprays não funcionam.
-Você acha?
-Não funcionam.
-Mas são as melhores marcas que tem no mercado.
Ele brincou um pouco com os ovos.
-Tem certeza de que não vai querer comer algo?
-Não, obrigada.
-Espero não estarmos criando uma super-raça de mosquitos, ele disse. Lembra daqueles gafanhotos gigantescos que foram achados no Colorado?
-Lembro.
-Talvez eles fossem, como se chama? Mutantes!
-O que são mutantes?
-Significa que eles estão...mudando, se transformando. De repente, é como se a natureza saltasse centenas de passos evolutivos, criando coisas que não aconteceriam se não fossem...
Silêncio
-Os bombardeios? Ela completou.
-Talvez.
-Bem, eles causaram as tempestades de poeira. Provavelmente estão causando outras coisas também.
Ela concordou com um movimento de cabeça.
-E eles dizem que nós ganhamos a guerra, ela disse.
-Ninguém ganhou.
-Os mosquitos ganharam.
Ele sorriu.
-Acho que sim.

Ficaram sem trocar palavras por um tempo, apenas ouvindo a pia pingando.
-Você viu Kathy ontem à noite?
-Acabei de vê-la. Parecia bem.
-Bom.
Ela o olhou atentamente como se o estudasse e disse:
-Estive pensando, Bob, talvez a gente devesse mandá-la para o Leste, para a minha mãe, até que as coisas melhorem. Isso pode ser contagioso.
-Podemos, disse, mas se for contagioso, a casa da sua mãe não vai ser mais segura do que aqui.
-Você acha? Ela parecia preocupada.
-Amor, acho que ela está segura aqui conosco.
Ela ia dizer algo, mas desistiu e terminou dizendo que tudo bem.
Ele olhou seu relógio.
-É melhor eu me apressar!
Enquanto ele ia até a pia, ela perguntou sobre o jornal do dia anterior.
-Acho que está na sala.
-Alguma novidade?
-O mesmo de sempre. É a mesma coisa, em todo país. Ainda não foram capazes de encontrar o germe.
Ela mordeu o lábio inferior.
-Ninguém sabe o que é?
-Tenho minhas dúvidas. Se todos estão assim, alguém deve saber...
-Devem ter alguma idéia.
-Todos têm uma hipótese, mas ao final não vale nada.
-E o que dizem?
-Alguma coisa sobre a guerra de germes
-Você acha que é?
-Guerra de germes?
-Sim! Disse ela
-A guerra acabou.
-Bob, você acha que deve mesmo ir trabalhar?
Ele sorriu sem graça.
-Oque posso fazer? Temos que comer, não temos?
-Eu sei, mas...
-Querida, vai ficar tudo bem, ele disse.
-E Kathy? Será que devo mandá-la pra escola:?

-Acho que sim. A não ser que as autoridades de saúde digam que as escolas devem ser fechadas, não vejo por que ela deve ficar em casa. Ela não está doente.
-Mas todas aquelas crianças juntas na escola…
-Acho melhor ela ir.
Mesmo sem concordar, ela disse que tudo bem, Kathy iria à escola.
-Quer alguma coisa antes que eu saia?
Ela balançou a cabeça negativamente.
-Então fique em casa, disse ele, e na cama.
-Vou para a cama assim que Kathy sair.
Lá fora, uma buzina de carro foi ouvida.
Ele terminou o café e foi pegar o casaco pendurado na parede da sala.
-Tchau, amor, disse beijando-a no rosto. Fique tranqüila.
-Adeus. Tenha cuidado.
Um resíduo de poeira ainda ficara nos dentes.
Alguma poeira ainda estava no ar e ele podia sentir enquanto atravessava a calçada, uma sensação de secura nasal.
-Bom dia, disse entrando no carro e fechando a porta.
-Bom dia, respondeu Ben Cortman.

CAPÍTULO 7.

"DESTILADO DE ALLIUM SATIVUM, um gênero de Liliaceae. Alho, alho-poró, cebola, cebolinha. Cor pálida e odor penetrante, contendo sulfuretos. Composição: Água 64.6%, Proteína 6.8%, Gordura 0.1%, carboidratos 26.3%, fibras 0.8% e cinzas 1.4%"

Está feito. Por sete meses ele fizera colares aromáticos e os pendurara pela casa sem a menor idéia do motivo deles afastarem vampiros.
Agora era a hora de descobrir a razão.

Colocou o cravo da índia na tigela com o resto.
Será que funcionaria tão bem quanto alho?
Ia realmente se achar um idiota se funcionasse, uma vez que tinha que percorrer quilômetros atrás de alho, quando havia tanta cebola em toda parte.
Amassou o cravo da índia, sentindo o cheiro de seu fluido acre no ar. E agora?
O passado nada revelara que ajudasse, apenas a história dos insetos carregarem o vírus. E eles não foram a causa. Disso estava certo.

O passado trouxera algo mais: lembranças sofridas
A cada palavra relembrada, uma lâmina o atravessava. Velhas feridas eram reabertas a cada lembrança dela. Ele teve enfim que interromper o processo. Com os olhos fechados e as mãos crispadas, desesperadamente, tinha que aceitar o presente em seus termos e aprender a viver. Mas só alguns, muitos drinques o afastariam do sentimento provocado pelas memórias que o assolaram.
Certo, certo, danem-se, disse para si mesmo, faça algo!
Então, o que podia ser? Água? Não, nada na água. Proteína? Não. Gordura? Não, Carboidratos não. Fibra. Não.Cinzas não. Então, o quê?

"O odor característico e o sabor do alho se devem essencialmente a presença de 0.2% de allyl sulphide e allyl isoticianato"

Talvez a resposta estive ali.

Segundo o livro, allyl sulphides também pode ser preparado aquecendo óleo de mostarda e sulfeto de potássio a cem graus.
Voltou à sala e sentou-se, largado, na cadeira.
Onde diabos iria achar óleo de mostarda? E Sulfeto de potássio?
E o equipamento necessário?

Ótimo. Era só o primeiro passo e já estava condenado ao fracasso.
Foi até o bar mas parou na metade do caminho.
Por Deus, não dava para continuar a beber, agindo feito um cego, numa existência infrutífera até ficar velho ou um acidente o matar.
Checou o relógio. Dez e vinte da manhã.
Decidido, foi procurar os catálogos telefônicos.
Tinha um lugar promissor em Inglewood.

Um pouco excitado, correu para o carro e dirigiu até depois da área que havia demarcado como segura. Ele sabia que era possível que os vampiros tivessem ocupado as áreas seguras e estivessem novamente escondidos lá. Mas não tinha tempo para procurá-los.

Estacionando o carro foi até uma das casas e entrou, seguindo até o quarto.
Uma jovem jazia na cama, com um risco de sangue na boca.
Virou-a, puxou sua saia e injetou o allyl sulphide na sua bunda macia, depois a virou novamente e esperou. Observou e esperou durante meia hora.
Nada aconteceu.
Aquilo não fazia sentido. Quando eu penduro alho pela casa, os vampiros ficam longe.
E a característica do alho é este óleo que havia injetado nela.
Mas nada aconteceu.
Diabos, nada!
Jogou a seringa longe e voltou frustrado para casa.
Construiu uma estrutura de madeira em frente à calçada de sua casa e pendurou cordões de alho nela antes da escuridão chegar.
A noite transcorreu sem grandes entusiasmos, e ele ficou longe da bebida.

Foi ver a estrutura pela manhã.
A cruz. Segurava uma em sua mão, dourada e brilhante à luz do sol.
Ela também servia para mantê-los longe.
Por quê? Existiria uma resposta lógica, algo que pudesse ser aceito e que não escorregasse no misticismo?
Só havia um jeito de saber.
Foi até a mulher na cama sem se questionar por que sempre escolhia mulheres para suas experiências. Ela só estava lá, apenas isso.
E quanto àquele cara na sala de estar? Por Deus, pare de pensar em merda!
Eu não vou estuprar ninguém!
Tá cruzando os dedos, Neville? Batendo na madeira?
Ignorou aqueles pensamentos, suspeitando que sua mente estava tramando contra ele.
Tinha que permanecer correto. Mesmo que a moralidade tivesse ido embora junto com a sociedade. Ele tinha sua própria ética.
Boa desculpa, hein, Neville?
Cala a boca!
Decidiu que não ficaria perto da mulher.
Depois de amarrá-la numa cadeira, foi para a garagem.
Ela usava um vestido preto que deixava muito de seu corpo de fora.
Sem chances, pensava...era uma mentira, ele sabia, mas não admitia.

A noite veio, enfim, ele fechou a porta da garagem, voltou para casa e
fechou a porta da frente com a barra.
Então tomou um drinque e sentou-se no sofá, de frente para a mulher.
A cruz estava pendurada num fio no teto e estava bem defronte do rosto dela.

Às seis e meia, seus olhos se abriram.
De súbito, como os olhos de quem acorda com um trabalho definido a ser feito,
sem perder tempo, mas com a noção exata do que precisa fazer.

Então ela viu a cruz e seus olhos se moveram rápidos para o outro lado e todo seu corpo tremeu.
-Por que tem medo disso? Ele perguntou, surpreso com o som de sua própria voz que há muito tempo não ouvia.
Os olhos dela o acharam ali e o fizeram tremer. A maneira que sua língua se contorcia,
molhando os lábios vermelhos, como se tivesse vida própria.
A maneira que tentava se aproximar dele, mesmo estando bem presa.
Um som gutural que vinha de sua garganta como um cão defendendo seu osso.
-A cruz, disse nervoso, por que tem medo dela?
Ela tentava romper a corda, as mãos agitadas dos lados da cadeira. Não falava, gemia e respirava fazendo barulho. O corpo preso na cadeira, os olhos fixos nele.
-A cruz! Gritou, com ódio.
Ficou de pé. O copo caiu da mão e rolou pelo tapete.
Ele agarrou a cruz e a empurrou na sua direção.
Ela desviou a cabeça, visivelmente horrorizada, encolhendo-se na cadeira.
-Olhe para ela!
Um grito de dor saiu de sua boca.
Os olhos selvagens varriam a sala, grandes olhos brancos e as pupilas um pequeno ponto preto.
Segurou-a pelo ombro mas ela o mordeu, deixando a marca de dentes na sua mão.
Sangue escorria de sua boca. Socou seu rosto.
Dez minutos depois, atirou-a pela porta da frente.
Fechou a porta respirando com dificuldade.
Ainda os ouvia baixinho devido ao isolamento acústico, o som deles lutando, feito chacais, disputando os restos do espólio.
Mais tarde foi ao banheiro e derramou álcool no ferimento, experimentando com prazer toda a dor.

CAPÍTULO 8.

Neville se abaixou e pegou um pouco de terra. Deixou que escapasse entre seus dedos, deixando montinhos escuros no chão. Quantos deles, pensou, dormem debaixo da terra, como conta a história?
Balançou a cabeça.
Bem poucos.
Então, onde entra a lenda?
Fechou os olhos deixando o restante da terra escapar de sua mão.
Será que havia uma resposta? Se pudesse se lembrar onde haviam sido enterrados aqueles que voltaram da morte. Então poderia elaborar uma teoria.
Mas não se lembrava. Outra pergunta sem resposta.
Outra para somar-se à que o sacudira na noite anterior.
O que um vampiro muçulmano sentiria se confrontado com a cruz?
Riu, e o som de sua risada no silêncio da manhã o surpreendeu.
Deus, meu Deus, faz tempo que tem sido apenas o silêncio, não é mesmo?
Fazia tempo que não ria, tinha quase se esquecido.
Parecia um sabujo doente e engasgado.
Mas, afinal, era isso que era, um cachorro muito doente.
Uma tempestade leve se fez por volta das quatro.
Estranho como coisas assim despertavam lembranças.
Virgínia, Kathy, todos aqueles dias horríveis...
Sentiu um sinal de perigo.
Pensar no passado empurrava em direção da garrafa.
Agora, que ele já aceitara o presente.

Se pegou pensando de novo por que escolheu continuar vivo.
Provavelmente, não havia uma razão verdadeira. Era apenas idiotice acabar com tudo.
Bem, o que faria agora? Olhou em volta, procurando algo diferente na Rua Cimarron.
Certo, decidiu impulsivamente, vamos ver se a água corrente fazia algum efeito.
Enterrou uma mangueira no jardim.
A água iria correr para fora do chão, seguiria por uma calha e mais em frente sobre um piso de madeira e então voltaria à terra.

Quando terminou foi tomar um banho, barbeou-se e trocou a bandagem da mão. A ferida cicatrizava sem problemas.
Não tivera certeza quanto a isso, mas era uma prova de sua imunidade à infecção.
Às seis e meia voltou para a sala de estar e ao buraco de vigia.
Como nada acontecia lá fora, foi preparar uma bebida.
Quando voltou ao posto, viu Cortman vindo em direção à calçada.
-Sai, Neville!
Murmurou Robert Neville e logo depois ouviu Cortman repetir com um grito alto.
Ficou lá olhando para Ben Cortman.
Ben não tinha mudado tanto.
Seu cabelo permanecia preto, o físico corpulento, a face branca.
Mas havia a barba agora, uma barba enorme que tomava quase toda a cara e o pescoço.
Talvez fosse a única e real diferença. Bem sempre se mantivera imaculadamente barbeado antigamente, cheirando a colônia todas as manhãs quando lhe dava carona para o trabalho.

Era estranho ficar lá, olhando Ben Cortman; um Ben totalmente diferente.
Uma vez ele conversara com aquele homem, trabalhara com ele, falara sobre carros, beisebol, política, sobre a doença, sobre como Virgínia e Kathy estavam, sobre como Freda Cortman estava.
Não havia motivo para lembrar. O passado estava morto feito Cortman.
O mundo estava louco. Os mortos caminham por aí e eu não me surpreendo mais com nada.
A volta dos mortos se tornou algo cotidiano.
Com que velocidade aceitamos aquilo que é incrível, desde que aconteça com freqüência.
Ficou bebericando o uísque e imaginando se Ben lembraria dele.
Achou que Cortman o lembrava alguém, mas não sabia quem era.
Que diferença isso faz?
Colocou o copo na beira da janela e foi para a cozinha.
Ligou a água e, quando voltou para vigiar, viu Ben com outro homem e uma mulher na calçada.
Não se falavam.
Nunca se falavam.

Ficavam rodeando, como lobos fazem, nunca encarando um ao outro, só olhando a casa e a presa dentro da casa.
Então Cortman viu a água correndo e parou para olhar.
Virou a face e Neville pôde ver que ele mostrava os dentes arreganhados.
Neville ficou petrificado com a visão.
Cortman saltava sobre a água, de um lado para outro, sem parar.
Neville sentiu sua garganta se fechando.
O bastardo sabia!
Correu para o quarto e, com as mãos trêmulas, pegou uma das pistolas.
Cortman acabava de pular sobre a água mais uma vez quando a bala o acertou no ombro esquerdo.
Caiu para trás na calçada, berrando, com as pernas para o alto.
Neville atirou novamente, mas só acertou o cimento ao lado de Cortman em convulsão. Ele estava se levantando quando a terceira bala o acertou no peito.
Neville ficou lá olhando, sentindo o cheiro ocre da fumaça de pólvora queimada, então a mulher entrou na frente de seu campo de visão, bloqueando-o, enquanto se despia.
Neville afastou-se rápido do visor.
Olhou algum tempo depois e viu Ben Cortman perto dali, chamando-o para sair da casa.
Então, ao luar, lembrou-se com quem Cortman parecia.
A idéia fez com que ele risse descontroladamente.
Meu Deus, Oliver Hardy! Aqueles velhos sacanas que costumava assistir com seu projetor. Cortman era um eco morto do grande comediante. Um pouco menos gordo.
Até o bigode estava lá.
Oliver Hardy rolava de costas sob o impacto das balas.
Oliver Hardy sempre voltava querendo mais, não importava o que acontecesse.
Perfurado por balas, furado por facas, atropelado por um carro, amassado e pisoteado.
Sempre voltava, paciente e ferido.
Isso era o que Ben Cortman era, um Oliver Hardy resistente, maligno e detestável.
Meu Deus, aquilo era hilário!
Ele não conseguia parar de rir porque aquilo era mais que engraçado, era um alívio.

Lágrimas corriam pelo seu rosto. A bebida no copo transbordava caindo sobre ele e o fazia rir ainda mais.
Então o copo escapou e seu corpo caiu sobre o tapete, contraindo-se com espasmos de riso incontrolável e a sala se encheu com sua gargalhada engasgada e nervosa.

Mais tarde ele chorou.

Enfiou uma estaca no estômago, no ombro.
Cravou outra no pescoço usando um martelo.
Nas pernas ou nos braços, sempre o mesmo resultado.
Sangue jorrando, a carne branca coberta de sangue vermelho.
Achou que tinha encontrado a solução.
Era uma questão de quanto sangue perdiam, era hemorrágico.
Mas então ele achou a mulher na pequena casa verde e branca e, quando ele cravou a estaca, a decomposição foi tão rápida que o fez correr dali e perder o apetite.

Quando se recuperou o bastante para olhar de novo, viu sobre o colchão o que parecia ser um montinho de sal e pimenta misturados onde antes havia uma mulher.
Era a primeira vez que via tal coisa.

Sensibilizado pela cena, voltou para casa com as pernas trêmulas, ficou sentado no carro por quase uma hora bebendo numa garrafinha até esvaziá-la. Mas mesmo a bebida não afastava aquela visão de sua cabeça.
Tinha sido tão rápido. O som do martelo acertando a estaca ainda estava em seus ouvidos e
ela se dissolvera diante de seus olhos.
Lembrou se de um sujeito na usina, que havia estudado ciência mortuária e que certa vez disse a Robert Neville que algumas pessoas eram conservadas em ambientes a vácuo , mantendo a aparência durante séculos.
"Mas deixe entrar ar e WHOOMM, vai se dissolver feito pó, rápido como um estalar de dedos."
A mulher estava morta há muito. Talvez , pensou, ela era uma dos que originalmente começaram a espalhar a praga. Deus sabe quantos anos estivera enganando a morte.

Ficou tão nervoso que nada fez naquele dia, tampouco nos seguintes.
Ficou em casa e bebeu para esquecer e deixou os corpos se empilharem lá fora no quintal e deixou o mundo lá fora ruir.

Por dias, ficou sentado na cadeira com sua bebida, pensando naquela mulher.
E não importava o quanto tentava não pensar nela, não importava o quanto bebia: pensava em Virgínia. Ficava se imaginando entrando na cripta, abrindo a tampa do caixão.
Devia estar sofrendo de uma doença nervosa, pois sentia frio e sentia-se mal.
Será que ela também estava daquela jeito?

CAPÍTULO 9.

Manhã.
Ensolarada quietude amenizada pelo canto dos pássaros nas árvores.
Sem brisa para mover os arbustos de folhagens escuras ao redor das casas.
Uma nuvem de silêncio suspensa sobre a rua Cimarron.
E o coração de Virgínia Neville havia parado.
Se sentou na cama ao lado dela, olhando sua face pálida. Ele segurava seus dedos em sua mão, esfregando a ponta deles. O corpo imóvel, rígido, um bloco insensível de carne e ossos. Os olhos não piscavam, sua boca era uma linha estática e o movimento de sua respiração era tão sutil que também parecia ter cessado.
Algo acontecera com seu cérebro.
No segundo em que percebeu que ela não tinha pulso, seu coração endureceu, enviando ondas de calcificação até que sua cabeça também se transformasse em pedra.
Lentamente, ele afundava na cama.
Agora não entendia como pôde ficar parado, não entendia por que o desespero não o arrancou do lugar. Mas prostar-se apenas não era a solução.
Tudo ficara imóvel.
A vida e o mundo haviam sido suspensos no tempo, como Virgínia.

Trinta minutos passaram; quarenta.
Então lentamente, como se descobrisse um fenômeno, seu corpo passou a tremer.
Não de forma localizada, um nervo aqui, um músculo ali. Mas inteiro, sem controle dos nervos , involuntariamente.
E ficou assim por mais de uma hora.
É um sonho, ele tentou em vão pensar. Era como se uma voz sussurrasse palavras em sua cabeça.

'Virgínia....'

Ficou andando de um lugar para outro, os olhos procurando algo que não estava ali para ser encontrado, como se tivesse perdido a saída da casa dos horrores.

Pressionava as mãos, forçava as palmas uma contra a outra, confuso.
Empurrava as pernas, tremia.

'Virgínia.'

Deu um passo a frente e gritou quando a sala pareceu se mexer.
A dor explodiu em seu joelho direito, como se lâminas em brasa penetrassem sua perna.
Se arrastou pelo chão. Sentia-se como uma estrutura durante um terremoto, seus olhos
congelados na porta do quarto.
Em sua mente ele viu a cena acontecendo de novo.
As chamas amarelas, altas, gerando densas e escuras nuvens.
A pequena Kathy em seus braços.
O homem a segurava como se fosse uma boneca de trapos.
E ele parado ali, imobilizado, tomado pelo horror.
Gritou com a voz rouca:

-Kathy!

Os braços a cercando, os homens com máscaras a levando embora.
Seus sapatos deixavam duas trilhas ao chão enquanto era arrastada.
Seu cérebro explodia, gritos de terror o inundavam.
Então sentiu aquela dor nas mandíbulas, a luz do dia deu vez às nuvens da noite.
O gosto quente da bebida descendo pela garganta e então ele se achava ao volante do carro de Ben Cortman, rígido enquanto dirigia para o gigantesco poço fumegante, como um negro fantasma do desespero terrestre.
Lembrando, fechou os olhos e fechou os dentes com força.
Não.
Não poderia deixar que jogassem Virgínia lá.
Mesmo se custasse sua vida.

Lentamente caminhou para a porta da frente e foi até o jardim.
Passou por sobre a grama amarelada e desceu a rua até a casa de Ben.

O brilho do sol fazia com que suas pupilas se retraíssem a um ponto minúsculo.
Suas mãos, sem uso, balançando ao lado do corpo.

A campainha tocava 'How Dry I am'(Quão seco estou!). O absurdo daquilo fez com que quisesse quebrá-la. Lembrava que Bem a havia instalado pensando seria engraçado.
Parou em frente da porta, o cérebro pulsando; não se importava se era a lei. Não se importava a sua recusa significaria sua morte. Eu não a jogaria lá!
Seu punho socou a porta.
-BEN!
Silêncio na casa de Ben Cortman. As cortinas brancas imóveis nas janelas da frente.
Podia ver o sofá vermelho, o abajur.
Em que dia estávamos? Que dia? Perdera a noção do tempo.
A fúria corria em suas veias.
-BEN!
Mais uma vez, usou a lateral da mão para acertar a porta.
Diabos, onde ele estava? Empurrou o dedo na campainha, fazendo que a canção se repetisse uma, duas, várias vezes.
'Quão seco estou, Quão seco estou, quão seco estou'.
Investiu contra a porta que, para seu espanto, estava aberta.
O interior da casa em silêncio.
-Ben, ele disse. Preciso do seu carro!
Encontrou os dois no quarto, em suas camas de solteiro, em coma.
Ben de pijamas e Freda em camisola de seda.
Parou por um momento para olhar para eles.
O pescoço branco de Freda tinha algumas feridas e sangue coagulado.
Ben não tinha feridas. E ele ouvia uma voz em sua cabeça que dizia para acordá-lo!
Não. Balançou a cabeça. Não dava para acordar disso.
Achou as chaves na estante e as levou.
Antes de sair, se virou para vê-los. Foi a última vez que os veria ainda vivos.
O motor tossiu ao dar partida. Deixou-o ligado por alguns minutos, enquanto ficava sentado olhando através do pára-brisa empoeirado.

Uma mosca voava à volta de sua cabeça, no ar quente e abafado do interior do carro.
Olhou para o estofado verde, sentindo o carro pulsar debaixo dele.
Então puxou o freio de mão e se dirigiu para a rua.
Estacionou o carro em frente de casa e desligou o motor.
A casa ainda estava fria e silenciosa. Os sapatos não faziam quase nenhum barulho sobre o tapete. Chegou até a porta do quarto e olhou para ela, deitada ainda de costas, os dedos brancos curvados. Parecia dormir.
Foi para a sala de estar. O que fazer?
Todas as escolhas não tinham objetividade. O que importava o que ele faria?
A vida parecia sem propósito, independente de sua decisão.
Permaneceu olhando pela janela, para a rua ensolarada com seus olhos sem vida.
Então para que fora buscar o carro? Pensou. Não poderia queimá-la. Não faria isso.
Mas então o que poderia fazer? As funerárias foram fechadas.
Todos deviam ser levados para serem queimados. Isso era lei. Sem exceções, deviam ser transportados paa o fogo imediatamente após a morte.
Era a única maneira que conheciam para evitar a transmissão da doença.
Só o fogo podia destruir o germe que espalhava a praga.
Ele sabia. Conhecia a lei. Mas quantos a seguiriam?
Quantos maridos levariam suas esposas amadas com quem dividiram suas vidas para serem queimadas? Quantos pais iriam incinerar seus filhos adorados em uma fogueira de centenas de metros de tamanho e outra centena de profundidade?
Não. Se havia algo no mundo que valia a pena, ela não iria para o fogo.
Uma hora se passou até ele chegar a uma decisão.
Buscou agulha e linha.
Costurou a manta à volta dela até que somente seu rosto ficasse de fora.
Seus dedos tremiam. Então ele costurou o pedaço que faltava, cobrindo sua boca, seu nariz e depois os olhos.
Terminado, foi à cozinha e bebeu outra garrafa de uísque.
Aparentemente não fez qualquer efeito.

Voltou ao quarto com as pernas cambaleando, curvou-a e passou os braços sobre seu corpo inerte.
-Vamos lá, meu bem! Sussurrou.
As palavras não tinham sentido. Sentia suas lágrimas correndo enquanto a carregou para fora.
Colocou-a no banco de trás do carro de Ben.
Respirou fundo antes de procurar a chave na ignição.
Então saiu de novo do carro e foi à garagem pegar uma pá.
Voltava para o carro quando viu um homem na rua vindo em sua direção.
Entrou no carro, deixando a pá de lado.
-Espere!
O homem tentou correr, mas não estava forte o bastante.
Robert Neville ficou silencioso, esperando.
-Você poderia...levar minha mãe também?
-Eu, eu...
O cérebro de Neville não funcionava direito., achou que ia começar a chorar de novo.
-Eu não vou para a... para lá, disse.
O homem o olhou espantado.
-Mas você...
-Eu não vou para a fogueira, já disse! Neville respondeu dando partida.
-Mas a sua esposa. Disse o homem. Ela…
Robert Neville engatou uma marcha.
-Por favor, implorou o sujeito.
-Eu não vou para lá! Robert gritou, sem olhar para o homem.
-Mas é a lei! Gritou ele ficando mais e mais furioso.
O carro tomou rumo do Bulevar Compton.
Assim que atingiu uma boa velocidade, ele viu o homem de pé na calçada, observando-o se afastar. Idiota! Você acha mesmo que eu jogaria minha mulher no fogo?
As ruas estavam desertas, deixou a Compton indo para oeste.
Ele não poderia escolher um cemitério qualquer. A maioria deles estava fechada e sendo vigiada. Homens foram fuzilados por tentarem enterrar seus familiares.
Virou à direita no quarteirão seguinte e dirigiu até a noite, até encontrar uma rua tranqüila.
Apagou o motor e deixou o carro rolar o resto do caminho, para que não o ouvissem.

Ninguém o veria carregando a mulher através do terreno arborizado.
Começou então a cavar a terra macia.
O calor do sol o fazia suar, as gotas pingavam de seu rosto.
O odor pungente da terra removida.
Quando o buraco estava acabado, deixou a pá de lado, ficando de joelhos.
Essa era a parte que ele temia.
Mas sabia que não podia se demorar. Ou então eles apareceriam e o pegariam.
Levar um tiro não era nada. Não deixaria que a queimassem.
Não.
Gentilmente, com o maior cuidado que podia, desceu-a para a cova, tendo cuidado para que sua cabeça não batesse.
De fora do buraco, olhou para o corpo enrolado na manta.
Pela última vez, pensou. Nunca mais conversariam, nunca mais fariam amor.
Onze maravilhosos anos terminavam assim. Começou a tremer.
Não, ordenou para si mesmo, não tinha tempo para isso.
Não tinha uso para isso.
Lágrimas sem fim distorciam aquele mundo louco enquanto ele devolvia a terra quente de volta ao seu lugar, pressionando-a sobre o corpo, com dedos nervosos.

Ele se deitou vestido em sua cama, olhando para o teto na escuridão.
Estava meio bêbado e a noite repleta de vaga-lumes.
Sua mão esbarrou na garrafa sobre o criado mudo que caiu antes dele conseguir segurá-la.
Então relaxou e ficou lá ouvindo o ruído do uísque derramando da boca da garrafa e espalhando pelo chão.
Virou a cabeça sobre o travesseiro e viu o relógio.
Duas da manhã.
Dois dias haviam passado desde que a enterrara.
Dois olhos olhando o relógio, dois ouvidos ouvindo o murmurar eletrônico do tempo que seguia em frente, dois lábios pressionados um contra o outro, duas mãos agarradas ao lençol.

Tentou recompor-se mas tudo no mundo parecia de repente ter sido tomado por um sistema de dois. Duas pessoas mortas, duas camas, duas janelas, duas mesas, dois tapetes, dois corações que...

seu peito se encheu com o ar da noite, segurou-o dentro e então voltou a respirar.
Dois dias, duas mãos, dois olhos, duas pernas, dois pés…
Sentou-se na cama, atirando as pernas para a beirada.
Sentiu os pés sobre o uísque derramado, encharcando as meias.
Sentado contemplou a escuridão. O que me restou? Perguntou-se.
O que me restou, de qualquer maneira?
Conseguiu chegar ao banheiro, deixando uma trilha molhada atrás dele.
Jogou água no rosto e puxou uma toalha.
O que restou?

Alguém estava torcendo a maçaneta da porta da frente.
Era Ben, ouviu sua mente sugerindo. Ele está atrás das chaves do carro.
A toalha escorregou entre seus dedos, ouviu algo na porta, como se fosse um arranhão.
Foi até a sala. Seu coração batia forte no peito.
A porta recebeu outra batida, mas ainda fraca.
Qual era o problema afinal?
A porta não estava trancada.
Pela janela aberta, uma brisa fria atingiu seu rosto.
-Quem.. .começou a dizer.
Agarrou a maçaneta e a girou abrindo.
Nada aconteceu. Ficou ali parado.
Então sua respiração se acelerou. Alguém vinha pelo jardim, ao luar, murmurando palavras que ele não entendia direito.
Não conseguiu gritar.
Ficou ali parado, encarando Virgínia.
-Ro...Robert, ela disse.

CAPÍTULO 10.

A sala da Ciência ficava no segundo andar. Os passos de Robert Neville soavam assombrados nos degraus da Biblioteca Pública de Los Angeles.
Era Abril de 1976.

Chegara à conclusão, depois de meia semana bebendo, desgostoso, de que toda sua investigação fora uma perda de tempo. Seus experimentos isolados não o haviam conduzido a lugar algum, isto era claro. Se havia uma resposta racional para o problema (e ele acreditava que sim) só seria achada através de cuidadosa pesquisa.

Tentaria, em busca de mais conhecimento, tomar como base o estudo do sangue.
Ao menos este seria o ponto de partida. Passo número um, estudar o sangue.

O silêncio do segundo andar não era perturbado pelas batidas dos sapatos.
O som de alguns pássaros do lado de fora e mais nada.
Inexplicavelmente o silêncio parecia mais fúnebre do que em um prédio qualquer.
Especialmente aqui neste gigantesco prédio de pedra cinzenta que guardava toda a literatura de um mundo morto.
Talvez fosse algo puramente psicológico.
Mas, mesmo achando isso, não tornava a coisa mais agradável.
Não haviam sobrado psicólogos para tratar profundas neuroses e alucinações auditivas.
O último homem no mundo estava condenado a viver com suas ilusões.
Entrou na sala de ciências.
Era uma sala de teto muito alto com janelões largos.
Próximo à porta havia um balcão onde os livros recebiam seus carimbos de saída na época em que os livros ainda eram retirados.
Ficou olhando por um tempo. Todos aqueles livros, o registro intelectual de um planeta inteiro, os esboços de mentes fúteis, pensamentos, um pot-pourri de artefatos que não evitou que a humanidade perecesse.

Tábuas cederam sob ele, assim que andou em direção à ala leste.
Seu olhar movia-se pelos cartões nas prateleiras.
'Astronomia', ele leu; livros sobre os céus. O desejo do homem pelas estrelas morrera assim como todo o resto. 'Física', 'Química', 'Engenharia'. Passou por eles e entrou pelo corredor central da Sala das Ciências.
Parou para contemplar o teto alto. Duas armações de luzes mortas sobre sua cabeça e o teto era dividido em quadrados, cada quadrado decorado com algo semelhante a mosaicos indígenas.
A luz da manhã era filtrada pela janelas empoeiradas e partículas flutuavam ar.
Uma longa fila de mesas e cadeiras de madeira atrás dele.
Alguém as arrumara ordenadamente. No dia que a biblioteca fora fechada, pensou, alguma empregada da biblioteca as haviam empurrado, colocando cada cadeira junto a sua mesa. Cuidadosamente, de forma precisa.
Pensou naquela senhora bibliotecária. Morrer sem nunca conhecer o prazer dos braços do ser amado. Imersa em ultrajante coma, quem sabe, voltar a vida como uma assombração, sem saber o que significava amar e ser amada.
Havia algo de mais terrível do que se tornar um vampiro.
Balançou a cabeça. Ok, é o bastante, disse a si mesmo, chega de divagações tolas.

Prosseguiu até chegar a área de Medicina. Era o que procurava. Olhou para os títulos à disposição. Livros de higiene, anatomia, fisiologia (geral e especializada), prática de curativos, e, mais além, bacteriologia.
Puxou cinco livros de fisiologia e alguns trabalhos sobre sangue.
Arrumou-os numa pilha sobre a superfície poeirenta de uma das mesas.
Será que deveria ver alguns livros de bacteriologia?
Bem, que diferença? Mal não faria!
Pegou vários aleatoriamente acrescentando a pilha até somar nove livros.
Era o bastante para começar.
Talvez precisasse voltar depois.
Deixou a sala e olhou o relógio sobre a porta.
Os ponteiros haviam parado em quatro e vinte e cinco.
Tentou imaginar qual teria sido o dia.

Enquanto descia as escadas com os braços repletos de livros, pensava se teria sido de dia ou à noite.
Chovia ou fazia sol? Havia alguém ainda ali quando o relógio parou?
Por Deus, que diferença fazia?
Começava a ficar aborrecido com suas preocupações nostálgicas.
Era uma fraqueza, sabia, uma fraqueza que ele podia evitar se esforçasse.
E ainda assim, continuava se descobrindo em longas meditações sobre aspectos do passado. E isso o fazia ficar furioso consigo mesmo.
Era incapaz de abrir os grandes e pesados portões da biblioteca, mesmo de dentro, pois estavam bem trancados. Ele tinha que entrar e sair por uma janela fechada, atirando os livros por ela para a calçada, um por um, antes de passar. Levou os livros para o carro e partiu.
Viu que havia parado o carro numa vaga proibida de estacionamento, no sentido contrário, num rua de mão única. Olhou para os lados.
'Polícia!' Gritou. 'Polícia!'
Riu por quase um quilômetro, mesmo imaginando o que tinha de tão engraçado nisso.

Fechou o livro. Já havia lido algo sobre sistema linfático antes.
Recordava vagamente de ter lido, meses atrás, durante o período que ele agora batizara de 'seu período de hibernação'. Mas aquilo que havia aprendido em nada podia ser utilizado na época.
Agora parecia que sim.
As finas paredes dos vasos capilares permitiam ao plasma sanguíneo escapar no espaço dos tecidos junto com células vermelhas e brancas. Estes elementos voltavam eventualmente ao sistema linfático carregados por um fluido chamado linfa.
Durante este retorno, a linfa atravessava nódulos linfáticos, que interrompiam o fluxo e filtravam partículas sólidas, lixo, de penetrar no sistema sanguíneo.
Agora.
Duas coisas ativavam o sistema linfático: A respiração, causada pelo diafragma que contraía o abdômen forçando o sangue e a linfa a seguir contra a gravidade, e o movimento físico causado por músculos que comprimiam os vasos movimentando a linfa.
Um intricado sistema de válvulas evitava o refluxo.

Mas os vampiros não respiram, não os mortos, de qualquer maneira.
Então, metade do fluxo linfático deles estava cortado.
Ou seja, significava dizer que os dejetos permaneciam no sistema dos vampiros.
Robert Neville pensava particularmente no cheiro fétido dos vampiros.
Continuou a ler.

"...a bactéria passa pela pela corrente sanguínea, onde... corpúsculos brancos ocupam um papel vital na defesa contra as bactérias... luzes fortes são capazes de matar muitos germes rapidamente... muitas das doenças bacterianas do homem são disseminadas pela ação de moscas, mosquitos... onde através de estímulos do ataque das bactérias, as fábricas fagocitárias despejam células extras na corrente sanguínea...."
Fechou o livro contra seu colo. Ele escorregou pela perna e caiu no tapete.
Estava ficando cada vez mais difícil lutar, porque, não importasse o que lia, sempre acabava na relação entre bactérias e doenças do sangue.

Ainda assim, todo este tempo, procurava pensar de forma aberta sobre todos aqueles no passado que proclamaram a teoria dos germes menosprezando os vampiros.
Levantou-se e preparou uma bebida. Mas mal a tocou.
Socou o tampo do bar.
GERMES
Respirou profundamente. Certo, pensou, qual razão então não possam ser os germes?
Afastou-se do bar como se pudesse fazer o mesmo com a pergunta.
Mas ela o perseguiu.
Foi se sentar à cozinha e ficou olhando para o copo de café quente.
Germes.
Bactéria.
Vírus.
Vampiros.
Por que eu não consigo acreditar?

Será que era apenas uma reação conservadora ou a tarefa era demais para ele se fossem mesmo os germes os culpados?
Não sabia dizer.
Podia tentar outra teoria; mas por que descartar uma teoria? Uma não necessariamente contradizia a outra. Juntas, podiam ser aceitáveis e possuírem correlações.
Bactérias poderiam ser a resposta para os vampiros.
Tudo parecia fluir nesta direção.
Ele podia ser como o pequeno holandês com o dedo no buraco do dique, recusando-se a aceitar que o mar da razão inundasse tudo.
Agora ele estava retirando o dedo e um oceano de respostas viria.
A praga se espalhara rapidamente. Poderia ter sido somente espalhada por vampiros?
Apenas com seus ataques noturnos?
Somente aceitando a teoria da bactéria poderia vir a explicação da fantástica velocidade da praga, a proporção geométrica das vítimas.
Seu cérebro pulsava com uma dúzia de idéias.
Moscas e mosquitos podiam ter uma parte da culpa. Espalhando o mal através do mundo.
E a bactéria explicava um monte de coisas, o coma forçado pelo germe para se proteger da radiação solar.
Uma idéia nova. E se a bactéria fosse a força dos verdadeiros vampiros.
Será possível que o mesmo germe que matava a vida provesse de energia o morto?
Tinha que saber! Saltou e quase correu para fora da casa.
No último segundo, parou em frente à porta, rindo nervosamente.
Onde estava com a cabeça? Era noite.
Passou a andar de um lado para outro na sala.
Será que isso explicaria o resto?
A estaca? Empreendeu um esforço cerebral para encontrar algo que se ajustasse a causa bacteriana. Vamos lá! Disse impaciente com seu próprio cérebro.
Mas tudo que conseguia pensar era na hemorragia e aquilo não explicava a mulher que virou pó. E se não era o coração...
Afastou a idéia, temeroso que sua nova teoria pudesse vir abaixo antes mesmo que a confirmasse.
A cruz então. Não, bactéria nenhuma explicava aquilo.

A terra não ajudava. Água correndo, o espelho, o alho...
Sentiu que perdia o controle e nada podia fazer.
Queria chorar, gritar alto, queria que a dor de seu cérebro parasse.
Tinha que encontrar algo!
Não posso desistir!
Foi se sentar. Procurou se acalmar.
Bom Deus, pensou, qual era o problema comigo?
Tenho uma idéia e quando não consigo explicar logo uma coisa, entro em pânico.
Devo estar ficando louco.
Bebeu agora o drinque. Ele precisava. Tudo bem, menino, brincou consigo, muita calma agora. Papai Noel está chegando com belas respostas. Você vai deixar de ser um esquisito Robinson Crusoé, aprisionado numa ilha na noite cercada por oceanos de morte.
Riu-se e relaxou um pouco. Ótimo, pensou, fabuloso, o último homem no mundo é Edgar Guest (um poeta menor, cuja obra foi marcada pelo sentimentalismo, "piegas".).
Certo, então, é melhor ir para a cama.
Você não vai sair por ai assim. Você é um desastre, emocionalmente falando.
O primeiro passo é conseguir um microscópio.
Esse é o primeiro passo, ficava se repetindo, ignorando a bola em seu estômago, o desejo de submergir sem mais preâmbulos na investigação.
O primeiro passo era conseguir um microscópio. Era o primeiro.
Sabia que tinha que ser desta maneira.
Este era o primeiro passo, o primeiro passo.

Sentia-se bem agora, deitado na escuridão, já que tinha um trabalho a ser feito.
Permitiu-se um último pensamento antes de dormir.
As mordidas de inseto, na transmissão de pessoa para pessoa, eram o bastante para explicar a terrível velocidade com que a praga se espalhara?
Foi dormir com a pergunta na cabeça.
E por volta das três da manhã , acordou com a casa sacudida por uma tempestade de poeira. Então, de repente, num segundo, ele fez a conexão.

CAPÍTULO 11.

O primeiro microscópio que encontrou não servia.
A base estava tão prejudicada que qualquer vibração afetaria tudo.
O mecanismo de movimentação desajustado. O espelho não estava firme.
Alem disso, precisava de polarizadores e condensadores.
Possuía apenas um porta-lâminas e ainda por cima teria que remover as lentes quando desejasse variar o aumento da imagem.
As lentes não prestavam.
Mas é claro, sabia pouco de microscópios e acabou pegando o primeiro que encontrou.
Dias depois o atirou contra a parede, quebrando-o em pedaços.
Depois que se acalmou, foi à biblioteca e pegou um livro sobre microscópios.
Da próxima vez que saísse, não voltaria até que encontrasse um instrumento decente,
com três estágios, com condensador e polarizador, boa base, movimentos de diafragma macios, diafragma de íris e lentes de qualidade.
Este era mais um exemplo de como se faz as coisas pela metade.
Passou um bom tempo se familiarizando com o aparelho.
Teve que se virar com um espelho até conseguir um raio direto de luz.
Se familiarizou com as lentes, desde as de 3 polegadas até as de um doze.
Aprendeu a pingar uma gota de óleo de madeira no slide e baixar a lente lentamente até quase tocá-la. Quebrou treze slides antes de aprender.
Em três dias já era capaz de manipular com precisão e rapidez, controlando a íris do diafragma e o condensador para obter a quantidade precisa de luz.
Ele não sabia que uma mosca podia parecer tão sensacional.
Logo chegou a um problema maior.
Apesar de seus esforços não conseguia evitar as partículas de poeira.
Isso era especialmente difícil devido às tempestades que ainda ocorriam a cada quatro dias. em média.
Foi obrigado a construir um abrigo à volta da bancada.
Também aprendeu a trabalhar com método.

Descobriu que a desordem e o tempo gasto analisando permitiam que a poeira se acumulasse nos slides.
Logo tinha um lugar para cada coisa. Bastões de vidro, tampas, pipetas, fórceps, pegadores, lâminas de Petri, agulhas, químicos, tudo sistematicamente em seu lugar.
Descobriu, para sua surpresa, que obtinha algum prazer naquilo.
Afinal, parecia que tinha um pouco do sangue do velho Fritz em suas veias.
Então, colheu sangue de uma mulher.
Levou dias para montar as poucas gotas de forma apropriada no centro do slide.
Quase pensou que não conseguiria fazer direito.
Mas então veio aquela manhã, quando ele, como se fosse um assunto sem importância, pondo o trigésimo sétimo slide com sangue sob as lentes, ligou a luz do aparelho, ajustou diafragma e condensador. Cada segundo que passava tornava o bater de seu coração mais forte, de alguma forma, sabia que chegara a hora.

Não era um vírus.
Não conseguiu ver nenhum vírus, mas, flutuando delicadamente no slide, estava um germe.
Eu te nomeio vampiris. As palavras vieram a sua mente enquanto olhava pelo tubo.
Checando um dos textos de bacteriologia, aprendeu que a bactéria cilíndrica que havia visto era um bacilo, uma espécie de protoplasma, que se movia pelo sangue através de hastes que se projetavam do corpo da célula. Esses flagelos com aparência de cabelos mexiam-se vigorosamente gerando o movimento do bacilo.
Ficou um longo tempo olhando, sem ser capaz de um pensamento que continuasse a investigação.
Tudo que podia pensar era que estava ali, na lâmina, o que causava os vampiros.
Séculos de medo e superstição caíram por terra no momento que vira o germe.
Os cientistas estavam certos, havia uma bactéria envolvida.
Eles o levaram, Robert Neville, trinta e seis anos, sobrevivente, a completar pesquisa e anunciar o assassino - o germe dentro dos vampiros.
De imediato uma onda de depressão o atingiu.
Tinha a resposta, mas era tarde demais.

Tentou lutar contra a depressão, mas não pôde. Não sabia por onde começar.
O problema parecia sem solução. Como iria curar todos?
Não entendia nada sobre bactérias.
Mas saberei, pensou resoluto. De volta aos estudos!

Alguns bacilos, quando as condições lhe são desfavoráveis, são capazes de se transformar em esporos.
Condensam seu conteúdo em um corpo oval com uma fina parede. Quando completo, destaca-se do bacilo e vira um esporo livre, altamente resistente tanto a mudanças físicas quanto químicas.
Depois, quando as condições são favoráveis a sua sobrevivência, este esporo germina novamente, voltando a existir com as mesmas características do bacilo.
Robert Neville se pôs de pé, olhos fechados, as mãos agarrando as bordas da mesa.
Devia haver algo ali que servisse, mas o quê?
Supostamente, o vampiro não tem sangue. As condições para o bacilo vampiris seriam desfavoráveis.
O germe protegia-se como esporo, os vampiros caem em coma.
Quando as condições melhoram, os vampiros voltam a andar e o corpo permanece o mesmo.
Mas como o germe sabe onde há sangue?
Socou o tampo da mesa com raiva.
Voltou a ler. Ainda havia algo a ser esclarecido.
A bactéria, quando não propriamente alimentada, produz bacteriófagos (proteínas autoreprodutoras). Estes bacteriófagos destroem a bactéria.
Sem sangue, o metabolismo será anormal, absorvendo água até explodir e destruir as células.
Esporos de novo; tinha que incluí-los na história.
Certo, suponha que o vampiro não entre em coma. O corpo se decompõe sem sangue.
O germe se torna esporos e, é claro!
As tempestades de areia!
Os esporos livres são carregados pela tempestade.
Podem se abrigar em minúsculas feridas de pele causadas pela abrasão da areia.

Uma vez na pele, o esporo germina e se multiplica. Conforme se multiplica, progride destruindo tecidos. O bacilo libera assim os corpos decompostos, venenosos em tecidos sadios. Os venenos eventualmente alcançam a corrente sanguínea.
E o processo se completa.
E tudo sem que vampiros de olhos vermelhos se aproximem das camas das mocinhas.
Sem morcegos batendo contra janelas fechadas, nada de sobrenatural.
O vampiro era real. Apenas sua verdadeira história nunca havia sido contada.
Neville se recordou de algumas pragas históricas.
Lembrou-se da queda de Atenas. Deve ter sido parecida com a de 1975.
A cidade havia caído antes que algo pudesse ser feito.
Historiadores escreveram sobre a peste bubônica.
Robert Neville estava inclinado a achar que os vampiros haviam iniciado a peste.
Não, não exatamente um vampiro.
Aquele espectro assassino não fora, senão, uma ferramenta para os germes, o verdadeiro vilão.
Os germes haviam se escondido atrás do véu da superstição, das lendas, propagando-se enquanto inocentes pagavam devido aos seus próprios medos.
E quanto à peste negra, que varrera a Europa, levando três quartos da população?
Vampiros?
Por volta das dez, sua cabeça doía e seus olhos pareciam dois globos inchados de gelatina.
Sentia fome. Foi tirar uma costeleta do freezer e, enquanto ela cozinhava no forno, foi tomar uma ducha rápida.
Assustou-se quando a pedra acertou um dos lados da casa.
Sorriu, cansado.
Estivera tão envolvido, o dia todo, que se esquecera deles rodeando sua casa.
Enquanto se secava, se deu conta que não sabia, entre os vampiros na rua, quais haviam
estiveram fisicamente vivos e quantos foram ativados pelo germe.
Era estranho não saber.

Deveria haver dois tipos, pois ele baleara alguns deles sem sucesso enquanto conseguira destruir outros. Deduziu que os que estavam mortos podiam resistir as balas.
O que o levava a outro ponto. Por que aqueles, os vivos, vinham até sua casa?
Por que só aqueles e não todos na área?
Bebeu vinho com a costeleta e estava delicioso.
A comida quase sempre parecia madeira para ele. O trabalho lhe despertara o apetite.
Além do mais, não bebera nem um gole e, mais fantástico ainda, ele não queria beber.
Balançou a cabeça.
Era dolorosamente óbvio que a bebida servia de consolo emocional.
Deixou a costeleta no osso quando terminou. Tomou o resto do vinho e foi para a sala, ligou o gravador e deixou-se cair a cadeira.
Ficou ouvindo Daphinis e Cleo, de Ravel, suítes um e dois, com as luzes apagadas exceto o abajur. Procurou esquecer por um tempo dos vampiros.
Mais tarde, não resistiu e foi dar uma olhada no microscópio.
Desgraçados, pensou, sentia quase uma afeição a observar aqueles minúsculos protoplasmas deslizando no slide.
Pequenos desgraçados!

CAPÍTULO 12.

No dia seguinte tudo estancou.
A lâmpada matara os germes no slide, mas não explicava grande coisa.
Misturou allyl sulphide com o sangue contaminado e nada aconteceu.
O allyl sulphide foi absorvido mas os germes ainda estavam vivos.
Caminhou pelo quarto.
O alho os mantinha afastados e o sangue era o centro de tudo.
Ainda assim, misturar os dois não deu em nada.
Fechou os punhos com raiva.
Espere um minuto, o sangue vinha de um dos vivos.
Uma hora atrás ele tinha uma amostra do outro tipo.
Misturou-o com allyl sulphide e olhou pelo microscópio.
Nada.
O almoço pareceu vir na garganta.
E quanto às estacas? Tudo que conseguia pensar era na hemorragia e ele sabia que não se tratava disso. Aquela mulher maldita.
Metade da manhã se esforçou em pensar em algo concreto até que finalmente socou o tampo onde estava o microscópio e foi para a sala de estar.
Largou-se na cadeira, e ficou ali, tamborilando nervosamente os dedos no braço.
Brilhante, Neville. Você é único. Vamos encarar a coisa. Enlouqueci faz tempo.
Não posso pensar dois dias seguidos sem ter esta sensação de estar me perdendo.
Sou um inútil, um estúpido, sem valor, um idiota.
Tudo bem. Voltemos ao problema.
Certas coisas estão estabelecidas, ele recitou para si.
Existe o germe, ele é transmissível, a luz do sol o mata, alho também.
Alguns vampiros dormem debaixo da terra e as estacas os destroem.
Não se transformam em lobos ou morcegos, mas alguns animais adquirem o germe e se tornam vampiros.
Tudo bem.
Fez uma lista.

Uma coluna ele colocou no alto 'bacilo' e, na outra, um sinal de interrogação.
Começou.
A cruz. Nada tinha a ver com o bacilo.
Se tinha algum valor, era psicológico.
A terra. Existiria algo na terra que afetaria os germes?
Não.
Como chegaria à corrente sanguínea? Ainda assim, poucos dormiam debaixo da terra.
Sua garganta se contraiu ao acrescentar um segundo item sob a coluna de interrogação.
Água corrente. Pode ser absorvida pelos esporos e... não, é absurdo.
Eles saem na chuva e não se importam.
Outro item na coluna da direita.
Luz do sol. Experimentou uma ligeira satisfação ao colocar outro item na coluna desejada.
A estaca. Não.
Cuidado.
O espelho.
Por Deus, o que tinha a ver os espelhos com os germes?
Rabiscou na coluna da direita, as palavras quase ilegíveis.
O alho. Sentou com os dentes rangendo.
Tinha que colocar pelo menos mais um item na coluna do bacilo; era quase um ponto de honra. Repensou sobre o alho. Alho, alho. Devia afetar o germe, mas como?
Começou a escrever na coluna da direita, mas antes de terminar, a fúria o invadiu como lava jorrando de um vulcão.
Maldição.
Amassou o papel numa bola e atirou-o longe.
Ficou sentado rígido, olhando em volta.
Desejava quebrar coisas, qualquer coisa.
Havia concluído, pensou, seu período de hibernação.
Gritou consigo mesmo e voou para o bar.
Parou. Não iria começar de novo. Não de novo.
Suas mãos tremiam ao passá-las ao cabelo loiro e farto.
O barulho do uísque caindo ao copo o enraiveceu mais ainda.
Virou a garrafa de cabeça para baixo, derramando uísque por toda parte.
Bebeu de uma vez só, atirando a cabeça para trás, com o uísque escapando pela boca.

Sou um animal! Exultou.Um animal estúpido e vou me embebedar!
Esvaziou o copo e o atirou contra o lado oposto da sala.
O copo bateu na estante e rolou pelo tapete.
Então você não quer quebrar, não é mesmo?
Foi até o copo e o pisou até espatifar-se sobre seus sapatos.
Então voltou ao bar. Encheu outro copo e outra vez atirou para dentro da garganta o conteúdo. Gostaria de ter um tonel de uísque, pensou. Conectaria uma mangueira nele direto à boca e beberia até sair pelos ouvidos.
Até boiar em uísque.
Bebeu esvaziando o copo.
Lento demais, muito lento.
Bebeu direto do gargalo da garrafa, sacudindo-a violentamente, golpeando-se, odiando-se, punindo-se.
Vou me afogar em uísque!
Arremessou a garrafa através da sala. A garrafa atingiu o mural.
Uísque jorrou pelos troncos das árvores e no chão.
Indo até lá, pegou um caco de vidro e passou a rasgar o mural.
Então sentiu que sua mão doía. Havia se cortado.
Ótimo. Apertou a carne do ferimento fazendo o sangue pingar em gotas enormes no tapete. Sangrarei até a morte, estúpido desgraçado!
Uma hora depois estava totalmente bêbado, deitado ao chão com um sorriso no rosto.
Pro inferno! Sem germes, sem ciência.
O mundo voltara a ser sobrenatural. Um show bizarro, um casarão mal assombrado.
"O jovem doutor Jekyll" e "Uma esposa para Drácula" e "A morte pode ser bela", e "Os irmãos Caixão".

Permaneceu bêbado por dois dias e pretendia permanecer assim até o fim dos tempos ou o fim do estoque mundial de uísque, o que viesse primeiro.
E teria conseguido se não fosse por um milagre.
Aconteceu na terceira manhã, quando escorregou para fora, para saber se o mundo permanecia lá.
Um cachorro vagabundeava por ali.

Assim que ele ouviu-o abrir a porta, parou de cheirar a grama, e assustado, correu para o outro lado, sacudindo as patas delgadas.

Neville ficou tão chocado que mal pode se mover.
Ficou petrificado, olhando o cachorro, que tinha o rabo metido entre as pernas.
Vivo. À luz do sol. Deu um passo à frente e quase enfiou a cara na calçada.
Suas pernas o enganaram, os braços buscaram equilíbrio.
Começou a correr atrás do cachorro.
-Ei! Gritou quebrando o silêncio da Cimarron. Volte aqui!
Corria e cada passo parecia acertar o tambor que tinha dentro da cabeça.
Seu coração pulsava forte.
-Ei, garoto! Volte aqui!
Do outro lado da rua, o cachorro parou na calçada, com a pata direita levantada, as unhas arranhando o cimento.
-Vamos lá, garoto! Eu não vou te machucar!
Estava bem próximo quando sua cabeça explodiu de dor.
O cachorro parou, olhando para ele, então desapareceu ente duas casas.
Neville o viu bem. Era marrom e branco, uma das orelhas baixa e seu corpo balançava frouxo enquanto corria.
-Não corra!
Não conseguia perceber a histeria em sua voz.
Teve um susto quando ele desapareceu entre as casas.
Ignorando a dor, apressou-se, tudo estaria perdido se não o pegasse.
Mas, quando chegou ao quintal dos fundos, o cachorro não estava lá.
Foi embora.
Correu até a cerca de madeira vermelha e olhou sobre ela.
Nada. Voltou para ver se o cão estava onde o vira a primeira vez.
Nenhum cachorro por lá.
Por uma hora perambulou pela vizinhança, com as pernas trêmulas, procurando-o em vão, chamando de vez em quando:
-Vamos lá, garoto! Apareça!
Ao fim, voltou para casa. Seu rosto era uma máscara de desânimo.
Encontrar outro ser vivo, depois de todo este tempo sem companhia e então perdê-lo!
Mesmo sendo apenas um cachorro.
Só um cachorro?

Para Robert Neville aquele era o ponto alto da evolução no planeta.
Não conseguiu comer ou beber depois disso.
Estava tão doente e chocado pela perda que se deitou, mas não dormiu.
Ficou na cama, balançando em febre, com a cabeça de lá pra cá, movendo-se sobre o travesseiro fino.
'Vamos, garoto', murmurava. 'Eu não vou te machucar!'
Voltou a procurá-lo de tarde. Por dois quarteirões, para cima e para baixo a partir da sua casa, procurou em cada metro, cada rua, cada casa. Mas não achou o cachorro.
Lá pelas cinco horas estava de volta em casa. Colocou uma tigela de leite e um pedaço de carne de hambúrguer do lado de fora. Colocou cordões de alho ao redor, esperando que os vampiros não tocassem na comida.
Depois pensou que o cachorro poderia estar infectado e que ficaria longe devido ao alho. Ele não entendia. Se o cachorro tinha o germe, como podia sair à luz do sol? A não ser que a dose de bacilos em suas veias fosse pouca a ponto de não afetá-lo.
Mas se fosse verdade, como sobreviveria aos ataques noturnos?
Oh, meu Deus, e se ele viesse atraído pela comida e eles o matassem?
Se na manhã seguinte encontrasse o corpo do cachorro na calçada, saberia que tinha sido o culpado pela sua morte. Não poderia suportar.
Estouro meus miolos se isso acontecer, eu juro.
Outra vez o enigma de por que continuava vivendo.
Certo, agora ele se divertia fazendo experimentos, mas a vida era uma viagem estéril e sem sentido. Apesar de tudo que tinha ou podia vir a ter (exceto companhia humana) sua vida não prometia melhorar ou mesmo mudar.
Do jeito que as coisas estavam, viveria sua vida com não mais do que já tinha.
E por quanto tempo? Trinta, talvez quarenta se não bebesse demais.
Estremeceu com a idéia de viver mais quarenta anos.
E ainda não se suicidara.
É verdade que, se não se tratasse, não comesse adequadamente, não dormisse direito, não bebesse moderadamente ou não fizesse alguma do jeito certo, sua saúde duraria pouco. Estava apostando com suas porcentagens, suspeitou.

Mas descuidar de sua saúde não era suicídio. Nunca sequer chegara perto de suicidar-se.
Por quê?
Parecia algo sem resposta. Não estava resignado, não aceitava a situação ou então conseguiu se ajustar àquela vida.
Ainda ssim, oito meses havia se passado desde a última vitima da praga, nove meses desde que não falara com outro ser vivo, dez meses que Virgínia morrera.
Não tinha futuro e vivia um presente sem esperança.
Apenas seguia adiante.
Instinto ou estupidez? Muito imaginativo para destruir a si mesmo?
Por que não tinha feito isso logo no início, quando vivia deprimido?
O que o levou a selar a casa, instalar o freezer, o gerador, um forno elétrico, um tanque de água, construir uma estufa, uma oficina, queimar as casas vizinhas, colecionar discos, livros e montanhas de comida enlatada, e mesmo, parecia fantástico pensar nisso, até mesmo pendurar um mural na parede?
Seria a força da vida algo mais do que palavras, seria algo tangível, governando sua consciência? Como se a natureza, de alguma forma, o fizesse reagir a todas as adversidades?
Fechou os olhos. Porque pensar se não havia resposta?
Sua continuação era um acidente. Muito burro para acabar com tudo.
Depois ele foi consertar o mural, colocando os pedaços no lugar.
O remendo não parecia tão ruim se ele não olhasse de perto.
Voltou a pensar levemente no problema do bacilo, mas percebeu que não conseguia se concentrar a não ser no cachorro.
Para sua total surpresa, pegou-se rezando para que o cachorro ficasse protegido.
Era em momentos assim que precisava desesperadamente acreditar em um Deus que vigiasse e cuidasse de suas criações.
Mesmo enquanto o fazia, sentia uma pontada de auto-reprovação, pois se conhecia o bastante para saber que em breve estaria caçoando de suas orações.
De alguma maneira, conseguiu ignorar o lado iconoclasta e rezou.
Porque queria o cachorro, porque precisava dele.

CAPÍTULO 13.

Pela manhã foi até lá fora e descobriu que a carne e o leite haviam desaparecido.
Procurou pela calçada.
Havia duas mulheres caídas na grama do quintal, mas nenhum cachorro.
Um assovio de alívio escapou de seus lábios.
Graças a Deus, pensou.
Se ele fosse religioso, acharia que isso tinha sido uma resposta às suas preces.
Imediatamente começou a se lamentar por que não ter vigiado melhor a rua.
Devia ter aparecido ainda de madrugada, quando as ruas são seguras.
Ele devia ter descoberto um jeito de permanecer longe de encrencas.
Consolou-se com a esperança de trazer o cachorro apenas com comida.
Chegou a pensar que os vampiros tivessem pego a comida, mas uma inspeção rápida bastou para dissipar este medo.
A carne fora arrastada para longe do cordão de alho e à volta da tigela havia respingos de leite, típicos aos deixados por um animal ao beber.
Antes de tomar café, repôs o leite e um pouco mais de hambúrguer, colocados à sombra, para que o leite não ficasse quente.
Depois de alguma deliberação, colocou uma tigela de água também.
Depois do café, levou as duas mulheres para queimar no poço.
Na volta, parou em um mercado, onde escolheu uma dúzia das melhores rações para cachorro, caixas de biscoito canino, doce para cães, sabonete, talco anti-pulgas e uma escova.
Caramba. Parece até que você vai ter um filho, pensou enquanto voltava ao carro com os braços repletos de compras.
A quem estava tentando enganar? Estou mais animado do que jamais estive este ano inteiro.
Ter visto o germe ao microscópio nem se comparava ao que sentiu ao ver o cachorro.
Voltou para casa com pressa e não pode esconder certo desânimo ao ver que a carne e o leite estavam intocados.

O que diabos esperava? Perguntou sarcástico a si mesmo.
O cão não vai querer comer toda hora.
Deixou as compras na mesa da cozinha e olhou as horas.
Dez e quinze. Ele viria quando ficasse com fome.
Paciência.
Mantenha pelo menos esta virtude.
Guardou as latas e caixas e foi checar a casa e a estufa.
Havia uma tábua faltando e um painel para reparar no telhado da estufa.
Enquanto colhia os bulbos de alho, se perguntou o motivo dos vampiros nunca terem posto fogo na casa. Parecia uma tática óbvia para ele.
Será possível que tinham medo de fósforos ?
Ou só eram estúpidos? Seus cérebros não funcionavam como antes.
A transformação de vida em vida-em-morte devia envolver alguma deterioração dos tecidos cerebrais.
Não, esta teoria não era tão boa, pois aqueles viventes também cercavam sua casa a noite e não tinha nada de errado com seus cérebros, ou tinham?
Não estava com espírito para pensar em problemas.
Passou o resto da manhã preparando e pendurando colares de alho.
E se viu mais uma vez pensando por que o alho funcionava tão bem.
Só os bulbos eram eficientes na lenda. Que provas tinha disso?
Imaginou que a planta toda deveria funcionar também.
Almoçado, sentou-se em seu posto de vigia, olhando as tigelas e o prato de carne.
Nenhum som em parte alguma, a não ser o murmúrio baixo e quase inaudível do ar condicionado no quarto, no banheiro e na cozinha.

O cachorro apareceu às quatro.
Neville quase adormecera encostado na porta. Então seus olhos se focaram no cachorro que vinha se aproximando do outro lado da rua, olhando cauteloso para a casa.
Pensou no que estava de errado com a pata dele.
Queria curá-la e ganhar sua afeição.
'Sombras de ândrocles', pensou na penumbra.

Forçou-se a fiar ali, vigiando. Era inacreditável a sensação de normalidade e familiaridade em vê-lo lamber o leite e comer o hambúrguer, cheio de felicidade.
Ficou sentado ali, com um sorriso no rosto, sem saber que sorria.
Bom cãozinho!
Engoliu em seco ao ver que o cão terminara de comer e se afastava pela calçada.
Pulou de onde estava e quase abriu a porta.
Parou. Não, este não era o jeito certo, decidiu relutante.
Acabaria assustando o cachorro se saísse desse jeito.
Deixe-o ir, deixe-o ir.
Voltou para a vigia e viu o cão desaparecer novamente entre aquelas duas casas.
Sentiu um aperto no peito ao vê-lo sumir.
Tudo bem, pensou, ele volta.
Saiu de lá e foi preparar um drinque.
Sentado na cadeira, bebericando lentamente, imaginou aonde ele iria à noite.
Preocupou-se por não poder tê-lo em casa, com ele, mas sabia que o cachorro devia ser esperto o bastante para se esconder ou não teria vivido tanto tempo.
Era um desses estranhos acidentes que não seguem percentuais.
De alguma forma, sabe-se lá se por sorte, coincidência, talvez por habilidade, aquele animal tinha sobrevivido à peste e às suas vítimas.

Aquilo o fazia pensar.
Se um cão, com limitada inteligência conseguia, por que uma pessoa com um cérebro razoável não teria chance de ter sobrevivido também?
E isso o fez pensar sobre algo mais. De como era perigoso alimentar a esperança.
Ele havia aceitado esta verdade há muito tempo.

Na manhã seguinte o cachorro voltou.
Desta vez, Robert Neville abriu a porta e saiu.
O animal prontamente largou a refeição e atravessou correndo a rua.
Neville se segurou para não ir atrás.
Como se não se importasse, sentou-se na calçada.
O cachorro desaparecera entre as duas casas.

Depois de quinze minutos, Neville entrou.
Tomou um café rápido e colocou mais comida.
O cão voltou às quatro e Neville mais uma vez saiu, desta vez se certificando que ele acabara de comer.
Mais uma vez ele saiu correndo, mas, vendo que não era perseguido, parou do outro lado da rua e olhou para trás.
-Tudo bem, garoto! Disse Neville, mas ao ouvir sua voz, o cachorro disparou a correr.
Diabos, o que estava errado com aquele maldito?

As noites sem fim, escondido Deus sabe onde, enquanto os vampiros andavam por aí.
À procura de comida e água, lutando pela vida num mundo sem donos, dependendo apenas de si mesmo.
Pobre amiguinho. Serei um dono legal quando vier morar comigo.
Talvez ele tenha mais chance de sobrevivência do que um homem.
Cães são espertos, podem se esconder em lugares que um vampiro não pode ir.
Podem provavelmente sentir os vampiros, quem sabe pelo cheiro.
De certa forma, aquilo não o fazia mais feliz. Sempre, apesar das razões contrárias, alimentou a esperança de um dia encontrar alguém como ele, um homem, uma mulher, uma criança, não importava.
O sexo deixava de ter importância, já que não havia mais uma propaganda de massa.
Ele continuava a sentir a solidão.
Algumas vezes era indulgente sobre sonhar com encontrar alguém.
Mais freqüentemente ele tentava se ajustar ao que acreditava ser inevitável, que era o último homem no mundo. Ao menos no mundo que conhecia.

Distraído em seus pensamentos, mal viu a noite se aproximar.
Então viu Ben Cortman correndo em sua direção.

-Neville!

Correu para casa e trancou a entrada com as mãos trêmulas.

Por algum tempo ele saía para a calçada apenas quando o cachorro havia acabado de comer. Toda vez ele fugia, mas com o passar dos dias, a velocidade foi diminuindo, até que ele apenas parava na outra calçada e latia para Robert.
Neville nunca o seguiu, sentava-se por ali e ficava olhando.

Era um jogo que eles jogavam.

Então um dia, Neville se sentou na calçada, antes do cachorro chegar.
E quando apareceu, permaneceu sentado.
Por quinze minutos, ele ficou perto da esquina, suspeitando de tudo, evitando se aproximar da comida. Neville havia se sentado o mais longe que podia dela, para encorajá-lo.
Sem pensar, cruzou as penas e o cão correu para longe, assustado com aquele seu movimento inesperado.
Neville procurou então ficar o mais parado possível e o cão passou a se aproximar lentamente, seus olhos iam de Neville para a comida e para Neville de novo.

-Vamos lá, garoto, disse. Coma sua comida. Seja um cachorro bonzinho.

Outros dez minutos se passaram. O cachorro estava agora na calçada, fazendo movimentos concêntricos e se aproximando mais e mais.
Então chegou perto o bastante e lentamente, muito lentamente, uma pata de cada vez, foi até o prato, sem que os olhos saíssem por um segundo de Neville.

-É isso aí garoto, Neville disse baixinho.

Desta vez ele não se assustou com o som de sua voz.
Sentado, assegurava-se de não fazer nenhum movimento abrupto ou então o cachorro fugiria.
Ele se aproximou mais ainda, o corpo tenso, atento a Neville.

-Certo, disse Neville para o cão.

Subitamente o cão saltou sobre a carne, a agarrou e saiu em disparada.

Neville riu enquanto o via correr atravessando a rua.

-Filho de uma...

Ficou observando o cachorro comer.
Aprecie seu bife, pensou. Daqui em diante só vai comer comida de cachorro.
Não vou continuar alimentando você com carne crua.
Quando terminou, o cão se ergueu e atravessou a rua de novo, um pouco menos hesitante.
Neville continuava sentado, sentindo seu coração acelerar nervoso.
O animal começara a confiar nele e aquilo de alguma forma o emocionava.

-Vai, beba sua água agora, bom cachorro.

Um sorriso de satisfação aflorou seus lábios quando viu as orelhas do animal ficarem de pé.
Ele está me ouvindo, pensou excitado. Que filho da mãe!

-Vamos lá garoto, começou a tagarelar. Beba sua água e seu leite, bom garoto! Eu não vou te machucar!

O cachorro foi até a tigela de água e começou a beber, parando uma vez ou outra para olhar para ele.

-Não vou fazer nada, disse Neville.

Não entendia como sua própria voz podia soar estranha mesmo para ele.
Quando uma pessoa não ouve o som da própria voz por quase um ano, ela parece estranha.
Um ano é um longo tempo para viver no silêncio.
Quando você vier morar comigo, pensou, vou falar até suas orelhas explodirem.
O cão terminou de beber.

-Vamos lá garoto, disse Neville batendo em sua perna, venha aqui!

O cão o olhou com curiosidade, ouvindo-o. Aqueles olhos, pensou neville. Um mundo de sentimentos naqueles olhos! Desconfiança, medo, solidão, esperança, tudo naqueles enormes olhos marrons. Pobre coitado.
-Vamos, eu não vou te machucar, disse gentilmente.

Então ele se levantou e o cão se afastou correndo.
Neville ficou parado, vendo o animal coçar sua orelha com a pata, a uma distância segura.
Mais dias se passaram. E a cada dia, Neville se sentava lá enquanto o cachorro comia e depois de algum tempo, se aproximava já sem hesitação alguma, quase com audácia, com a certeza de ter conquistado algo.
E todas as vezes Neville falava com ele.

-Bom garoto, coma sua comida. Está gostosa, não está? Claro que sim. Eu sou seu amigo. Eu te dou comida. Coma, coma. Bom garoto! Repetia sem parar, escolhendo um tom gentil de voz, enquanto ele comia.

E todos os dias ele sentava um pouco mais perto da tigela até que chegou o dia que poderia tocá-lo se quisesse, mas não o fez.
Não queria assustá-lo.

Era difícil não o tocar. Quase podia sentir o forte desejo de segurar sua cabeça.
Era terrível aprender a amar algo novamente e o cachorro era um lindo cachorro horroroso.
Continuou falando com ele até que o som de sua voz se tornou usual.
Ele já não se alterava quando a ouvia.
Ele já vinha sem pensar, comia e latia um pouco.
Em breve, disse Neville para si mesmo, eu poderei tocá-lo .
Os dias passavam em semanas agradáveis, cada hora o trazia mais perto finalmente de uma companhia.

Então um dia o cachorro não veio.

Neville ficou arrasado.
Estava tão acostumado a vê-lo chegar e partir que aquilo se transformara no principal momento do seu dia, tudo se encaixava

a partir da refeição do cachorro, esquecida a investigação, tudo pulsava ao redor do desejo de tê-lo consigo em casa.
A tarde foi perdida em uma busca nervosa pela vizinhança, chamando e gritando pelo cão. Depois de uma busca sem sucesso voltou para casa para um jantar desinteressante.
O cão não apareceu nem à noite ou na manhã seguinte.
De novo, Neville saiu para procurá-lo, mas com menos esperança de achá-lo.
Eles pegaram o cachorro, ficava dizendo aquela voz em seu cérebro, os malditos o haviam capturado. Mas não queria acreditar nisso.
Na tarde do terceiro dia estava na garagem quando ouviu o som de metal da tigela do lado de fora.
Correu para a luz do sol.

-Você voltou! ele gritou.

O cão atacava o prato nervosamente, a água pingando das mandíbulas.
O coração de Neville quase parou.
Os olhos do cão estavam vitrificados, respirava com dificuldade e a língua negra pendurada para fora.

-Caramba, disse com a voz embargada, não pode ser!

O cão correu para o outro lado da rua.
Neville se sentou trêmulo. Oh Não Deus, não!
-Não pode ser verdade.
Instintivamente esticou a mão. O cão mostrou os dentes e fugiu.

-Tudo bem garoto, não vou te machucar. Ele mal sabia o que dizia.

Ele não conseguiria impedir o cachorro de ir embora.
Tentou segui-lo mas o cão havia desaparecido antes de poder fazer alguma coisa.
Decidiu que deveria estar debaixo de uma das casas, o que não era bom.

Neville não dormiu aquela noite. Bebia copos e copos de café amaldiçoando a lentidão do tempo. Tinha que capturar o animal, tinha que capturá-lo.
E logo. Precisava curá-lo.
Mas como? Tinha que haver uma maneira. mesmo sabendo tão pouco ele precisava fazê-lo.

Na manhã seguinte sentou-se ao lado da tigela e sentiu um tremor ao ver o cão se aproximar. Não havia comido nada.
Seus olhos parecia mais sem vida do que no dia anterior.
Neville queria saltar em cima dele e tentar agarrá-lo, levá-lo para dentro de casa e cuidar dele.
Mas sabia qu,e se errasse, se o deixasse escapar, ele nunca mais voltaria.
Tentou esticar a mão para tocar sua cabeça mas o cachorro reagiu com um latido.
Tentou então ser enérgico.
-Pare com isso! disse firme, com raiva, mas só conseguiu fazer com que ele se assustasse e se afastasse.
Neville ficou conversando por quase quinze minutos, palavras calmas, até o cachorro voltar à tigela de água.

Dessa vez ele se preparou para seguir o cachorro e descobriu sob qual casa ele estava se escondendo. Ele poderia colocar uma pequena tela de metal fechando a abertura, mas não o fez. Não queria assustá-lo. Alem disso, não haveria outro jeito de tirá-lo de lá, a não ser pelo piso da casa e aquilo iria demorar muito. Ele tinha que pegá-lo rápido.

Quando ele não voltou aquela tarde, pegou o prato de leite e colocou-o sob a casa onde estava. Na manhã seguinte, o prato estava vazio.
Ia colocar um pouco mais de leite quando se deu conta de que o cão poderia não querer mais deixar o esconderijo.
Colocou a tigela de volta a frente de sua casa e rezou para que o cão estivesse forte o bastante para vir até ela.
Estava alerta demais até para criticar-se por aquela oração.

Quando ele não apareceu a tarde ele voltou até a casa e olhou embaixo dela.
Não, ele não o deixaria.

Quase não dormiu aquela noite. O cão não veio pela manhã.
Ficou na abertura, tentando ouvir sua respiração ofegante, mas nada.
Voltou à sentar-se na calçada frente a casa. Não tomou café ou almoçou, apenas ficou sentado lá.

Tarde, o cão surgiu entre as casas, movendo-se lento sobre as pernas ossudas.
Neville procurou não fazer nenhum movimento, até que ele chegasse junto à comida.
Então ele vagorosamente se abaixou e o agarrou.

Imediatamente o cão tentou mordê-lo, mas Neville havia segurado suas mandíbulas.

-Está tudo bem, garoto.

Rápido, ele o carregou para seu quarto e o deitou na cama improvisada de cobertores, feita para ele. Assim que tirou as mãos, ele tentou mordê-lo de novo.
O cão escorregou sobre o chão ao tentar sair pela porta.
Neville saltou e bloqueou seu caminho. Suas patas não tracionavam direito naquele chão liso e acabou desaparecendo debaixo da cama.
De joelhos, Neville olhou para debaixo da cama.
Na penumbra viu os grandes olhos brilhantes e ouviu seu resfolegar.

-Vamos lá, garoto, eu não vou te machucar. Você está doente. Precisa de ajuda.

O cachorro não queria conversa.
Finalmente Neville levantou-se e saiu, fechando a porta atrás de si.
Pegou as tigelas lá fora e encheu-as de leite e de água.
Deixou-as no quarto, perto da cama.
Ficou algum tempo na cama, ouvindo-o sofrer.

-Oh, lamentou, por que não confia em mim?

Comia seu jantar quando ouviu aquele terrível ganido.

Com o coração batendo forte, saltou da mesa de jantar e correu através da sala.
Abriu a porta do quarto e ligou a luz.
Num canto, o cachorro tentava cavar um buraco no chão.
Suas patas arranhavam o chão sem resultados.
-Menino, está tudo bem, disse Neville procurando acalmá-lo.

O cão se comprimiu contra a parede. Um som enlouquecido saia de sua garganta.
Subitamente Neville entendeu o que estava errado. Era noite e o cão sabia disso, tentava cavar um buraco para se enterrar.
Teve uma então uma idéia. Pegou a colcha e cobriu a mesa.
O cão se atirava contra a parede, seu corpo tremia violentamente e sons guturais saiam de sua garganta.
-Tudo bem, tudo bem.
O cão ainda não parecia querer aceitá-lo.
Ficou olhando para ele por um minuto.
Bem, decidiu que se não queria cooperar, teria que usar do clorofórmio.
Ao menos poderia tratar sua pata e tentar de alguma forma curá-lo.

Voltou à cozinha. Atirou o conteúdo do prato no lixo e devolveu o café ao pote. Na sala preparou para si um drinque e o bebeu.
Não tinha gosto e não desceu bem. Colocou o copo de volta a mesa e foi para o quarto com uma expressão sombria.

O cachorro havia se escondido sobre a colcha mas ainda tremia sem parar.
Não dava para fazer nada agora, estava assustado demais.

Sentou-se a cama, cobriu os olhos com as mãos.
Tinha que curá-lo, pensou enquanto socava o colchão.

Apagou as luzes, deitando-se completamente vestido.
Ainda deitado, deixou cair suas sandálias e as ouviu bater ao chão.

Silêncio. Deitado olhando o teto. Por que não levanto e tento fazer alguma coisa?

Virou-se de lado. Durma.
As palavras vieram automaticamente, sabia que não iria dormir.
Deitado no escuro ouvindo o cão gemer.

Ele vai morrer, continuava a pensar nisso, e não há nada no mundo que eu possa fazer.

Não pode agüentar mais e esticou um braço para acender o abajur ao lado da cama.
O cachorro tentava se livrar agora da colcha e se debatia tomado de terror.
Neville se ajoelhou e tentou segurar seu corpo.

-Tudo bem, agora pare com isso!

O cachorro continuava lutando contra ele, gemendo e tremendo descontrolado.
Neville colocou suas mãos sobre ele, obrigando-o a parar enquanto falava gentilmente.

-Está tudo bem, amigão, ninguém vai te machucar. Calma, vamos lá, relaxe, ninguém vai te fazer mal. Tomarei conta de você.

Por quase uma hora intermitente, sua voz baixa e hipnótica foi ouvida murmurando no silêncio do quarto. E lenta e de forma hesitante, o cão parou de tremer.
Neville sorriu e continuou falando, falando.

-Certo, calma agora. Vou cuidar de você.

Logo o cão dormia, debaixo de suas mãos. O único movimento era da sua respiração.
Neville acariciou sua cabeça, depois acariciou suas costas e o dorso.
-Bom cachorro, disse macio. Bom cachorro. Eu vou tomar conta de você, ninguém vai te machucar, entendeu, amigo? Claro que sim. Claro. Você é meu cachorro, não é?

Cuidadosamente sentou-se ao lado dele, no chão frio, enquanto o tocava.
-Você é um bom cachorro, bom cachorro.

Sua voz era calma e ele estava quieto e resignado.
Depois de quase uma hora, segurou-o e o levantou.
Por um momento, ele tentou lutar e ganiu, mas Neville começou a falar com ele novamente.
Sentou-se à cama, com ele no colo, ajeitou o cobertor, envolvendo-o.
O cão ficou imóvel, deitado em seu colo, respirando.
Eram quase onze da noite quando Neville descobriu sua cabeça.
Tentou por minutos sair mas então sossegou de novo.
Neville coçava seu pescoço, os dedos gentilmente afagando a carne quente do pescoço.

-Você vai ficar bom logo logo, ele sussurrou. O cão olhou para ele, com seus olhos doentes, a língua para fora, lambeu a palma da sua mão.

Algo se partia dentro de Neville.
Sentado lá, silencioso, enquanto as lágrimas corriam por seu rosto.

Em uma semana o cachorro estava morto.

CAPÍTULO 14.

Não bebia mais em excesso, longe disso. Achava que atualmente estava bebendo menos.
Algo havia mudado.
Tentando analisar, chegou a conclusão de que a última bebedeira o deixara no fundo do poço, em desesperada amargura. E agora só havia um caminho, que era para cima.

Depois das primeiras semanas construindo a esperança a respeito do cão, se deu conta que alimentar intensas esperanças não era e nunca fora a resposta.
Em um mundo de monótono horror não havia salvação através dos sonhos.
Ele havia se habituado ao horror. Mas a monotonia era o grande obstáculo e ele entendia isso agora, entendera há muito tempo.
E entender isso dava a ele uma certa paz, o sentido de conseguir ler todas as cartas na mesa, examiná-las e arrumá-las da forma que o favorecesse.

Enterrar o cachorro não tinha sido tão insuportável quando supôs que seria. De certo modo, enterrara também falsas esperanças e falsas excitações.
Quando chegasse o dia em que aceitasse a masmorra em que ele vivia, nada mais o faria sofrer, nada mais o atingiria.
Então, resignado, voltou-se para o trabalho.

Havia acontecido há quase um ano, semanas depois de ter deixado Virgina em seu segundo descanso final.
Débil, com o pensamento vazio, com uma sensação de perda irreparável, perambulava pelas ruas, pouco depois do meio dia, com as mãos largadas, os pés arrastando, nenhuma expressão no rosto.

Havia vagado pelas ruas durante horas, sem saber onde estava.
Sabia que não podia voltar para casa, não podia voltar para aquela casa onde haviam vivido juntos, e que só faziam sentido com ela.
Não podia olhar a cama vazia de Kathy, ou suas roupas penduradas sem serventia no armário, não podia olhar para a

cama onde haviam dormido, as sua coisas, suas jóias, seus perfumes. Sequer podia chegar perto.
E então vagando e caminhando então viu aquelas pessoas passando e um homem com bafo de alho agarrou-o pela camisa.

-Venha comigo irmão, venha, disse com a voz rouca. Neville o observou. Suas bochechas eram rosadas, os olhos febris e vestia-se de negro, amassado e sujo. - Venha e seja salvo irmão, salvo.

Robert neville não entendeu. O homem o balançou pelo braço com seus dedos esqueléticos.
-Nunca é tarde, irmão. Disse o homem. A salvação virá para aquele…
Suas últimas palavras foram perdidas num murmúrio, como fosse o mar querendo sair. Neville tentou livrar-se dele.
-Eu não quero...
O homem não o ouvia. Puxou Neville consigo através de uma cachoeira de gritos e estampidos. O homem não deixou Neville sair, era como se fosse tragado por uma onda.

-Mas eu não…

A turba já o havia engolido, envolvido, num oceano de gritos. Instintivamente, ele tentava se afastar. Estava cercado de pessoas, centenas delas, seguindo como um rio tumultuado e gritando e xingando e chorando.
Robert Neville não entendia.
Foi carregado para dentro de uma enorme barraca.

Por fim cessaram as vozes e ele pode ouvir as palavras gritadas por um auto-falante.

-Querem temer a sagrada cruz de Deus? Querem olhar para o espelho e não ver a face com que Deus lhe presenteou? Quer sair da cova gritando como um monstro do inferno?

A voz pulsava alta e clara.

-Você quer ser transformado em um animal profano e negro? Quer cruzar os céus da manhã como uma criatura com asas de morcego nascida no inferno? Eu lhe pergunto, queres se tornar

num amaldiçoado sem Deus, numa criatura vivendo em danação eterna?

-Não! Gritou o povo aterrorizado. Não, salve-nos!

Robert Neville conseguiu afastar-se daqueles que clamavam e erguiam suas mãos aos céus.

-Bem, eu lhes digo, ouçam a palavra de Deus! O mal açoita todas as nações e o castigo do Senhor alcançará toda a terra, do início ao fim. Estou mentindo? Estou mentindo?

-Não, não!

-Digo que a não ser que nos tornemos como crianças, puras e sem pecados aos olhos do Senhor, a não ser que nos levantemos e gritemos bem alto, Glória ao Senhor todo poderoso! Glória a seu único filho, Jesus Cristo nosso Salvador! A não ser que caiamos de joelhos pedindo perdão pelas nossas ofensas, estaremos todos condenados! Eu direi de novo, então me ouçam! Nós estaremos condenados, condenados, condenados!

-AMÉM!
-Salve-nos!

Toda a gente se retorcia, gemia, golpeava o peito, berrava aterrorizada e gritava sucessivos aleluias!

Robert Neville era empurrado de um lado para outro, sacudido em uma tormenta de pregações, abandonado ao fogo cruzado dos frenéticos adoradores.

-Deus está nos punindo por nossos pecados! Deus está despejando sobre nós toda sua ira! Deus envia sobre nós um dilúvio de criaturas infernais! Ele abriu o túmulo, ele partiu o selo da cripta, ele retirou os mortos de seus túmulos escuros e os jogou entre nós.

A morte e o inferno nos oferecem seus mortos! Esta é a palavra de Deus! Oh Deus, o Senhor nos está punindo, Oh Deus, o Senhor nos flagela com sua ira toda poderosa!

Robert Neville forçou caminho entre eles, rosto pálido, as mãos o agarrando como um homem cego procurando proteção.
Escapou, fraco e trêmulo, afastando-se deles.
Dentro da barraca as pessoas gritavam. Mas a noite havia caído.
Sentado em sua sala, bebericando um uísque aguado, com um livro de psicologia ao colo, Neville recordou-se daquela tarde.

Uma frase o havia feito percorrer o tempo, mandando-o de volta a dez meses atrás.

"Esta condição, conhecida como cegueira histérica, pode ser parcial ou completa, incluindo um, alguns ou todos".
Começou a pensar no problema de novo.
Desta vez com uma nova abordagem.
Antes ele havia atribuído o fenômeno do vampirismo aos germes.
Se algumas características não coincidiam com os germes, julgava então que a causa fosse a superstição.
Era verdade que considerara muito vagamente a explicação psicológica.
Não havia razão que explicasse por que alguns dos fenômenos não podiam ter sua causa psicologicamente explicada. E agora que ele aceitava isso, parecia uma dessas evidências que nem um cego desprezaria.
Bem, eu sempre fui do tipo ceguinho, tenho que reconhecer.

Considere, pensou, no choque que sofre uma vítima da peste.
Até os últimos dias da praga os jornais populares haviam propagado o pânico aos vampiros por todos os cantos do país. Podia lembrar de ler artigos pseudocientíficos numa campanha desesperada para vender mais jornais.

Havia algo grotesco a este respeito. Um desejo frenético de vender apesar de o mundo estar morrendo.
Não que todos tivessem feito isso.
Aqueles que pregavam a honestidade e retidão morreram do mesmo jeito.

Mas nos últimos dias os jornais baratos mostraram do que eram capazes.

E em adição a isso, uma busca desenfreada por respostas fáceis de aceitar, pessoas que se voltavam para crenças primitivas como a solução.
Com pouco êxito.
Não somente morreram antes das outras como se despediram da vida com medo em seus corações.

E então, Robert Neville pensou, qual a justificativa para ter este temor? Recuperar a consciência debaixo do solo quente, pesado e saber que a morte não tinha trazido o descanso. Seus corpos conduzidos através da terra por uma necessidade estranha e medonha.

Este choque poderia explicar muito.
Primeiro de tudo, a cruz.
O temor que sentiam por um símbolo que era antes adorado.
Talvez suas mente tivessem criado, a partir da repugnância que sentiam de si mesmos, um fator de bloqueio mental que os afastavam de certos objetos significativos.

Isso os tornava igualmente solitários, almas que vagavam escravas da noite, com medo de se aproximar de outros, vivendo uma existência solitária, até mesmo buscando conforto na terra, no seu solo, buscando reaver um elo que fizesse sentido com qualquer coisa conhecida.

E quanto a água? Se podia aceitar a superstição de que bruxas não conseguiam cruzar a água corrente como escreveu Tam O'Shanter, vampiros e outras criaturas místicas partilhavam de alguma forma as mesmas lendas e superstições, de alguma forma se sobrepunham.
E quanto aos vampiros vivos?
Era simples também.
Em vida haviam sido os dementes, os loucos. Como o vampirismo não iria atraí-los?
Estava certo de que todos aqueles vampiros vivos que vinham a sua casa a noite eram insanos, pessoas que pensavam ser vampiros de verdade, apesar de serem apenas
criaturas dementes. Isso explicava por que nunca haviam tentado queimar sua casa.
Simplesmente não podiam raciocinar direito.

Ele se lembrava do homem que certa noite subira no poste de luz em frente à sua casa.
Neville o observara pelo buraco de vigia. Ele se atirou no ar batendo os braços freneticamente.
Naquele momento, Neville não soubera explicar o motivo, mas agora a resposta parecia obvia: o cara achava que era um morcego.

Sentado, olhando para o copo pela metade, um sorriso fino surgiu nos seus lábios.
Lentamente se deu conta que havia descoberto algo.
Eles não eram invencíveis.
Longe disso, eram uma raça altamente perecível, que precisava de condições restritas para sobreviver.
Colocou o drinque sobre a mesa.
Não preciso mais disso, pensou.
Minhas emoções não precisam ser alimentadas, nunca mais.
Não preciso de bebida para esquecer ou escapar da realidade. Não quero escapar de mais nada. Não agora.
Pela primeira vez, desde a morte do cachorro, ele sorriu e se sentiu bem e satisfeito consigo mesmo. Havia muitas coisas para aprender, mas não tantas quanto antes.
Estranhamente a vida lhe parecia menos insuportável.
Vestia os hábitos de um eremita, sem prantos, pensou.
No toca-discos a música era tranqüilizadora.
Lá fora os vampiros esperavam.

Parte 3 - Junho de 1978

CAPÍTULO 15.

Saira para caçar Cortman. Essa caçada havia se tornado um hábito relaxante.
Uma das poucas diversões que sobrara.
Naqueles dias em que ele não se importava em deixar a vizinhança e não havia trabalho para ser feito em casa, ele o procurava.

Debaixo de carros, no mato, debaixo das casas, em chaminés, em armários, geladeiras, qualquer lugar em que seu corpo moderadamente gordo pudesse se espremer.

Ben Cortman poderia estar em qualquer desses lugares.
Ele mudava constantemente de esconderijo.
Neville achava que Cortman sabia estar sendo procurado.
Sentia que Cortman saboreava o perigo disso.
Apesar de obviamente parecer um anacronismo, Neville achava que Cortman tinha um gosto especial pela vida. Algumas vezes achava que ele estava mais feliz agora do que nunca.

Com passos lentos, Neville ia de uma casa para outra no Buleva Compton.
Toda uma manhã entediante já se havia ido.
Não achou Cortman e nem tinha certeza de que ele estava na vizinhança.
Mas tinha que estar, por que ele era sempre o primeiro a chegar à sua casa todas as noites.
Os outros eram quase sempre estranhos.
Neville invariavelmente os achava e os destruía.
Mas não Cortman.

Enquanto vagava, Neville pensava o que faria se o encontrava.
Era verdade que seu plano era sempre de destruição imediata.
Mas aquilo era só superficial, pois nunca era realmente fácil.
Não porque sentisse algo por Cortman. Não era nem po que Cortman representava parte de seu passado.
O passado estava morto, ele sabia e aceitara isso.

Não era nada disso. Era, provavelmente, Neville chegou a conclusão, que ele não queria acabar com sua principal diversão.

Os outros não passavam de criaturas iguais a robôs. Bem não, ele tinha alguma imaginação.
Por algum motivo, seu cérebro não era como o dos outros.
Poderia ser porque, teorizou neville, Ben Cortman havia nascido para aquilo.
Nascido para ser um morto vivo.
Um morto vivo com um sorriso no rosto.

Nem mais lhe ocorria que Cortman estava por ai também querendo matá-lo.
Isso consistia uma ameaça insignificante.
Neville sentou-se na varanda da casa seguinte com um longo suspiro.
Com movimentos letárgicos, pegou o cachimbo do bolso.
Socou um pouco de tabaco seco dentro dele e em pouco tempo a fumaça já ondulava no ar parado e tépido.

Neville se havia convertido num homem mais corpulento, tranqüilo.
A vida de ermitão o fizera ganhar mais alguns quilos e agora pesava mais de noventa.
Seu rosto ficara cheio, o corpo musculoso e massudo se avolumara debaixo das roupas. Fazia tempo que não se barbeava.
Deixara o cabelo crescer e não se penteava.
Contrastando com sua pele morena, os seus olhos eram azuis e calmos.
Apoiou as costas na parede de tijolos e deu, sossegado, longas baforadas.
Perto dali, havia uma depressão no terreno onde ele havia enterrado Virgínia e de onde ela havia se desenterrado.
Apesar disso, nenhum sentimento se refletiu em seus olhos.
Ao invés de seguir sofrendo, tornara-se introspectivo.
O tempo perdera seu aspecto multidimensional. Só havia o presente para Robert Neville, um presente baseado no dia a dia da sobrevivência, marcado nem por alegrias nem por tristezas.
Sou predominantemente vegetativo, pensou. Aquele era o jeito que queria.

Permaneceu ali um pouco observando uma mancha branca no campo até se dar conta que ela se movia.

Piscou os olhos e ficou de pé. Colocou uma das mãos sobre a testa procurando tampar os olhos da luz do sol.
Mordeu então convulsivamente a ponta do cachimbo.
Uma mulher.

Sequer se preocupou em segurar o cachimbo que caiu no chão.
Sem sequer respirar, permaneceu lá, na varanda, olhando.
Fechou os olhos e abriu novamente.
A mulher estava ainda lá. Sentia algo crescer no seu peito ao vê-la.
Ela não o vira. Mantinha a cabeça baixa enquanto atravessava o campo.
Ele pode ver seu cabelo ruivo balançando na brisa, os braços balançando ao lado do corpo.
Era uma visão incrível depois de três anos e que seu cérebro parecia não ser capaz de assimilar . Continuou apenas olhando, parado na sombra da sombra da casa.

Uma mulher. Viva. E na luz do sol.

Parado, boquiaberto, viu que era jovem, podia ver melhor agora que estava mais perto.
Devia ter uns vinte e poucos anos.
Vestia um vestido branco e sujo.
Era bem morena, cabelos ruivos.
No silêncio da tarde morta podia ouvir seus sapatos na grama alta.

Fiquei louco. As palavras lhe vieram abruptamente.
Sentiu-se ainda pior com a idéia de que ela não pudesse ser real.
Se preparou pensando que não passava de uma ilusão.
O homem, ao morrer de sede, vê miragens de lagos.
Porque então um homem sedento por companhia não veria uma mulher caminhando ao sol?
Não, não podia ser.
Não poderia ser uma ilusão, pois ele a ouvia pisando à grama.
Era real, tinha que ser.
Os movimentos do seu cabelo, seus braços. Ela ainda olhava para baixo.

Quem seria? De onde vinha? Onde estivera?
Sem pensar, sem raciocinar, ergueu um braço.

-Hei! Gritou.

Saltou para a rua.

-Hei você, aqui!

Um momento de silêncio total. Ela ergueu a cabeça e viram um ao outro.
Vivos, pensou, estavam vivos!
Queria gritar mas sua língua parecia morta, seu cérebro se recusava a funcionar corretamente. Vivos! Continuava, vivos, vivos!
De repente a mulher se voltou e começou a correr de volta pelo campo.
A princípio Neville parou sem saber o que fazer.
Então parecia que seu coração se inflamara e ele desandou a correr o mais que podia.

-Espere! Ouviu-se gritar.

Mas a jovem mulher não parava de correr.
Via suas pernas bronzeadas cortando o caminho através da grama alta.
De repente se deu conta de que palavras não a fariam parar.
Pensou no choque que sofrera ao vê-la e agora imaginava o que ela devia estar sentindo ao vê-lo, depois de um longo tempo em silêncio, vendo um homem enorme e barbudo correndo em sua direção.
Mas mesmo assim não podia parar de pensar. Uma mulher viva!
Neville corria mais do que ela e logo a alcançou.
Seus olhos eram de pavor.
-Calma, não vou te machucar!

Ela continuava a correr até que pisou em falso e caiu de joelhos.

-Não vou te machucar, gritou de novo.

A mulher se pôs de pé em um salto e voltou a fugir. Estava apavorada.

-Pare, ele gritou mais por instinto do que esperando que ela fosse mesmo parar.

E não parou.
Ela corria agora mais e mais.
Neville aumentou sua velocidade também até ficar tão próximo que podia ouvir a respiração dela , confusa e excitada.
Não queria assustá-la ainda mais, no entanto não iria parar de persegui-la.
Tudo mais no mundo não importava. Tinha que pegá-la.
Outra vez em campo aberto, ainda correndo atrás dela. Não podia imaginar o quanto parecia assustador, um gigante barbado de botas.
Então ele esticou sua mão e a segurou pelo ombro direito.
Ela gritou e se desvencilhou, perdeu o equilíbrio e caiu no chão.
Neville saltou tentando segurá-la.
Seus olhos negros eram puro terror.
Neville agarrou-a pelos ombros antes que saísse correndo de novo.
-Do que você tem...
Não pode terminar, cobriu a boca com a mão. Percebeu que sua voz era a de alguém que perdera o controle de si mesmo, não emanava nenhuma gentileza ou confiança.

-Pare! Pediu tentando acalmá-la.

Na luta corporal que se iniciou, parte de seu vestido se rasgou, deixando exposto o peito moreno nu.
Então ela o socou e esperneou tentando se livrar.
-Maldição.
Ainda enlouquecida de pavor, de joelhos, passou a gritar descontroladamente.
-Levante, ele disse. Não vou fazer mal algum a você.

Ela não o olhava e ele não sabia mais o que fazer.

Ela levantou o rosto, mas a visão de Neville parecia ainda apavorá-la, pois gritou de novo.

-Do que tem medo?
Não percebia que sua voz era a de alguém que havia perdido todo contato com sua humanidade.
Estendeu sua mão para ela.

-Aqui, ele disse, levante-se.

Ela se ergueu, mas sem sua ajuda. Então percebeu que estava seminua e tentou se cobrir com os trapos rasgados.
Próximos, respirando com dificuldade e olhando um para o outro.
Agora que o primeiro choque havia passado, Neville não sabia o que dizer.
Sonhara com aquele momento durante anos e nunca seus sonhos foram como aquilo.

-Qual seu nome, perguntou.
E
la não respondeu.
Olhava para ele e tremia assustada.

-Ruth. Ela disse com a voz alterada.

Um arrepio atravessou o corpo de Neville.
O som da sua voz parecia apagar tudo mais.
Perguntas desapareciam. Sentia o coração bater forte. Quase chorava.

-Ruth, ele disse com sua voz rouca, sem vida.
Sua garganta não obedecia.
-Ruth, disse de novo.
Homem e mulher, cara a cara, no enorme e quente descampado.

CAPÍTULO 16.

A mulher deitada em sua cama dormia. Passava das quatro da tarde.
Pelo menos umas vinte vezes, Neville viera até o quarto verificar se ela acordara.
Agora ele está na cozinha, tomando café, preocupado.
E se ela estiver infectada? Pensou. Este pensamento viera horas atrás enquanto ela ainda dormia. E agora ele não conseguia evitar o medo. Não importava se ele racionalizava, não ajudava em nada.
Tudo bem, ela está queimada de sol, ela provavelmente esteve andando durante o dia.
O cão também andava durante o dia.
Neville cravou os dedos no tampo da mesa.
Toda simplicidade havia se ido, o sonho agora despertava para uma perturbante complexidade.
Não haviam acontecido os abraços e palavras mágicas de carinho não foram ditas.
Além de seu nome, nada sabia sobre ela.
Trazê-la para casa fora uma batalha.
Fazê-la entrar, então, nem se fala.
Ela continuava chorando e suplicando que não a matasse.
Aquela sua visão de filme de Hollywood, com os olhos brilhando, ao entrar na casa, abraçados, a imagem desaparecendo aos poucos. Ao invés disso foi forçado a discutir e usar de força.
Sua chegada à casa não fora nada romântica. Ele praticamente a empurrou para dentro.
Uma vez na casa, ela não ficou menos assustada.
Ele tentou agir com naturalidade, mas tudo que ela fez foi se proteger em um canto do mesmo jeito que o cachorro. Não bebeu ou comeu o que lhe foi oferecido.
Finalmente ele se viu obrigado a carregá-la até o quarto onde agora ela dormia.
Todos estes anos sonhando com uma companhia. Agora que eu a encontro a primeira coisa que faço é tratá-la rudemente e com impaciência.
E não havia nada que pudesse fazer. Ele havia aceitado há muito tempo à idéia de que ele era a última pessoa normal no planeta.

E mão importava se ela parecia normal para ele. Tinha visto muitos deles em coma, que se pareciam tão normais quanto ela. Mas não eram, ele sabia.
O simples fato dela andar por ai à luz do sol não significava que subiria na sua escala de confiança. Tinha duvidado de tudo por tanto tempo...
Seu conceito de sociedade de tornara à prova de questionamentos. Era quase impossível acreditar que sobraram outros como ele. E, depois do primeiro choque ter se dissipado, todo o dogma de longos anos solitário o acertava em cheio.
Levantou-se cansado e voltou ao quarto. Ela continuava na mesma posição.
Talvez, pensou, ela tivesse entrado em coma.
Subiu na cama, junto à sua Ruth. Tinha tanta coisa sobre ela que ele queria aprender.
E ainda assim, quase tinha medo de saber.
E se ela fosse um deles só haveria uma possibilidade. E era melhor não saber nada sobre as pessoas que matava.
Com as mãos postas de um lado e do outro do seu corpo, os olhos azuis fixos nela.
E se houvesse saído do coma há pouco tempo e tivesse começado a caminhar? Parecia possível.
Ainda assim, pelo pouco que sabia, a luz do sol era algo a que o germe não podia resistir.
Por que então aquilo não era o bastante para convencê-lo de que ela era normal?
Só havia um jeito de ter certeza.
Inclinou-se sobre ela e colocou a mão em seu ombro.
-Acorde, disse.
Ela não reagiu.
Então ele notou a fina corrente de ouro em seu pescoço.
Pegou-a com os dedos rudes.
Olhava agora para a pequena cruz de ouro pendurada à corrente quando ela acordou.
Não estava em coma, foi o que conseguiu pensar.
-O que você está fazendo? Ela perguntou.
Era difícil não acreditar que ela era normal ouvindo-a falar.
O som da voz humana era tão estranho para ele, e possuía um poder sobre ele que nunca antes existira.
-Nada.

Retrocedeu até ficar de costas com a parede. Olhou para ela por um bom tempo e então perguntou:
-De onde você vem?
Ela não disse nada, ficou apenas o encarando.
-Eu perguntei de onde você veio. Ainda assim ela nada disse.
Ele se afastou da parede, indo para perto dali.
-Ing...Inglewood. Ela disse.
-Entendo, ele disse. Você vivia sozinha?
-Eu era casada.
-Onde está seu marido?
-Morreu.
-Há quanto tempo?
-Semana passada.
-E o que você fez depois que ele morreu?
-Corri. Ela mordeu o lábio inferior. Corri para longe.
-Você estava andando por ai, este tempo todo?
-Sim.
Olhou para ela sem dizer uma palavra. Então virou-se e caminhou para a cozinha.
Abriu um armário de onde puxou uma cabeça de alho. Colocou no prato, esmagou-o em pedaços e amassou-o até virar uma massa. O cheiro ácido queimou suas narinas.
Quando voltou ela se apoiava em um cotovelo.
Sem hesitar, pos o prato diante de seu rosto.
Ela imediatamente reagiu afastando o rosto.
-Oque está fazendo? Perguntou e tossiu irritada.
-Por que você virou a cabeça?
-Por favor...
-Por que você ...
-O cheiro! Não faça isso! Você está me deixando doente!
Ele colocou o prato mais perto, novamente.
-Pare. Por favor! Implorou.
Empurrou-lhe mais uma vez o prato e viu seu corpo reagir.
-Você é um deles! Ele disse com frio desprezo.
Ela se sentou de repente e então saltou correndo para o banheiro.
A porta bateu atrás de si e ele podia ouvir o som dela vomitando.
Pressionando os lábios com raiva, deixou o prato ao lado da cama.
Infectada.
Aquilo tinha sido um sinal bem claro.

Ele já sabia há pelo menos um ano que um sistema infetado pelo bacilo vampiris era altamente alérgico a alho.
Quando o sistema era exposto ao alho, os tecidos estimulados provocavam reações anormais. Se lhe injetasse alho nas veias tinha pouco sucesso. Tinham que ser expostos ao cheiro.
Deixou-se afundar na cama. A mulher reagira da maneira errada.
Se o que ela falara estava correto, estivera vagando por uma semana.
Naturalmente devia estar exausta e fraca e sob tais condições o cheiro de alho poderia fazê-la vomitar.
Mas ele ainda não se convencera, não tinha absoluta certeza.
E não tinha o direito de decidir a partir de evidências inadequadas.
Era algo que ele aprendera da pior maneira.
Ainda estava na cama quando ela abriu a porta e saiu.
Olhou para ele e depois foi para a sala.
Ele levantou e a seguiu.
Quando chegou à sala, ela estava sentada no sofá.
-Está satisfeito? Ela perguntou.
-Não importa. É você quem está sendo testada, não eu.
Ela pareceu furiosa, como se fosse dizer algo, então sacudiu a cabeça.
Ele sentiu uma ponta de simpatia por ela por um momento.
Parecia tão carente, as mãos finas apoiadas ao colo.
Não parecia mais se importar com seu vestido rasgado.
Neville olhou para a curva de seus seio. Não se parecia com a mulher de seus sonhos.
Era bem magra, quase sem atrativos. Mas isso não importava mais, pensou.
Sentou-se na cadeira. Ela olhava o chão.
-Olhe, disse ele, Tenho vários motivos para suspeitar que você esteja contaminada. Especialmente pelo jeito que você reagiu ao alho.
Ela não falou.
-Você não tem nada pra me dizer? Perguntou.
Ela então o fitou.
-Você acha mesmo que eu sou um deles?
-Acho que pode ser.
-E o que você acha disso? Perguntou levantando a cruz ao cordão.
-Não significa nada.

-Eu estou acordada, não estou em coma!
Era algo com o qual ele não podia argumentar, mesmo que não se consistisse em dúvida.
-Estive em Inglewood várias vezes, ele disse. Você não ouviu meu carro?
-Inglewood é grande.
Olhou para ela cuidadosamente.
-Eu quero acreditar em você. Disse.
-Você quer? Gritou ela e sentiu outra pontada no estômago.
Robert Neville sentado ali se perguntou por que não sentia mais compaixão por ela.
Emoção era algo difícil de sentir por gente morta e ele passara muito tempo sem o sentir e ficara vazio, sem sentimentos talvez.
Ela o olhou duro.
-Sempre tive estômago fraco. Vi meu marido ser morto semana passada. Cortado em pedaços, bem diante dos meus olhos. Eu vi. Perdi meus dois filhos para a peste. Andei sem rumo por uma semana. Me escondendo à noite, me alimentando de sobras de comida. Doente de medo, não conseguia dormir mais do que algumas horas. Então eu ouço alguém gritar na minha direção. Você me perseguiu por todo o campo, me bateu, me arrastou para sua casa. Então só porque eu vomitei por você ter enfiado um prato de alho na minha cara, eu estou infectada?
Suas mãos se retorciam ao colo.
-O que você esperava? Disse com raiva.
Jogou-se no sofá e fechou os olhos. Suas mãos nervosas seguravam a cabeça.
Neville começava a se sentir culpado, apesar das suspeitas e das suas dúvidas.
Não podia ajudá-la. Esquecera como confortar uma mulher.
-Você… começou a dizer. Me deixaria colher uma amostra do seu sangue? Eu podia...
Ela levantou-se rapidamente e correu em direção à porta.
Ele precisou ser rápido.
-O que você está fazendo?
Ela não respondeu. Freneticamente, tentava abrir o fecho.
-Porque quer sair? Perguntou surpreendido. Em breve as ruas estarão cheias deles!
-Não vou ficar aqui! Disse. Que diferença faz para você se eles me matarem?
Neville segurou-a pelo braço. Ela tentou afastá-lo.

-Me deixe em paz! Gritou. Eu não pedi para vir aqui, você me forçou. Por que não me deixa ir embora?
Ele não sabia direito o que dizer.
-Não pode sair!
Carregou-a de volta ao sofá. Depois foi ao bar e encheu um copo de uísque.
Não importava se estava ou não infectada.
Levou-lhe a bebida. Ela fez como se não quisesse.
-Beba, vai te acalmar.
-Então você vai me passar mais alho na cara? Ela disse com raiva.
Ele balançou a cabeça negativamente.
-Beba agora!
Minutos depois ela pegou o copo e deu um gole no uísque.
E tossiu e segurou o estômago que doía.
-Por que você quer que eu fique?
Ele olhou para ela sem uma resposta definitiva em mente.
Então respondeu:
-Mesmo se estiver infectada, não posso deixar que saia lá fora. Você não sabe o que eles fariam com você.
Os olhos dela se fecharam.
-Eu não me importo.

CAPÍTULO 17.

-Eu não compreendo, ele disse depois de tudo. Quase três anos se passaram e ainda existem alguns deles vivos por aí, as reservas de comida se acabando.
Pelo que sabia alguns ainda jaziam em coma. Mas não estavam mortos.
Três anos e não morreram ainda. O que os mantinha vivos?

Ela vestia seu roupão. Depois de cinco horas começara a se acalmar, tomara um banho e mudou de roupa. Seu corpo delgado e magro parecia estranho no enorme roupão masculino. Lavara o cabelo e prendera num coque, com um laço.
Bebia café.

-Nós costumávamos vê-los algumas vezes, ela disse, tínhamos medo de chegar muito próximos . Não sabíamos se podíamos tocá-los.
-Vocês não sabiam que eles voltavam à vida depois de mortos?
Ela balançou negativamente a cabeça.
-Não.
-Você não pensou por que aquela gente atacou a sua casa à noite?
-Nunca entrou na nossa cabeça que eles...é difícil acreditar numa coisa dessas...
-Suponho que sim. Ele disse.
Ruth comia em silêncio e ele a observava. Fora difícil também acreditar que ela era uma mulher comum.
Depois de tantos anos, sua companhia aparecera.
Era mais do que duvidar dela.
Era duvidar que algo maravilhoso pudesse acontecer em um mundo destruído.
-Me fale deles, ela pediu.
Ele se levantou e foi pegar uma cafeteira no fogo.
Colocou um pouco para ela, depois para ele e devolveu a cafeteira e se sentou.
-Como se sente? Perguntou.
-Melhor agora, obrigada.
Ele concordou e colocou açúcar no seu café. Sentia os olhos dela fixos nele.

O que será que ela estava pensando? Imaginava o motivo da sua força, de ter sobrevivido
Quase confiava nela, mas não tinha certeza.
-Você ainda não confia em mim, ela disse parecendo ler sua mente.
-Não…não é isso.
-Claro que é, disse calmamente. Tá certo então, se quer checar meu sangue, vá em frente!
.Ele a olhou questionando suas intenções. Será que era um truque?
Bebeu o café. Era estupidez ser tão desconfiado.
Colocou o copo na mesa.
-Está bem, ele disse. Muito bem. Se você estiver infectada, farei tudo que eu puder para curá-la!
Os olhos dela encontraram os dele.
-E se você não puder?
Silêncio.
-Vamos esperar para ver! Respondeu.
Beberam mais café.
-Agora? perguntou ele.
-Por favor, deixe para mais tarde, eu me sinto ainda um pouco mal.
-Ok, pela manhã então.
Terminaram a refeição em silêncio. Neville sentia-se satisfeito por ela ter deixado ele checar seu sangue. Mas tinha medo de descobrir que ela apesar de tudo estava infectada.
Neste meio tempo, teria que passar uma tarde e uma noite com ela, talvez conhecê-la melhor e ficar atraído por ela. E então de manhã ele teria que...
Mais tarde, na sala de estar, sentaram-se olhando o mural, bebendo vinho do porto e ouvindo a Quarta sinfonia de Schubert.
-Não consigo acreditar, ela disse, mais animada. Nunca pensei que ouviria música de novo e que beberia vinho.
Olhava com cuidado a sala.
-Você fez um bom trabalho aqui, falou.
-Como era a sua casa?
-Não era como esta aqui, não tínhamos...
-Como você protegia sua casa? Ele a interrompeu.
-Oh, pensou, nós colocamos tábuas nas janelas, é claro, e cruzes.
-Nem sempre funciona, ele disse depois de um tempo.

-Não funcionam?
-Por que um judeu temeria uma cruz? afirmou. Por que um vampiro que tinha sido um judeu iria temer a cruz? Podiam ter medo de outra coisas, mas quanto à cruz, bem, nem um judeu ou hindu ou muçulmano, nem um ateísta, se importaria com a cruz.
Ela olhava o copo e olhava para ele sem nenhuma expressão.
-É por isso que não funcionam sempre...
-Você não me deixou terminar. Usávamos alho também..
-Pensei que o alho te deixava doente.
-Estava sempre doente. Perdi mais de dez quilos.
Enquanto ia até a cozinha pegar outra garrafa ele pensou que ela já deveria estar acostumada, depois de três anos.
Mas, ainda assim, não estava acostumada.
Qual era o problema em acreditar nela? Ela concordou que ele verificasse seu sangue.
O que mais podia fazer? O problema não era ela, mas ele. Tinha estado sozinho por muito tempo. Não acreditaria nela até olhar no microscópio. A hereditariedade vencera de novo. Eu sou o filho do meu pai, malditos sejam seus ossos mortos.
De pé na cozinha escura, Robert Neville olhou para Ruth.
Os olhos em seu roupão, na proeminência dos seios, descendo aos joelhos e pernas morenas. Tinha o corpo de uma menina, não o corpo de uma mãe de duas crianças.
O mais estranho de tudo era que ela não lhe despertava nenhum desejo.
Talvez se ela tivesse aparecido dois anos atrás, até antes, ele a tivesse estuprado.
Tinha passado por momentos terríveis naqueles tempos, momento que o obrigariam a escolher por qualquer solução que lhe fizesse sentir-se um homem novamente, por mais louca e insana que fosse..
Mas então, começara a fazer os experimentos, a bebida deixou de fazer parte da sua natureza compulsiva. Depois de algum sucesso, tinha se envolvido com a investigação.
Seu apetite sexual diminuía, quase virtualmente desaparecera.
A salvação do monge, pensou.
O apetite tinha que desaparecer mesmo, cedo ou tarde, ou nenhum homem comum poderia dedicar-se a uma vida sem sexo.
Agora estava bem mais feliz, precisava de muito pouco, nada que o afastasse da estrada da abstinência.

Estava contente que fosse assim. Especialmente por que não tinha certeza de que Ruth era a companheira que ele esperava. Ou se na manhã seguinte a deixaria viver. Ou curá-la.
Curá-la era bastante improvável.
Voltou para a sala depois de abrir outra garrafa. Ela sorriu para ele enquanto era servida de vinho.
-Estive admirando sua pintura, disse, quase acreditei que estava na floresta.
Ele emitiu um grunhido.
-Deve ter dado um trabalhão para deixar sua casa assim.
-Você deveria saber, ele respondeu. Você passou pela mesma coisa.
-Nós não tínhamos nada parecido com isso. A nossa casa era pequena, menos da metade da sua.
-Vocês devem ter ficado sem comida, disse observando-a com atenção.
-Só tínhamos comida congelada, ela respondeu. E não tínhamos muita.
Ele assentiu. Lógico, tinha que admitir. Mais ainda assim não gostava.
Podia ser só intuição, ele sabia.
-E quanto à água? Ele perguntou.
Ela o olhou em silêncio por um tempo.
-Você ainda não me acredita. Nem uma palavra.
-Não é isso. Só estou curioso sobre como você vivia.
-Você não consegue disfarçar sua voz, ela disse. Esteve sozinho muito tempo, perdeu o talento para mentir.
Sentiu-se pouco confortável pensando que ela brincava com ele.
Ridículo, ela é só uma mulher. Provavelmente ela está certa e eu sou só um ermitão sem graça, mas o que importa?
-Me fale do seu marido, pediu abruptamente.
Algo mudou em seu rosto, a sombra de uma memória.
-Agora não. Por favor.
Ele se sentou ao sofá incapaz de explicar a ausência de satisfação que sentia. Tudo que ela dizia não fazia com que se sentisse melhor. Podia ser nada mais que mentiras.
Mas por que mentiria? perguntou-se.
Pela manhã ele iria verificar seu sangue. O que adiantaria se em poucas horas ele ficaria sabendo da verdade?
-Sabe, disse tentando contornar a situação. Fico pensando por que só três pessoas sobreviveriam à peste, por que não mais?

-Acha possível?
-Por que não? Devem haver outros que são imunes por algum motivo.
-Me fale sobre o germe.
Ele hesitou e baixou a garrafa de vinho.
O que aconteceria se contasse tudo? E se ela escapasse e voltasse depois de morta, com todo seu conhecimento?
-Tem muita coisa, muitos detalhes, respondeu.
-Você já falou antes sobre a cruz. Como sabe que é verdade?
-Você se lembra do que eu disse sobre Ben Cortman? Ele preferiu dizer ao invés de contar-lhe algo novo.
-Você quer dizer aquele homem que...
-Sim, venha aqui que eu vou lhe mostrar.
Foram até o buraco de vigia. O cheiro dos cabelos dela fez com que ele se afastasse.
Não é estranho? Não gosto do cheiro. Como Gulliver ao voltar de sua viagem, se ofendia com o cheiro da humanidade.
-Ele é aquele perto do poste.
Ela fez um ruído com a boca e disse:
-São poucos. Por que são tão poucos?
-Matei a maioria deles, mas ainda sobraram alguns.
-Como pode aquele poste estar aceso? achei que o sistema elétrico estava destruído.
-Liguei-o ao meu gerador, assim posso vê-los.
-Eles não quebram a lâmpada?
-Coloquei uma proteção ao redor.
-Mas eles não sobem no poste e tentam quebrar?
-O poste está coberto de alho.
Ela balançou a cabeça.
-Você pensou em tudo, disse.
Afastando-se, ele olhou para ela. Como podia estar tão calma agora, perguntando e fazendo comentários e, apenas uma semana atrás, ter visto o marido cortado em pedaços?
Dúvidas novamente. Quando vão parar?
Não até que tivesse certeza.
-Me dá licença, disse ela se afastando.
Ficou vendo-a andar até o banheiro e fechar a porta atrás de si.
Voltou para olhar o buraco de vigia e sorriu.
"Você me dá licença?"
Por alguma razão a frase o levara grotescamente a um distante passado.

Emily Post correndo pelo jardim.
Etiqueta para jovens vampiros.
O sorriso se foi.
E agora?
O que o futuro guardava para ele?
Daqui a uma semana ela estaria ainda com ele ou em meio ao fogo que jamais apagava?
Sabia que, se ela estivesse infectada iria tentar curá-la, mesmo que não funcionasse.
Mas e se ela estivesse livre do bacilo?
De certo modo, aquela possibilidade mexia muito mais com seus nervos.
Se estivesse infectada ele apenas prosseguiria com a sua vida de sempre, mas se ela ficasse, se eles começassem um relacionamento, talvez como marido e mulher, quem sabe um filho...
Sim, com certeza era algo assustador.
Subitamente se dera conta de que virara um solteiro empedernido novamente.
Algo que jamais pensara, depois de ter uma esposa, uma filha, uma vida passada.
O presente já bastava.

Tinha receio da possibilidade de precisar fazer sacrifícios e aceitar responsabilidades novamente.
Receio de dar seu coração, removendo as correntes que o mantinham emocionalmente imobilizado. Medo de amar de novo.

Quando ela voltou ele ainda pensava nisso.
A vitrola , sem que percebesse, emitia apenas o som arranhado do fim do disco.
Ruth virou o disco. O terceiro movimento reiniciou.
-E quanto à Cortman? Perguntou ao se sentar.
-Cortman?
-Você ia me dizer algo sobre ele e sobre a cruz.
-Uma noite, eu mostrei a ele uma cruz.
-O que aconteceu?
Será que devo matá-la agora? Sem ao menos investigá-la, apenas matá-la e enterrá-la?

Essas idéias eram crias odiosas do mundo em que ele aceitara viver, um mundo onde assassinar era mais fácil do que ter esperança.
Mas não faria isso, pensou, sou um homem, não uma máquina de matar.
-O que foi? Perguntou nervosa.
-O que?
-Você estava me encarando.
-Desculpe, só estava pensando.
Ela não disse mais nada. Bebeu o vinho e ele viu que as mãos dela tremiam um pouco.
Tinha que ter mais cuidado. Não queria que ela soubesse o que ele sentia.
-Quando eu mostrei a cruz Cortman riu de mim! Da minha cara!
Ela assentiu. Ele continuou.
-Então eu lhe mostrei uma Torah e ele se desesperou.
-Mostrou o que?
-Uma Torah, uma tábua de leis, eu imagino.
-E ele reagiu?
-Sim. Eu o tinha amarrado mas quando viu a Torah, rompeu as cordas e me atacou.
-O que aconteceu então?
-Me acertou a cabeça com alguma coisa, não me lembro com o que. Estava quase desacordado, mas usando a Torah eu consegui acuá-lo e fazê-lo sair pela porta. Como eu disse, a cruz não possui o poder que a lenda diz. Minha teoria é de que a lenda veio da Europa, um continente predominantemente católico, onde a cruz seria naturalmente um símbolo de defesa contra os poderes das trevas.
-Você atirou nele?
-Como sabe que tenho uma arma?
-Presumi que sim... nós tínhamos armas.
-Então você devia saber, balas não tem efeito sobre vampiros.
-Nós nunca...nunca tivemos certeza, respondeu rápido. Você sabe explicar por quê? Por que as balas não fazem efeito?
-Não sei, ele disse.
Ficaram sentados sem falar, ouvindo a música.
Ele sabia, mas novamente duvidava dela o bastante para não lhe contar.
Através dos seus experimentos com vampiros mortos, ele descobriu que o bacilo tinha o poder de criar uma espécie de cola

que selava os buracos abertos pelas balas logo que eram feitos. As balas então ficavam dentro deles, e uma vez que o sistema era ativado pelos germes, a bala não tinha como matá-los.
O corpo podia manter dentro de si uma quantidade indefinida de balas, desde que providenciasse para que os tecidos fossem logo reconstituídos.
Atirar neles era como jogar pedras no lago.
Ela ajeitou o robe cobrindo as pernas e percebeu que aquele era um típico movimento feminino de sedução.
Ao invés de sentir-se atraído, sentiu irritação. Era típico, um movimento artificial das mulheres.
E conforme o tempo passava ele quase se sentia mais e mais distante dela.
De certo modo, sentiu que não devia tê-la encontrado, estava até arrependido.
Através dos anos havia conseguido a paz tão esperada. Tinha aceitado a solidão e até achava que não era tão ruim. Agora tudo se acabara.
Tentando se recompor, pegou o cachimbo e pó. Socou o tabaco dentro e o acendeu.
Por um segundo pensou em perguntar se ela se importava mas não o fez.
A música chegou ao fim. Ela se levantou e foi olhar seus discos.
Parecia uma adolescente. Quem ela era? Quem era de verdade?
-Posso tocar este? Ela perguntou segurando um disco.
Ele sequer olhou qual era.
-Se você quiser...
Quando ela voltou a se sentar, o segundo concerto para piano de Rachmaninoff começara. Seu gosto não era dos melhores, olhando para ela sem nenhuma expressão.
-Me fale de você, ela pediu.
Outra típica reação feminina pensou e então se questionou por que estava sendo tão crítico com ela. Qual era a vantagem disso?
-Não tenho muito a contar.
Ela sorria. Será que estava rindo dele?
-Você me assustou de verdade hoje de tarde. Você e sua barba, e estes olhos selvagens.
Ele soprou a fumaça. Olhos selvagens? Aquilo era ridículo! O que estava tentando fazer? Dobrá-lo com seu charme?
-Como você é debaixo desta barba? Ela perguntou.
-Nada demais. Uma cara igual a outras.

-Quantos anos tem, Robert?
Ele tragou em seco. Era a primeira vez que ela o chamava pelo nome.
E era muito estranho ouvir seu nome sendo pronunciado por uma voz de mulher.
Não me chame assim, ele quase falou.
Não queria que a distância entre eles desaparecesse.
Se estivesse doente e não pudesse curá-la, queria que fosse uma estranha a mais para ele se livrar.
-Não precisa conversar se não quiser, ela disse rapidamente. Não vou te incomodar. Vou embora amanhã.
-Mas...
-Não quero substituir sua esposa, não precisa sentir qualquer obrigação comigo só porque somos... os últimos que restaram.
Ele sentiu uma ponta de culpa em suas palavras.
Por que tinha que duvidar dela? Se estivesse doente, não escaparia mesmo.
O que temia?
-Desculpe, eu... estive sozinho tempo demais.
Ela não olhava para ele.
-Se quiser conversar, disse, eu ficaria contente de lhe contar tudo que eu sei.
Ela hesitou e então olhou para ele.
-Eu queria saber sobre a doença. Perdi minhas duas meninas por causa dela e também o meu marido.
-Foi um bacilo, ele disse, uma bactéria cilíndrica. Cria uma solução isotônica no sangue, circula pelo corpo lentamente ativando as funções corporais, provê energia. O bacilo vive no sangue. Sem ele os bacteriófagos o matam ou então vira esporos.
Percebeu que ela não entendera pela sua expressão.
Termos que eram agora tão comuns para ele eram totalmente estranhos para ela.
-Bem, ele continuou, isso não é tão importante. Um esporo é um corpo oval com os mesmos ingredientes básicos de uma bactéria vegetativa. Acontece quando não há mais sangue disponível. Então o vampiro hospedeiro se decompõe e os esporos saem por aí procurando novos hospedeiros, vão infectar outro corpo.
Ela o olhava, incrédula.
-Bacteriófagos são proteínas inanimadas que também são criadas quando o corpo não possui mais sangue, mas ao contrário do esporos, destroem as células.

Contou-lhe superficialmente sobre o sistema linfático, da reação causada pelo alho e dos vários vetores da doença.
-Então por que somos imunes?
Ele olhou para ela por um bom tempo, sem que qualquer resposta viesse.
-Não posso falar sobre você, mas eu servi no Panamá e fui mordido por um morcego vampiro. E, apesar de não poder provar, minha teoria é de que aquele morcego tinha os germes, adquiridos por sugar o sangue de um vampiro de verdade. O germe fez com que aquele vampiro procurasse sangue humano e não animal. Mas, de alguma forma, o germe se estabeleceu no meu sistema... mas era fraco, me deixou doente, mas não morri. E como resultado, desenvolvi uma imunidade. É apenas uma teoria, não encontrei uma resposta melhor.
-E o mesmo aconteceu com outros por lá?
-Não sei. Eu matei aquele morcego. Talvez eu fui o único homem a ser atacado.
Ela o olhou sem dizer nada. Neville se sentiu incomodado e continuou a falar mesmo sem querer fazê-lo.
Então contou para ela sobre o maior obstáculo em seu estudo sobre vampiros.
-Antigamente eu achava que tinha que acertar uma estaca em seus corações. Eu acreditava na lenda. Então descobri que não era bem assim. Eu passei a cravar estacas em outras partes e eles também morriam. Isso me fez pensar na hemorragia, mas então um dia...
E ele contou sobre a mulher que se desmanchara diante de seus olhos.
-Soube que não podia ser a hemorragia, disse sentindo-se satisfeito por falar um pouco sobre suas descobertas. Não sabia o que fazer até que um dia eu descobri.
-O que? Ela perguntou.
-Capturei um morto-vivo e coloquei seu braço em uma maquina de vácuo artificial. E dentro dela eu furei seu braço. Saiu sangue e só.
-Não entendi.
-Quando deixei o ar entrar no tanque, o braço se desfez.
Ela apenas o olhava.
-Veja, o bacilo é um organismo saprófito que pode viver sem ou com oxigênio, mas com uma diferença. Dentro do corpo á anaerobiótico e vive em simbiose com o vampiro. O vampiro o

alimenta com sangue e ele dá a energia em troca. E também favorece o crescimento dos caninos para facilitar conseguir o sangue.
-É?
-Quando o ar entra em contato a situação muda instantaneamente. O germe se torna aeróbico e ao invés de simbiose ele se torna um parasita virulento. Ele come o hospedeiro.
-Então a estaca...
-Ela deixa o ar penetrar no corpo em quantidade e não deixa que a cola orgânica feche o buraco aberto. O coração, então, nada tem a ver com isso. Basta cortá-los profundamente, e a cola orgânica não funciona. E pensar no tempo que perdi fazendo estacas...
Ela baixou o copo de vinho.
-Por isso eu lhe disse que aquela mulher se desfez tão rapidamente. Ela já estava morta faz tempo e bastou o ar penetrá-la que os germes causaram uma dissolução instantânea.
-Que horror!
Ele a olhou com surpresa. Horror? Não era estranho? Fazia muito tempo que para ele que a palavra 'horror' havia se tornado obsoleta. Terror em excesso torna-se um terror normal, aceitável. Para Robert Neville a situação meramente existia, como um fato. Sem adjetivos.
-E quanto aqueles que.. .aqueles que ainda estão vivos? Ela perguntou.
-Bem, quando você os fere, o germe se torna parasítico. A maioria morre com uma simples hemorragia.
-Simples.
Ela se virou, rápida, os lábios eram uma linha fina.
-Qual o problema?
-Nada, ela disse.
-Um dia você se acostuma, ele disse. Não tem outro jeito.
Ela estremeceu.
-Acredite-me, é o único jeito. Ou é melhor deixá-los morrer da doença e voltar daquele jeito terrível?
Suas mãos se apertaram.
-Mas você disse que um monte deles ainda vive, disse nervosa. Como podem continuar vivos?
-Eu sei, sei como o germe se multiplica. Não importa o quanto seus sistemas lutem contra ele, no final o germe vence. Eu fiz antibióticos, injetei em dezenas deles. Mas não funcionou, não

funciona. Seus corpos não conseguem fabricar anticorpos e lutar contra os germes ao mesmo tempo. Não podem, acredite. É uma armadilha. Se eu não os matar, cedo ou tarde eles morrem e depois vem atrás de mim. Não tenho escolha.
No silêncio que se seguiu o único som que se ouvia era o da agulha no final do disco.
Ela o evitava com os olhos fixos ao chão.
Era estranho para ele que agora precisasse justificar seus atos.
Em todos aqueles anos passados, nunca lhe ocorrera que pudesse estar errado.
Bastou a presença dela para que estes pensamentos viessem. E eram idéias estranhas, pensamentos de outros.
-Você acha que eu estou errado? Ele perguntou com uma voz incrédula.
Ela mordeu o lábio inferior.
-Ruth...ele murmurou.
-Não posso julgá-lo, respondeu.

CAPÍTULO 18.

-Virgínia!

O grito de Robert Neville ecoou na escuridão do quarto silencioso.
Ele pulou do sofá com olhos sanados, atravessou a sala, o peito pulsando como as batidas de maníacos nas paredes.
Não era capaz de raciocinar ou definir tempo ou espaço, confuso ainda com o sonho.
-Virgínia, chamou de novo. Virgínia?
Alguém na escuridão, próximo ao buraco de espia, disse:
-Sou eu, ouviu a voz na escuridão.
Ela tossiu e segurou seu ombro.
-É Ruth, Ruth, ela sussurrou.
Ele não parecia totalmente convencido da realidade.
-Sou eu, Ruth, disse de novo, mas desta vez mais alto.
Algo frio se retorcia dentro de seu peito e do estômago.
Não era Virgínia.
-Oh, murmurou debilmente. Oh, eu…
Sentiu que a névoa que o entorpecia ia se dissipando.
-O que você está fazendo? Ele perguntou com a voz embargada de sono.
-Nada, respondeu nervosa , eu estava sem sono.
Acendeu a lâmpada...
Ela estava contra a parede, parada com as mãos fechadas em soco.
-Por que está vestida?
-Estava só olhando lá para fora.
-Mas por que se vestiu?
-Não conseguia dormir.
Ele sentia o ritmo do coração se normalizar.
Ele os ouvia gritando lá fora e ouviu quando Cortman gritou:
-Sai daí, Neville!
Ele fechou o buraco de espia e se voltou para ela.
-Quero saber por que se vestiu!
-Nenhuma razão.
-Você ia sair enquanto eu dormia?
-Não, eu...
-Ia?

Ela engoliu em seco.
-Não, não! Como poderia sair com eles lá fora?
Neville a fitou, ela tinha medo dele.
E ele ainda tremia com o choque de ter acordado achando que fosse Virgínia.
E ele pensava que o passado estava morto.
Quanto tempo será que levaria para o passado sumir?
Ela não disse nada ao vê-lo se servir de uma dose generosa de uísque.
Virgínia, pensou, continuava com ele.
-Este era o nome dela? Ouviu Ruth perguntar.
Seus músculos reagiram e relaxaram.
-Está tudo bem, disse sem vida, volte para a cama.
-Eu sinto muito, disse, não queria...
Então ele se deu conta que não queria que ela fosse para o quarto, mas que ficasse ali com ele. Não sabia bem porque, mas não queria ficar sozinho.
-Achei que você fosse minha mulher, ouviu-se dizendo. Acordei e pensei…
Encheu a boca de uísque, tossindo quando parte dele desceu errado.
Ruth permanecia nas sombras, observando-o.
-Ela voltou, sabe. Eu a enterrei, mas uma noite ela voltou. Ela se parecia com você esta noite ai, uma sombra, um contorno. Morta. Mas ela voltou. Tentei ficar com ela, mesmo assim. Mas não era a mesma coisa, nunca mais... sabe, tudo que ela queria era...
Forçou mais um gole dos grandes, garganta abaixo.
-Minha própria mulher, disse trêmulo, voltou atrás do meu sangue.
Ruth nada disse, de pé na escuridão, ouvindo.
-Eu me livrei dela, tive que fazer a mesma coisa que fiz com os outros. Minha esposa. Tive que enfiar uma estaca nela, era a única coisa que podia fazer. Eu...
Não conseguiu terminar.
Calou-se por um longo tempo, os olhos fechados, sentindo-se miseravelmente mal.
Então, depois falou:
-Já se passaram três anos e eu ainda me lembro! Ainda está aqui. O que você pode fazer?
Socou com toda força o tampo do bar, sentindo o passado apertá-lo.

-Não importa o quanto você tente mas não consegue esquecer, ou admitir, ou se livrar disso! Sei o que você está sentindo. Eu não acreditava em você no início. Eu estava seguro na minha pequena casca, agora, num segundo tudo se foi. Segurança, paz, adaptação, tudo se foi.
-Robert! A voz dela parecia tão angustiada e triste quanto ele. Por que nos punimos deste jeito?
-Não sei, respondeu amargo. Não há razão ou resposta. É assim, apenas.
Ela se aproximou dele e subitamente, sem hesitação, ele a abraçou e ficaram abraçados, fundiram-se na solidão da noite.
-Robert, Robert.
As mãos dela acariciavam suas costas enquanto seus braços a seguravam com firmeza e seu rosto no cabelo macio dela.
Os lábios se uniram por um longo tempo enquanto as mãos dela seguravam o pescoço dele.
Sentados na escuridão, pressionando os corpos um contra o outro, como se todo o calor que restasse no mundo estivesse em seus corpos, ele sentia o peito dela inflar-se de ar, contra o seu corpo, os braços apertados ao redor. Suas mãos enormes vasculhando os cabelos dela, sentindo-o sedosos.
-Desculpe-me Ruth.
-Desculpar?
-Por ter sido cruel com você, por não acreditar em você!
-Oh Robert, ela disse, É tão injusto, tão injusto. Por que continuamos vivos? Por que não estamos todos mortos? Seria melhor se tivéssemos morrido!
-Shhh, ele fez, sentindo suas emoções renovadas escaparem de seu coração e mente. Tudo vai ficar bem.
-Como?
-Vai ficar, ele disse mesmo sabendo que não acreditava em suas palavras, que eram apenas palavras fluindo sem controle.
-Não, não.
-Ficará sim Ruth, ficará sim.
Não saberia dizer quanto tempo ficaram juntos daquele jeito. Ele se esqueceu de tudo mais, tempo e lugar, eram apenas os dois, precisando um do outro, sobreviventes do terror abraçados porque haviam descoberto um ao outro.
E ele queria ajudá-la, fazer algo.
-Venha, ele disse, vou checar você!
O corpo dela ficou tenso em seus braços.

-Não, ele disse, não precisa ter medo, tenho certeza de que não encontrarei nada, mas se encontrar, eu irei curá-la, juro. Vou curar você, Ruth.
Ela olhava para ele sem falar.
Ele se levantou e a levou consigo pela mão, sentindo uma excitação que nunca sentira em anos. Ele queria salvá-la.
-Deixe, ele pediu. Não vou te machucar. Prometo! Vamos resolver logo de uma vez. Então depois podemos pensar em algo e trabalhar numa solução. Vou te salvar, Ruth, farei isso ou morrerei tentando!
Ela estava tensa, resistia.
-Venha, Ruth, venha!
Ele a levou para o quarto. Sob a luz do abajur, ele pôde ver o quanto ela estava assustada.
-Está tudo bem, Ruth, não importa o resultado, estará tudo bem. Compreende?
Ela tremia ainda mais ao vê-lo aquecer a agulha no bico de bunsen.
Ele a beijou.
Ela fechou os olhos quando a agulha penetrou. Ele podia sentir a dor nele, quando pressionou a lâmina contra o sangue.
-Isso, isso, disse ansioso, pressionando o pedaço de algodão no seu dedo.
Não interessava o quanto tentava se controlar, seus dedos eram praticamente incapazes de ajustar o slide e ele continuava olhando para ela e sorrindo para ela, tentando parecer tranqüilo.
-Não tenha medo, ele disse. Por favor, eu vou te curar se estiver infectada. Eu vou, sim.
Ela ficou sentada enquanto ele trabalhava, as mãos apertando o joelho.
-Oque você vai fazer se eu...se eu for...
-Não tenho certeza, mas tem um monte de coisas que podemos tentar.
-O que, por exemplo?
-Vacinas.
-Você disse que as vacinas não adiantavam, ela disse com a voz estremecida.
-Sim, mas...
Neville ajeitou a lâmina de vidro no microscópio.
-Robert, não olhe! Ela suplicou.
Mas ele já havia olhado.

Não percebeu que parou de respirar.
Seus olhos se encontraram.
-Ruth.
O martelo de madeira o acertou bem na testa.
A dor fez Robert Neville fraquejar e escorregar caindo no chão.
Surpreso, olhou seu rosto tomado de medo.
O martelo acertou de novo e ele gritou de dor, com as duas mãos em palmas ao chão.
A milhares de quilômetros, ouvia seu próprio gemido.
-Ruth, ele murmurou.
-Eu disse para não olhar! Ela gritou.
Ele viu as pernas dela de relance quando o martelo o atingiu uma terceira vez.
-Ruth...
As mãos de Neville se enfraqueceram, fazendo-o cair definitivamente de bruços.
Sentiu seus dedos em convulsão enquanto a noite enchia seu cérebro.

CAPÍTULO 19.

Quando abriu os olhos não havia um som sequer na casa.
Continuou onde estava,olhando confuso o chão.
Então, com um grunhido se sentou.
Um pacote de agulhas explodiu em sua cabeça e ele se deitou no chão frio, com as mãos pressionando o crânio.
Depois de poucos minutos se ergueu lentamente, segurando-se na bancada.
O chão parecia ondular debaixo dele, de olhos fechados, as pernas bambas.
Conseguiu chegar ao banheiro onde jogou água fria no rosto e sentado na privada, colocou uma toalha molhada contra a testa.
O que tinha acontecido? Ficou olhando o chão branco e pensando.
Levantou-se e caminhou até a sala vazia. A porta da frente estava aberta pela metade e a a se via manhã cinzenta lá fora.
Ela foi embora.
Então ele se lembrou. Voltou ao quarto, usando as paredes como apoio.
O bilhete estava na bancada, perto do microscópio.
Pegou-o e foi até a cama.
As letras custaram a fixar-se diante de seus olhos.
Pressionou os olhos e depois conseguiu ler:

"Robert. Agora você sabe. Sabe que eu estava espionando você e sabe que quase tudo que eu te contei era mentira.
Escrevo este bilhete por que quero salvá-lo se eu puder.
Quando eu estava te espionando não me importava com sua vida.
Porque eu tive um marido, Robert, e você o matou.
Mas agora é diferente.
Sei que você foi forçado a isso, assim como nós fomos forçados a fazer o que fazemos.
Estamos infeccionados.
Mas você já sabe disso.
O que você não compreende é que nós vamos sobreviver. Nós achamos um meio de reerguer nossa sociedade, do nosso jeito, sem pressa mas também sem parar.
Nos livraremos dos miseráveis enganados pela morte. E mesmo que eu reze para o contrário, nós mataremos você e aqueles como você."

Aqueles como eu?

"Tentarei salvá-lo. Direi que você está fortemente armado e que um ataque seria desastroso. Use bem este tempo que estou lhe dando, Robert! Saia da sua casa, vá para as montanhas, salve-se. Existem poucos de nós agora, mas cedo ou tarde, bem organizados, nada nos deterá e iremos destruí-lo. Por Deus, Robert, vá embora enquanto pode.
Sei que você pode não acreditar nisso. Sei que não pode acreditar que somos capazes de viver ao ar livres, ao sol, por breves períodos de tempo. Pode pensar até que meu bronzeado era maquiagem. Pode não acreditar que agora podemos viver com o germe.
Por isso estou deixando uma das minhas pílulas
Eu as tomei enquanto estive com você. Estavam guardadas num cinto sob a roupa.
Você vai descobrir que são uma combinação de sangue defebrinado e uma droga. Não sei exatamente o que é. O sangue alimenta os germes e a droga previne sua multiplicação.
Foi a descoberta desta droga que nos impediu de morrer e que está nos ajudando a, vagarosamente, reconstruir nossa sociedade.
Acredite, é verdade. E fuja!
Perdoe-me também. Não quis te machucar, mas fiquei aterrorizada com o que você poderia fazer se soubesse que estou doente.
Perdoe-me por ter mentido sobre tantas coisas. Mas por favor, acredite em mim.
Quando ficamos juntos abraçados no escuro, eu não estava te espionando. Eu amei você.
Ruth."

Leu a carta novamente e depois a deixou cair, enquanto olhava o chão sem poder acreditar no que acontecera.
Na bancada ele encontrou a pequena pílula branca. Deixou-a rolar na palma da mão.
Cheirou-a. Sentiu que toda sua segurança se fora.
Toda sua base estava desmoronando e aquilo o assustava.
Como refutar tal evidência?
A pílula, seu bronzeado, ela andando ao sol, sua reação ao alho.
Sentou-se na banqueta e viu o martelo no chão.

Lentamente, as recordações o golpeavam.
Quando ele a viu pela primeira vez, ela fugiu. Teria sido um truque?
Não, ela estava genuinamente assustada. Se assustou de verdade, seus gritos, seu choro de medo… ela esperava por ele, mas acabou esquecendo de sua missão.
Depois, quando se acalmou, ela o convencera que sua reação ao alho fora resultado de um estômago doente.
E ela tinha mentido e, sorrindo, fingiu aceitar sua esperança e cuidadosamente o fez dar informações que desejava. E quando ia fugir, não pôde, por causa de Cortman e os outros. Então eu despertei e nós nos abraçamos e....socou o balcão.
"Eu amei você !"
Mentira. Mentira!
Amassou a carta e a atirou para longe.
O ódio inflamara seu cérebro e ele pressionava a cabeça com ambas as mãos.
Então olhou para o microscópio.
Colocou-o firmemente à base de novo.
O resto da carta não era mentira. Sem a pílula, sem uma evidência de memória, ele sabia que Ruth e os seus não pareciam saber.
Olhou pelo microscópio por um longo tempo.
Ele sabia.
E admitir aquilo mudou seu mundo por completo.
Sentiu-se estúpido por nunca ter chegado àquela conclusão.
Especialmente depois de ter lido aquela frase milhares de vezes.
Mas nunca tinha realmente entendido.
Uma frase curta e que significava tanto.
Bactérias também podem ser mutantes.

Parte 4 - Janeiro de 1979.

CAPÍTULO 20.

Vieram à noite. Chegaram em seus carros negros com faróis acesos, com suas armas, machados e lanças.
Vieram da escuridão ruidosamente com o som dos motores, seus braços brandindo à luz dos faróis, de todos os pontos da avenida e afunilando na Cimarron Street.
Robert estava sentado, em vigia, quando eles apareceram.
Fechou um livro que usava como passatempo e passou a observar as faces pálidas das faces dos vampiros de olhos cegos.
Neville saltou daquele lugar, seu coração levara um choque abrupto.
Ficou por um momento na escuridão incapaz de decidir o que fazer.
Sua garganta contraiu-se ao ouvir o rugir dos motores dos carros apesar do isolamento acústico da casa.
Pegou uma de suas pistolas e a submetralhadora pensando em defender a casa.

Não, ele tinha tomado uma decisão, tinha pensado cuidadosamente durante aqueles últimos meses.
Ele não lutaria.
Com uma sensação de peso no poço do estômago, foi até a espia à porta e olhou.
A rua se transformara numa cena de crescente violência, iluminada pelos faróis.
Homens perseguiam outros homens, ouvia o som de suas botas na calçada.
Então um disparo curto ecoou perturbador e mais outros disparos.
Dois vampiros machos foram atingidos por quatro homens armados, enquanto outros dois vampiros eram atingidos por lanças no peito. Seus gritos enchiam a noite e Neville sentiu o peito apertado ao assistir tudo de sua casa.
Aqueles homens vestidos de negro sabiam o que faziam.
Haviam sete vampiros agora, seis homens e uma mulher.
Os homens cercaram os sete, apontaram suas armas e dispararam dardos cortantes em seus corpos. O sangue cobriu a rua escura e os vampiros foram sendo eliminados um por um.

Neville estremeceu.
Aquela era a nova sociedade?
As palavras lhe voltaram à mente. Nova sociedade.
Tentava acreditar que aqueles homens haviam sido forçados àquilo, mas estava ainda chocado e com uma dúvida terrível.
Será que precisava ser desta forma, como uma brutal e sangrenta matança?
Por que todo aquele alarde pela noite quando poderiam pegá-los tranqüilamente durante o dia?
Robert Neville fechou as mãos em soco.
Não gostava daquilo, não gostava de seus métodos e da carnificina.
Pareciam mais bandidos do que homens forçados aquela situação.
Parecia haver uma ponta de satisfação, de triunfo em seus rostos pálidos iluminados pelos holofotes. Rostos cruéis e sem emoção.
Então Neville subitamente se lembrou. Onde estaria Ben Cortman?
Procurou pela rua, mas não viu Cortman.
Em todas as direções, procurou por ele.
Não queria que eles pegassem Cortman, não queria que o matassem deste jeito.
Estupefato, se deu conta que sentia mais admiração pelos vampiros do que por seus executores.
Os sete vampiros jaziam em suas poças de sangue.
Os holofotes se moviam, varrendo a rua. Neville afastou os olhos por um instante quando a luz acertou a casa e depois voltou a olhar.
Um disparo. Neville procurou o foco das luzes.
Cortman estava no telhado da casa do outro lado da rua.
Tentava alcançar a chaminé, rastejando pelas telhas.
Ocorreu então à Neville que Cortman estiver escondido todo este tempo na chaminé e sentiu uma ponta de raiva.
Porque ele não tinha prestado mais atenção nas buscas?
Não podia aceitar que Cortman fosse morto por estes estranhos.
E não fazia sentido, uma vez que não podia fazer nada.
Assistiu, se torturando, as luzes caírem sobre o corpo de Cortman. Suas mãos pálidas tentavam se agarrar ao telhado. Mas Cortman era lento demais, como se tivesse todo o tempo do mundo. Rápido! Sentiu-se como Cortman, agonizando com seus movimentos vagarosos.

Os homens, sem pronunciar ordem alguma, ergueram as armas e a noite foi mais uma vez transformada em dia pelo fogo das explosões.
Neville quase sentiu as balas penetrarem em sua própria carne.
Seu corpo saltou em convulsões quando viu Cortman virar-se ao impacto dos projéteis.
Cortman ainda resistia e Neville pode ver mais uma vez seu rosto branco, os dentes fechados. O fim de Oliver Hardy, pensou a morte de todos os comediantes e de todas as risadas.
Não conseguia mais ouvir o fuzilamento e não sentia suas lágrimas rolarem pelo rosto.
Seus olhos estavam fechados quando a forma irreconhecível de seu velho amigo contorcia-se no telhado.
Agora Cortman estava de joelhos, segurando-se na beira da chaminé, com os dedos espasmódicos.
Os olhos negros cegos pelas luzes, a boca aberta de onde nenhum som saía.
Ele então conseguiu erguer a perna direita obre a chaminé.
A metralhadora então atingiu Cortman como se o partisse.
Cortman ainda ficou ereto por um pouco, com seu olhar louco desafiando aquelas criaturas.
-Ben, Neville murmurou.
O corpo de Ben Cortman tombou, rolou pelo telhado e caiu no espaço.
Ouviu-se, no silêncio, seu baque do outro lado da rua.
Dolorosamente, Neville assistiu os homens perfurando-o com as lanças.
Então fechou os olhos, as unhas furando a carne da palma das mãos.

O ruído das botas. Neville voltou para a escuridão.
No meio da sala, esperou que eles o chamassem para fora.
Tentou recuperar a calma. Não vou lutar, disse para si mesmo.
Mesmo que os odiasse, mesmo odiando aqueles homens de preto com suas pistolas e suas lanças sangrentas.
Não lutaria. Tinha pensado nisso cuidadosamente.
Eles faziam o que achavam ser preciso fazer, apesar da violência desnecessária, apesar da insanidade daquilo. Não lutaria. Não se colocaria contra a justiça do novo mundo.
Quando o chamassem, ele sairia e se renderia, estava decidido.

Mas não chamaram. Neville saltou para trás quando a lâmina do machado acertou sua porta. Continuava tremendo no meio da sala escura.
O que estavam fazendo? Por que não o chamavam para render-se? Ele não era um vampiro, mas um homem como eles. Oque estavam fazendo?
Correu para a cozinha. Eles estavam cortando a porta dos fundos também.
Seus olhos procuraram nervosos a porta da frente. Sentiu o coração pulsando forte.
Ele não entendia, não entendia.
Ouviu alguns disparos de armas. Estavam atirando na fechadura da porta da frente.
Outro tiro reverberou dentro de seus ouvidos.
Então de repente ele entendeu. Não iriam levá-lo para suas cortes, para julgamento.
Iriam exterminá-lo, isso sim.
Aterrorizado, correu para o quarto. Suas mãos buscavam a cartucheira na estante.
Ficou de pé, apesar das pernas tremendo, com as armas nas mãos.
Mas e se eles estivessem querendo levá-lo como prisioneiro? Ele apenas julgara a partir do fato de não o terem chamado para se render.
Não havia luzes na casa e eles talvez pudessem pensar que não havia ninguém e que ele se fôra. Sem saber o que fazer, permaneceu no escuro do quarto, a garganta seca de pavor.
Por que não a ouviu e foi embora? Por que não foi embora quando teve chance?
Idiota!
Uma das suas armas caiu de seus dedos nervosos quando a porta da frente veio abaixo.
Pés pesados atravessaram a sala de estar, Robert Neville retrocedeu apenas com uma pistola na mão.
Não iriam matá-lo sem briga.
Na sala, um homem disse algo que ele não entendeu, então lanternas foram acesas por toda parte, sentiu a sala rodar, então aquilo era o fim. Só pensou nisso. Era o fim chegando.

Dois homens entraram.
A luz das lanternas atingiram seu rosto. Os dois homens se sobressaltaram.

-Ele tem uma arma, um deles gritou e disparou.
Neville ouviu a bala acertar a parede acima de sua cabeça.Então Neville disparou várias vezes, a luz dos disparos iluminando os rostos, mas ele não mirava, apertava o gatilho como um autômato e um deles gritou de dor.
Então Neville sentiu um golpe em seu peito, cambaleou e caiu soltando a arma.
-Você o pegou, ouviu alguém gritar.
Só pensava que alguém iria puxar o gatilho e Virgínia, pensou, Virgínia, estarei em breve com você.
A dor no peito era grande, ouvia as botas por toda parte e esperou pela morte.
Queria morrer ali mesmo, na sua casa, não em outro lugar.
A dor só piorou quando o arrastaram para a sala.
-Não, gritava, não!
Tudo desapareceu em escuridão.
-Virgínia, sussurrou.
E os homens de negro levaram seu corpo da casa.
Para a luz.
Para um mundo que pertencia a eles e não mais a Neville.

CAPÍTULO 21.

Um murmúrio confuso no ar. Robert Neville tossiu fraco e moveu sua cabeça na almofada.
O som aumentou, como uma mistura de ruídos confusos.
Suas mãos lentamente se firmaram aos lados.
Seu peito ainda doía.
E a dor crescia e diminuía. Durante minutos lutou contra ela.
Então, como uma máquina que voltava a funcionar, percebeu que estava despertando.
Onde estou? Foi seu primeiro pensamento. A dor era terrível.
Olhou para seu peito e viu uma bandagem branca empapada em sangue vermelho.
Fechou os olhos. Estou muito ferido. Sua garganta e lábios estavam secos.
Onde estou, onde estou...
Lembrou-se dos homens de negro e do ataque à sua casa.
E lembrou de onde estivera antes de chegar naquele lugar e viu a pequena janela com barras de ferro, do outro lado do pequeno cubículo.
Olhou para ela por um longo tempo. O barulho vinha de fora, aquele barulho confuso.
Moveu sua cabeça sobre o travesseiro e fixou os olhos no teto.
Era difícil de entender. Difícil de acreditar que não era um pesadelo.
Depois de três anos sozinho em sua casa, agora aquilo.
Só não podia duvidar da dor em seu peito e daquela mancha vermelha que parecia ficar maior e maior.
Fechou os olhos. Eu vou morrer, pensou.
E ainda assim não parecia que sua hora tivesse chegado.
Apesar de haver vivido cercado por ela, de haver passado tantas vezes tão próximo dela, apesar disso ainda não a entendia. A própria morte continuava a ser algo além da compreensão.
Ainda estava deitado de costas quando a porta ao seu lado se abriu.
Não dava para se virar, a dor era demais.
Ficou ouvindo os passos se aproximarem da cama e pararem.
Olhava para o teto e não via ninguém.
Meu executor, pensou, a justiça do novo mundo. Fechou os olhos e esperou.
Tentou engolir, mas não tinha saliva. Passou a língua nos lábios.

-Está com sede?
Olhou para ela incrédulo e subitamente seu coração disparou.
O fluxo crescente de sangue fez a dor aumentar e o atordoou por um momento.
Não conseguia impedir a dor. Ergueu sua cabeça e viu a mancha crescer ainda mais.
Ela estava de joelhos ao seu lado e passava uma toalha molhada em seus lábios.
A dor diminuía à medida que conseguia focar seu rosto.
Ficou olhando para ela com os olhos vazios.
-E então, ele finalmente disse.
Ela não respondeu. Levantou e sentou-se na beira da cama.
Ela secou sua testa e ouviu água caindo em um copo.
Lâminas de dor o perfuravam quando ergueu a cabeça para beber.
Isso era o que deviam sentir quando o perfuravam a carne com as lanças, pensou.
O sangue escapando.
A cabeça voltou a deitar-se.
-Obrigado, murmurou.
Ela o olhou com uma mistura de simpatia e desprendimento.
Seu cabelo vermelho ruivo estava preso na parte de trás da cabeça.
Parecia limpa e segura de si.
-Você não acreditou em mim, não foi? Ela disse.
-Eu acreditei em você, respondeu.
-E porque não foi embora?
Ele tentava falar mas as palavras faltavam. Encheu o peito e ar.
-Não pude, disse. Eu quase fui embora várias vezes. Empacotei tudo uma vez e saí de casa mas não consegui, não consegui... sair. Estava acostumado à... casa. Era um hábito, só... como viver... eu estava acostumado.
Ela apertou os lábios.
-Agora é tarde, ela disse, você sabe disso, não sabe?
Ele engoliu em seco.
-Eu sei.
Ele tentou sorrir mas não conseguiu.
-Por que tentou lutar? Tinham ordens de trazê-lo a salvo. Se você não tivesse atirado, não teriam te machucado...
-Que diferença faria…
Fechou os olhos, cerrando os dentes tentando não se render à dor.

Quando os abriu, ela ainda estava lá. A expressão em seu rosto não mudara.
Um sorriso fraco e torturado.
-Sua... sua sociedade... certamente é ótima, disse, tossindo. Quem são aqueles... gângsteres que vieram atrás de mim? O conselho de... justiça?
Ela não parecia se incomodar. Ela mudara, pensou.
-Novas sociedades são sempre primitivas, respondeu. Devia saber disso. De certa forma, somos como um grupo revolucionário, retornando a sociedade através da violência. É inevitável. Violência não é novidade para você. Você matou muitas vezes.
-Só... para sobreviver.
-É exatamente o porquê de estamos matando, disse calmamente. Para sobreviver. Não podemos permitir que os mortos vivam junto conosco. Seus cérebros estão danificados, eles só existem para um propósito. Precisam ser destruídos. Como alguém que cansou de matá-los, você deve entender isso.
Respirou profundamente e a dor aumentou.
Aquilo tinha que acabar logo.
Não conseguiria agüentar mais muito tempo.
Não, a morte não o assustava, e, embora não a entendesse, também não sentia medo.
Nuvens de dor passeavam frente aos seus olhos. Olhou para seu rosto tranqüilo.
-Espero que sim, ele tentou falar... mas você olhou para seus rostos enquanto matavam? Prazer, prazer puro.
Seu sorriso era uma linha fina e perfeita. Ela tinha mudado, totalmente.
-Você já viu seu rosto enquanto matava, perguntou, quando você matava? Eu vi, lembra? Foi assustador e você não estava matando, mas quando você estava me perseguindo.
Ele fechou os olhos. Porque tenho que ouvi-la?
Ela virou uma criatura irracional, convertida por toda esta nova violência.
-Talvez você tenha visto prazer em seus rostos, falou, não me surpreenderia, eles são jovens e são assassinos, assassinos por direito. São respeitados pelo que fazem, admirados por isso. O que você esperava deles? São apenas homens. E homens podem aprender a gostar de matar. É uma história bem antiga, Neville, você sabe.
Olhou para ela.

Seu sorriso era o sorriso forçado de uma mulher que está tentando esquecer de como é ser uma mulher em favor de sua dedicação.
-Robert Neville, ela disse, o último de sua raça.
-O último? Murmurou, sentindo todo o peso de uma solidão imensa.
-Tão quanto sabemos, disse casualmente, você é único, sabe. Quando morrer, não sobrará ninguém como você em nossa sociedade.
Ele olhou para a janela.
-Aquela pessoas lá fora...
Ela assentiu.
-....estão esperando pela minha morte?
-Pela sua execução.
Neville sentiu os músculos enrijecerem e olhou firme para ela.
-É melhor se apressarem, disse ele sem medo.
Olharam-se por um longo momento. Então algo pareceu acontecer com ela.
Sua face se tornou sem expressão alguma.
-Eu sabia que você não teria medo.
Acariciou a mão de Neville.
-Quando pela primeira vez eu ouvi a ordem de atacar sua casa, eu ia correr para lhe avisar do ataque. Mas eu sabia que, se estivesse lá, nada o faria sair. Então eu pensei em ajudá-lo a escapar depois que o capturassem. Então me disseram que você tinha sido baleado e eu compreendi que escapar seria impossível.
Um sorriso franco surgiu nos lábios dela.
-Estou feliz que você não tenha medo, disse, você é muito corajoso. Robert.
Em silêncio, ele sentiu a mão dela pegando a sua.
-Como você... entrou aqui? ele perguntou.
-Tenho uma alta patente nesta nova sociedade.
Sentiu suas mãos no corpo dele.
-Não deixe... tossiu sangue ...não deixe que sejam demasiadamente brutais. Demasiadamente sem coração....
-O que eu puder fazer, ela começou a dizer e parou. Sorriu. Tentarei, ela disse.
Não dava mais para continuar, a dor estava pior.
Ruth se debruçou sobre ele.

-Robert, ela disse, me escute. Eles querem executar você. Mesmo que esteja ferido. Eles precisam! O povo ficou esperando lá fora a noite toda. Eles te odeiam, Robert. Tudo que querem é a sua vida.
Ela desabotoou rápido a blusa e puxou um pacote escondido sob o sutiã. Apertou-o contra a mão direita dele.
-É tudo que posso fazer por você Robert, sussurrou, para tornar as coisas mais fáceis. Eu avisei, disse que devia fugir. Sua voz sumiu ligeiramente. Não pode lutar contra todos eles, Robert.
-Eu sei. As palavras saiam guturais de sua garganta.
Por um momento ela ficou inclinada, parecendo naturalmente compadecida.. Era só pose, pensou ele, sua vinda até ali e toda aquela conversa oficial.
Ela tinha medo de ser ela mesma. Ele podia entender isso.
Ruth se inclinou e seus lábios frios tocaram os dele.
-Logo você estará com ela, ela murmurou.
Então se endireitou e abotoou a blusa. Olhou para ele por mais um longo tempo.
-Tome-as logo, murmurou antes de sair.
Ele ouviu seus passos. Então a porta se fechou e ele ouviu quando foi trancada.
Fechou os olhos e sentiu lágrimas quentes escaparem dos olhos.
Adeus, Ruth.
Adeus, tudo.
Com um movimento só, sentou-se. Recusava-se a ceder à dor que lhe queimava o peito. Dentes cerrados, ficou então de pé.
Quase caiu, recuperou o controle e atravessou a sala com as pernas bambas, quase sem senti-las.
Alcançou a janela e olhou para fora.
A rua estava tomada de gente. Sob a luz cinzenta da manhã, o som era o de um milhão de insetos.
Olhou para aquela gente, sua mão segurando a barra da janela e os olhos febris.
Então alguém o viu.
Um súbito aumento de vozes e então alguns começaram a gritar.
E então o silêncio, como uma pesada capa tivesse caído sobre eles.
Ainda o olhavam, com suas faces pálidas.
E pensou, eu sou o anormal agora.
Normalidade era um conceito da maioria, o padrão de muitos, não de um homem apenas.

Aquela conclusão somou-se ao que viu nas suas faces, medo, pavor, o horror e ele soube que tinham medo dele.
Para eles, Neville era algo desconhecido, que jamais haviam visto antes, pior até do que a doença ao qual haviam se habituado a enfrentar. Ele era um espectro invisível que sobrara como prova da existência dos corpos sem sangue de seus entes queridos.
E ele entendeu o que sentiam e não os odiou.
A mão direita apertava o envelope com pílulas.
Ao menos, o fim não viria violentamente, não seria uma carnificina.
Robert Neville olhou para o novo povo sobre a Terra.
Sabia que não pertencia àquela gente, sabia que, como os vampiros, ele era o anátema, o terror a ser destruído. E abruptamente, outra idéia nascia, divertindo-o, apesar da dor.
Uma gargalhada partiu de sua garganta. Virou-se, apoiando as costas na parede enquanto engolia as pílulas.
O circulo se fechava e se reiniciava, pensou sentindo a letargia final tomar conta de seu corpo.
Um novo terror nascia com sua morte, uma nova superstição se instalava na fortaleza da eternidade.
Eu sou a lenda.

FIM.

[1]

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups.google.com/group/digitalsource

[1] Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.